TRAILER·DISC:

O MELHOR DOS NOVOS LANÇAMENTOS

Todo mês BIZZ dará a você um compacto com trechos de músicas que acabaram de ser gravadas. Em primeira mão, o som do futuro. Neste primeiro Trailer Disc, você encontra:

Foto Ebet Roberts LFI

Prince

1 **Prince & the Revolution** com *Raspberry Beret*, uma instigante síntese do pop/funk dos anos 80 com o rock psicodélico da década de 60.

2 Os **Titãs** com *Insensível*, uma tocante e dançante canção de amor uêive.

3 O grupo paulista **Zero**, com *Heróis*, seu primeiro lançamento.

4 O tecnotrio inglês **Heaven 17**, com *Flame Down*, soul de olhos azuis feito à moda européia.

5 A banda **Stress**, pauleira de Belém do Pará, com *Heavy Metal*, um resumo de suas intenções roqueiras.

Foto CBS

Zero

Foto CBS

Capital Inicial

Bb

1 Mais **Heaven 17**, desta vez com *Sunset Now*. Para quem não sabe, o grupo dos produtores de *Let's Stay Together*, o hit de Tina Turner.

2 **Power Station** com *Some Like it Hot*. Investida extracurricular de dois quintos do Duran Duran com o vocalista Robert Palmer e o baterista Tony Thompson, do Chic.

3 O **Capital Inicial**, a nova banda brasiliense, com *Descendo o Rio Nilo*, sua estréia em disco.

4 Os ingleses **Spelt Like This**, com *Contract of the Heart*, um instrumental endereçado às pistas de dança.

5 A **Gang 90** com *Rosas e Tigres*, seu primeiro lançamento após a morte do fundador Júlio Barroso, um dos co-autores da faixa.

BIZZ

De alguns anos para cá, o mercado brasileiro passou por uma notável transformação.

O jovem passou a ter maior relevância no perfil do novo consumidor, também no interior.

Surge BIZZ!

O aumento expressivo do consumo de produtos para o jovem — jeans, tênis, motos, picape, áudio e vídeo, um universo infindável — correu paralelo a um aumento no público de shows e festivais, na vendagem de discos e ao surgimento e grande expansão de um novo fenômeno, o videoclip.

Surge BIZZ!

Se esta transformação pôde ser facilmente percebida, não se percebeu no mercado editorial o surgimento de uma publicação que se preocupasse em acompanhar o centro desta transformação, o jovem, e seu centro, a música entendida em seu sentido mais amplo — como seu ponto de referência, sua companheira, como trilha sonora de seu mundo.

A isto se propõe BIZZ. *A se transformar em veículo de informação de um público com nítida mas ainda não atendida necessidade de informação sobre o mundo musical. E sobre tudo que o cerca: o comportamento, o visual, a mudança.*

BIZZ, *como você vai ver nas páginas seguintes, é isto. Vitalidade, garra, informação. Nunca fora de sintonia.*

BIZZ, *para você divertir-se muito e estar sempre bem-informado a respeito da música popular mundial.*

Foto Pedro Rubens

ESTE MÊS

TODO MÊS

Foto da capa LFI

AS 25 MAIS — A partir do número 1, **BIZZ** incluirá uma parada de sucessos tirada de três fontes de pesquisa. Serão computadas as execuções em 200 rádios de todo o país, mais as vendas em lojas de discos e um levantamento feito diretamente com os leitores da revista. Será a primeira parada feita no Brasil digna de credibilidade, por sua abrangência representativa. Sua elaboração prevê ainda um boletim quinzenal, com "as 25 mais" e notícias do meio musical, para distribuição entre os programadores.

SERVIÇOS — Além de uma seção de cartas, **BIZZ** separou um canto generoso para dar aos leitores um canal de comunicação entre si. Quem quiser anunciar discos usados, caçar um baixista para sua banda ou pedir a discografia de seu grupo favorito — o que for — escreva para a gente: Caixa Postal 2372, São Paulo/SP.

SHOWBIZZ

Deu Cyndi na cabeça

Foto Gamma

E O VENCEDOR É...

Pela terceira vez, personalidades do rock recebem seus prêmios da American Video Awards, por trabalhos em clip. Este ano a coisa ficou assim: vídeo pop para *Time After Time* de **Cyndi Lauper**, performance feminina para **Cyndi Lauper** em *Time After Time*, performance masculina para **Weird Al Yankovic** em *Eat It*, performance de grupo para **Huey Lewis and The News** em *Heart of Rock'n'Roll*, vídeo soul para **Prince** em *When Doves Cry*, vídeo country para **Moe Bandy** e **Joe Stampley** em *Where's the Dress* e finalmente novo artista de vídeo para os inefáveis **Wham!**, em *Wake me Up Before You Go Go*.

Mark Knopfler e asseclas de disco novo

Foto LFI

CONVIDADOS DOS STRAITS

É difícil não fazer um bom trabalho com músicos convidados como Michael e Randy Brecker, Tony Levin (King Crimson), Omar Hakim (Weather Report), Malcolm Duran (Average White Band) e Sting (Police). Todo este povo está no novo LP do Dire Straits, *Brothers in Arms*, lançado agora nos Estados Unidos.

ENXURRADA INSTRUMENTAL

A partir de junho o país será inundado pela música instrumental. De 6 a 11 de agosto, o Teatro do Hotel Nacional, no Rio, abrigará o primeiro festival brasileiro de música instrumental, que incluirá apresentações de artistas como Egberto Gismonti, Hermeto Paschoal, Joel Nascimento, Uakti e, no lado internacional, Joe Pass, Toots Thielemans, Pat Metheny e Hubert Laws.

DYLAN RENASCIDO. DE NOVO?

Bob Dylan, que há uns anos trocou seus incisivos comentários sócio-políticos por pregações do evangelho, parece ter renascido. Mais uma vez. Seu novo disco, batizado *Empire Burlesque*, foi produzido por **Arthur Baker** — que assina aquele som robusto e pesado das últimas remixagens de **Bruce Springsteen**, **David Bowie** e **Rolling Stones**.

Sua Excelência Robert Zimmerman: um imperador Burlesco

Foto Sven Simon

Dave Stewart e o (deus)a Annie Lennox: menos tecno, mais metais

Foto Terry Smith Camara Press

EURYTHMICS A GRANEL

Enquanto no Brasil só agora está saindo a trilha sonora do filme *1984*, assinada pela dupla inglesa **Eurythmics**, lá fora eles já lançaram seu novo álbum, *Be Yourself Tonight*. Para quem já acompanha a carreira da dupla formada pela vocalista **Annie Lennox** e o guitarrista e tecladista **Dave Stewart**, muitas novidades — guitarras pesadas, metais e a participação especial de **Aretha Franklin** e **Elvis Costello**.

Quatro jovens promissores: nada de Besame Mucho

Foto Harry Hammond LFI

BEATLES AUTOCENSURADOS

Primeiro, jornalistas pândegos do **New Musical Express** espalharam e a grande imprensa britânica comprou: **Julian Lennon** iria gravar com os três **Beatles** remanescentes. Foi o maior fiti, logo desmentido. Mais recentemente, os Beatles viraram notícia de novo. A gravadora EMI teve de abandonar seus planos de lançar *Sessions*, com 13 músicas inéditas dos rapazes de Liverpool. Paul, George e Ringo não aprovaram. Se tivessem aprovado, o mundo logo iria conhecer **Besame Mucho** (é, aquela mesmo) na voz de Paul. Ou ainda a versão acústica de *While my Guitar Gently Weeps* e uma versão do sucesso de 1959 *Leave my Kitten Alone*, de **Little Willie John**.

WHAM! A TODA

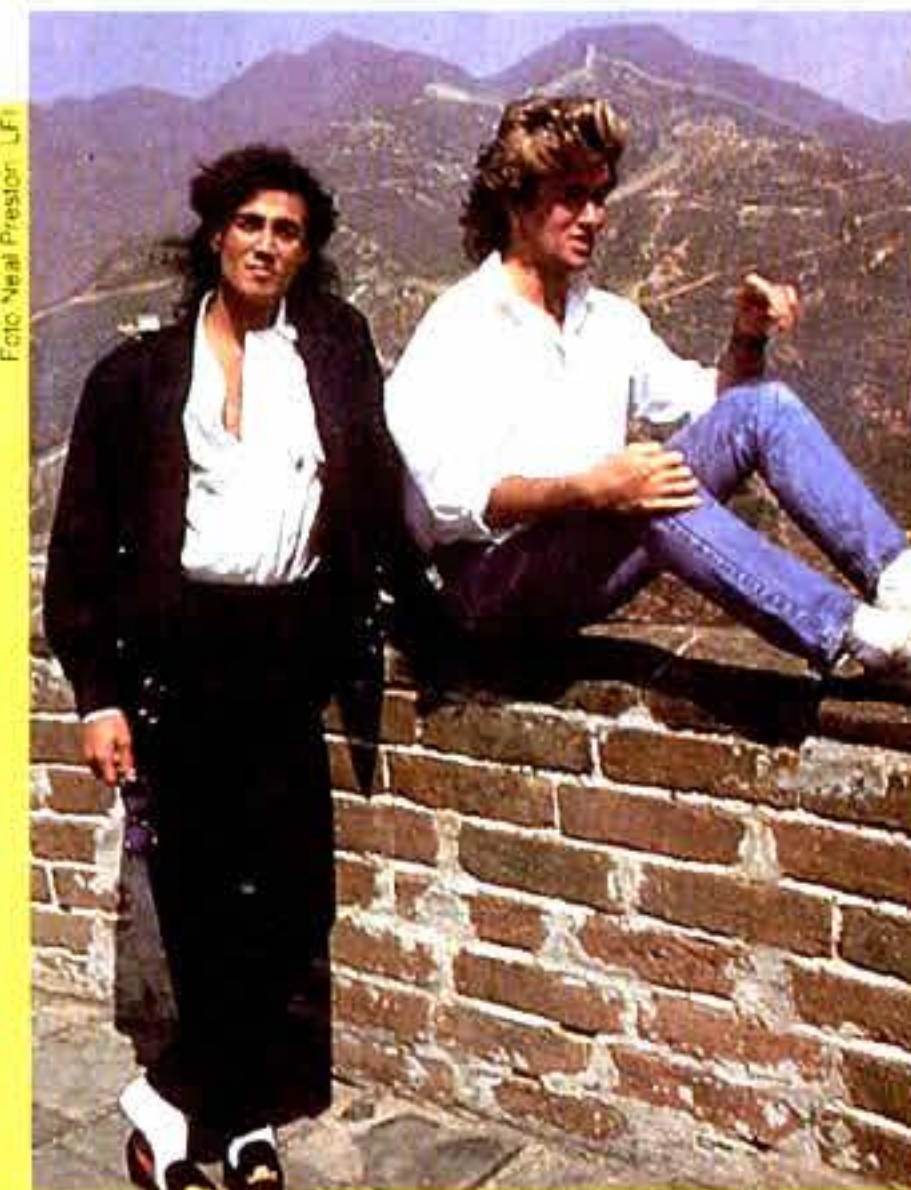
A dupla infanto-juvenil **Wham!** não ficou contente em entrar para a história como a primeira banda de rock do mundo a tocar na **China**. Vai ser também a primeira banda ocidental a ter um disco fabricado e distribuído naquele país como resultado de um acordo entre **Wham!**, **CBS**, **Centro de Intercâmbio Cultural** chinês e a **Yamagen**, uma empresa de Hong Kong. A excursão chinesa vai estar nas telas do mundo a partir de setembro, num documentário dirigido por **Lindsay Anderson** (que já fez o memorável **If**, com **Malcolm McDowell**).

Andrew Ridgeley e George Michael: mais uma muralha milenar

Foto Neal Preston LFI

EMERSON, LAKE & POWELL

Mestres do progressivo sinfônico, **Emerson, Lake & Palmer** literalmente eletrizaram platéias entre 69 e 80 com suas caudalosas sinth-sinfonias. Agora, para os fãs saudosos, uma boa notícia: Keith Emerson e Greg Lake recrutaram o baterista Cozy Powell (ex-Whitesnake) para reformar o trio. O primeiro LP deve sair em agosto.

Greg Lake, Keith Emerson e Carl Palmer: o velho ELP

Foto Europa Press

FUNCIONA SIM

A indústria nacional de equipamentos para sonorização de ambientes e realização de shows fará demonstrações de seus produtos de 12 a 16 deste mês no Sesc-Pompéia em São Paulo. É o Projeto Sonar, produzido por **Celso Nogueira** e pela produtora Raio X.

O objetivo é provar que os equipamentos nacionais também funcionam. Nos shows, estarão, entre outros, **Arrigo Barnabé**, **Banda Metalurgia**, **Sossega Leão**, **Pau Brasil**, **Smack** e **Laura Finokiaro** (ver roteiro na página 10).

PEPEU GOES TO MONTREUX

No dia 11 passado **Pepeu Gomes** deu seu primeiro show após o Rock in Rio. Sem Baby, ele fez uma mostra do que tocará este mês no Festival de Montreux.

O show foi na mais nova danceteria de São Paulo, o Dançódromo 40, em Santana, zona norte da cidade. A galera, que antes dançava ao som de B-52's, Ultraje a Rigor e delirava com Twisted Sister e Quiet Riot, correspondeu aos apelos de Pepeu cantando *Masculino e Feminino*, mas sem grandes entusiasmos. HA!

Pink Floyd: progressivo best seller

AO TILINTAR DAS REGISTRADORAS

Foi lançado em 1973, há mais de 570 semanas. Mas continua na lista dos 200 álbuns mais vendidos da revista americana *Billboard*. É o *Dark Side of the Moon*, do extinto **Pink Floyd** (ver discoteca básica na pág. 58). Se *Thriller*, de **Michael Jackson**, que sobrevive bem na parada, tentasse obter o mesmo feito, teria que se segurar até 1993.

As Cabeças, da esquerda: David Byrne, Jerry Harrison, Tina Weymouth e Chris Frantz

HEADS NA BOCA DO FORNO

Sai no dia 26 de junho no Brasil *Little Creatures*, novo LP do **Talking Heads**. Há indicações de que as músicas estão mais na linha do começo de carreira da banda que na vertente afro-funk adotada depois. O disco sai aqui onze dias depois do lançamento americano. Mas inexplicavelmente ainda não assistimos a *Stop Making Sense*, filme com a banda concebido por **David Byrne** e dirigido por **Jonathan Demme**.

O mesmo Demme, aliás, vai dirigir o clip do primeiro compacto do **New Order** lançado nos Estados Unidos, *Perfect Kiss*.

MOVIMENTAÇÃO DE ESTÚDIO

As gravadoras já estão ocupando estúdios para os lançamentos nacionais de julho e agosto. Aqui vão alguns deles:

• A Continental vem com o grupo paulista **Sossega Leão**. A banda, depois de passar dois anos fazendo shows e animando bailes com os sons do Caribe, decidiu gravar seu primeiro LP que trará músicas antigas e composições inéditas do próprio grupo.

Barão e Dusek (abaixo) vêm aí

• Já a Polygram prepara o quarto LP de **Dusek**, mais **Erasmo Carlos** e *Todas*, novo disco de **Marina** que tem, na música título, uma parceria da cantora com Antônio Cícero e Nico Rezende.

• A RCA trabalha seu mais recente contratado: **Tim Maia**. O disco vem com músicas novas e a regravação de *Leva*.

• A WEA, que andou agitada com **Ultraje a Rigor, Ira!** e **Titãs**, está preparando o próximo disco do **Kid Abelha** e o novo LP de **Lulu Santos**, *Normal*, com estúdios marcados no Rio e em Nova York. A gravadora também está trabalhando com músicos que iniciam, agora, sua carreira solo. Em julho, sairá com os compactos de **Zé Luiz**, que toca sax na Banda Nova, de Caetano Veloso, e **Celso Fonseca**, guitarrista do Gil.

• A Som Livre promete um novo disco do **Barão Vermelho** para setembro ou outubro. A gravação começa em julho.

GUITARRAS NAS TRILHAS

Tem cada vez mais músico de rock fazendo trilha sonora. **David Bowie** juntou-se a **Pat Metheny** para fazer *This is not America*, do filme *The Falcon and The Snowman*. E o mesmo Metheny associa-se agora ao ex-Beatle **Paul McCartney** na elaboração da trilha de *Twice in a Lifetime*, estrelado por Gene Hackman e Ann-Margret.

O **Duran Duran** também entrou nessa, fazendo uma música para um filme de James Bond. Os simpáticos gatinhos entram assim num rol de compositores para 007 que inclui Paul McCartney, Carly Simon, Rita Coolidge, Sheena Easton e Shirley Bassey. A música se chama, como o filme, *A View to Kill*. E a nova aventura é estrelada por **Roger Moore** e a chiquérrima **Grace Jones**.

Os Duranies e mestre Bowie, duas gerações compondo para o cinema

O CLASH DE VOLTA

Quem estava com saudades do **Clash** pode começar a esfregar as mãozinhas. Sai em maio o sétimo álbum da banda, ainda sem título. E o primeiro disco do Clash sem o guitarrista **Mick Jones**, que foi sumariamente demitido em 1983. Também em maio será lançado *The Bottom Line*, primeiro compacto da nova banda de Jones, ainda não batizada.

GATUNOS ROQUEIROS

Se você se encontrar por aí com uma guitarra Ibanez Roadstar Sunburst vagando pelas ruas, pode telefonar para o **Lobão**. É que esta guitarra foi roubada na casa dele, por dois pivetes armados. Nem as visitas escaparam do saque — os ladrões fugiram no carro de **Cazuza**, do **Barão Vermelho**.

PODIA SE CHAMAR THE STEVES

Mas se chama **GTR** (abreviatura de guitarra). É a banda encabeçada por dois Steves: Howe (ex-Yes e Asia) e Hackett (ex-Genesis). O primeiro álbum deve sair em breve. Se os dois mantiverem o pique antigo — o que parece não ter acontecido com Jimmy Page e seu Firm (ver matéria nesta edição) — o resultado poderá ser fantástico.

Regina Casé, a guerrilheira

BREVE NAS TELAS

A irrequieta atriz **Regina Casé**, **Lobão** e os **Titãs** vão estar juntos no filme *Areias Escaldantes*, que tem estréia marcada para julho. O filme, dirigido por Chico de Paula, conta a história de um grupo terrorista. Regina é guerrilheira, Lobão um sargento durão. No meio de tudo, um clip de *Massacre*, som punk do novo LP dos Titãs.

Num canto, Paula Toller. No outro, Léo Jaime (ele também usa óculos)

NORDESTE JÁ!

Já está à venda nas mais de duas mil agências da Caixa Econômica Federal o compacto da campanha *Nordeste Já*, destinado a arrecadar fundos para a população carente daquela região do país. O disco será vendido a Cr$ 10 mil e é resultado de um mutirão do qual participaram mais de 120 artistas, entre eles **Gilberto Gil**, **Tom Jobim**, **Rita Lee**, **Chico Buarque**, **Sandra Sá**, **Paula Toller** e **Léo Jaime**.

SHOW

SÃO PAULO

Zaire Afro Bangue Sala Guiomar Novaes, al. Nothman, 158 (826-3936). Música, dança afro. 12 a 15, 21h. 16, 20h.

Jean e Paulo Garfunkel Sala Guiomar Novaes, al. Nothman, 158 (826-3936). 26 a 29, 21h. 30, 20h.

Roberto Sion e Laércio de Freitas Café Piu-Piu, r. 13 de Maio, 134 (258-8066). Sax, flauta e piano. Domingos, 21h30.

Quarteto Irreverente Café Piu-Piu, r. 13 de Maio, 134 (258-8066). Jazz. Quintas, 21h30.

Tom Zé Lira Paulistana, r. Teodoro Sampaio, 1091 (883-3088). 12 a 16 e 19 a 23, 21h.

Os Inflamáveis Estação Madame Satã, r. Conselheiro Ramalho, 873 (285-6754). 6, 24h.

Os Incontroláveis Estação Madame Satã, r. Conselheiro Ramalho, 873 (285-6754). 7, 24h.

Mig 19 Estação Madame Satã, r. Conselheiro Ramalho, 873 (285-6754). 13, 24h.

UTI Estação Madame Satã, r. Conselheiro Ramalho, 873 (285-6754). 14, 24h.

Voga Estação Madame Satã, r. Conselheiro Ramalho, 873 (285-6754). 21 e 22, 24h.

Conexão Urbana Estação Madame Satã, r. Conselheiro Ramalho, 873 (285-6754). Intercâmbio entre SP e RJ envolvendo bandas, performances e teatro. 24 a 30, 24h.

Cabaré Satã Estação Madame Satã, r. Conselheiro Ramalho, 873 (285-6754). Hector Gonzalez (baixo) e Graciela Di Leonardis (teclado) apresentam música ambiental. Segundas, 24h.

Intelligence Rádio Clube, r. Pedroso de Moraes, 1036 (814-7383). Banda heavy metal que estará lançando seu disco no Brasil. 1 e 2, 24h.

Lobão e Os Ronaldos Radio Clube, r. Pedroso de Moraes, 1036 (814-7383). 14, 24h.

Pau Brasil Rádio Clube, r. Pedroso de Moraes, 1036 (814-7383). 15, 24h.

Metrô Rádio Clube, r. Pedroso de Moraes, 1036 (814-7383). 28, 24h.

Língua de Trapo Teatro do Sesc-Fábrica da Pompéia (864-8544), r. Clélia, 93. Lançamento do LP *Como É Bom Ser Punk*. 19 a 30, 21h.

Zé Eduardo Nazário & Grupo Museu de Arte de São Paulo, av. Paulista, 1578 (251-5644). Música instrumental. 1, 21h.

Paulo Gori Museu de Arte de São Paulo, av. Paulista, 1578 (251-5644). Recital de piano. 2, 11h.

Alex Sandra Grossi Museu de Arte de São Paulo, av. Paulista, 1578 (251-5644). Concerto do meio-dia: "A vida dos instrumentistas" ao piano. 5, 12h30.

Miha Pogacnik (EUA) e **Einar Noekleberg** (Noruega). Museu de Arte de São Paulo, av. Paulista, 1578 (251-5644). Recital de violino e piano. 5, 21h.

Christian Benda e **Sebastian Benda** Museu de Arte de São Paulo, av. Paulista, 1578 (251-5644). Recital de cello e piano. 6, 21h.

Trio Brasileiro Museu de Arte de São Paulo, av. Paulista, 1578 (251-5644). Concerto. 8, 21h.

Orquestra de Câmara "L'Estro Armônico" Museu de Arte de São Paulo, av. Paulista, 1578 (251-5644). Regência de Eleazar de Carvalho. 9, 21h.

Bocato & Banda Bloco Museu de Arte de São Paulo, av. Paulista, 1578 (251-5644). Show, música instrumental. 15, 21h.

Suely Bispo Stedn Museu de Arte de São Paulo, av. Paulista, 1578 (251-5644). Recital de piano. 17, 21h.

Marcelo Fernandes Dias Museu de Arte de São Paulo, av. Paulista, 1578 (251-5644). Recital de violino. 1, 17h.

Ilka Machado e **Angela Muner** Museu de Arte de São Paulo, av. Paulista, 1578 (251-5644). Recital de canto e piano. 15, 17h.

Opeste Rock in Concert Aramaçã Clube, r. São Pedro, 345, Santo André. 6 horas de som com Lobão, Metrô, Tchau, Kid Abelha, Joe, RPM. 1, 19h.

Pool FM Estacionamento Shopping Center Eldorado, av. Rebouças, 3970. Show com Biafra, Analfa, Ira, Telex, RPM. 16, 11h.

Projeto Sonar Teatro do Sesc-Fábrica da Pompéia, r. Clélia, 93 (864-8544). Semana de música paulista: dia 12 *Tetê Espíndola e Banda Metalurgia*; dia 13 *Marlui Miranda e Grupo Pau Brasil*; dia 14 *Jean e Paulo Garfunkel e Sossega Leão*; dia 15 *Cida Moreira e Arrigo Barnabé*; dia 16 *Smack e Laura Finokiaro*. Sempre às 21h.

RIO DE JANEIRO

Enrico Rava Jazzmania, r. Rainha Elizabeth, 769. Concerto de trompete. 31/5 e 1/6, 22h45.

Marcos Ariel e Grupo Usina - Música Instrumental Brasileira Jazzmania, r. Rainha Elizabeth, 769. 13, 14, 15, 22h45.

Naná Vasconcelos Jazzmania, r. Rainha Elizabeth, 769. 25, 22h45.

Beto Saroldi e Banda Jazzmania, r. Rainha Elizabeth, 769. 26, 22h45.

Nivaldo Ornellas e **Nico Assunção** Jazzmania, r. Rainha Elizabeth, 769. 27, 28 e 29, 22h45.

Geraldinho Azevedo Circo Voador, Arco da Lapa, Centro. 7 e 8, 24h.

Moraes Moreira e **Armandinho** Circo Voador, Arco da Lapa, Centro. 14 e 15, 24h.

Xangai Circo Voador, Arco da Lapa, Centro. 21 e 22, 24h.

Lula e Lenine Circo Voador, Arco da Lapa, Centro. 29, 24h.

Legião Urbana Metrópolis, Estrada do Joa, 150, São Conrado. 30, 31/5 e 1/6, 24h.

Beijo na Boca e **Flash** Metrópolis, Estrada do Joa, 150, São Conrado. 2/6, 1 h.

Herva Doce Noites Cariocas, av. Pasteur, 520. 31/5 e 1/6, 1h.

VIDEOCLUBES E SALAS DE PROJEÇÃO

SÃO PAULO

Carbono 14
R. 13 de maio, 363 (34-7591)

Joy Division *Here Are the Young Men.*
20h30 e 22h, dias 7, 8 e 9.

Bauhaus *Shadow of Light* e *Archive.*
20h30 e 22h, dias 21, 22 e 23.

Echo and the Bunnymen *Porcupine* (último vídeo do grupo — pirata) e *Picture on My Wall.*
20h30 e 22h, dias 14, 15 e 16.
Ao vivo no Royal Albert Hall (1984) e reprise do *Porcupine.*
20h30 e 22h, dias 28, 29 e 30.

Festival de Bayreuth - 4 Óperas de Wagner Seqüência *O Anel dos Nibelungos: O Ouro do Reno, As Walkyrias, Sigfried e Crepúsculo dos Deuses. Produção e Direção:* Patrice Chereau. *Regência:* Pierre Boulez.
20h, toda quarta-feira deste mês.

Livraria Neon
Praça Benedito Calixto, 18 (883-0633)
Programação de vídeos de rock, novidades underground e vídeos brasileiros.
20 e 22h, sextas e sábados.

Centro Cultural
Rua Vergueiro, 1000 (270-5746)

Rancho Notorius Fritz Lang
24h, dias 13, 14 e 15.

A Herança do Serramontti Mauro Bolognini
24h, dias 21 e 22.

Otelo Sergei Yutkezich
24h, dias 24 e 25.

Hamlet Grigori Koinkozint
19h, dias 28, 29 e 30.

Museu de Arte de São Paulo
Av. Paulista, 1578 (251-5644)
Ciclo de filmes **Alexander Kluge**
16h, dia 23.

A Alma do Brasil A. Wulfes e L. Luxardo (1932)
21h, dia 10.

Museu Lasar Segall
Rua Afonso Celso, 362 (572-8211)

Gordos e Magros Mário Carneiro
16, 18 e 20h, dia 1. 15h, 17h, dia 2.

Um Anjo Azul Josef von Sternberg
20h, dia 7. 16, 18 e 20h, dia 8. 15 e 17h, dia 9.

Tabu Murnal e **Tabu** Julio Bressane. Sessões intercaladas.
20h, dia 14. 16, 18 e 20h, dia 15. 15 e 17h dia 16.

Solaris Alexis Tarkovsky
20h, dia 21. 16, 18 e 20h, dia 22. 15 e 17h, dia 23.

Fome de Viver Tony Scott.
20h, dia 28. 16, 18 e 20h, dia 29. 15 e 17h, dia 30.

Instituto Goethe
R. Lisboa, 974 (280-4288)
Ciclo de documentários alemães sobre a vida do trabalhador na RFA.

A Quarta Geração Christoth Huebner e Theo Janssen. Legendas em espanhol. 20h, dia 11.

Agência de Correios 2 Christian Gerhards e Genot Steinweg. Legendas em espanhol.
20h, dia 11.

Duisburg - 480 Toneladas até 15 para as 10 Rainer Komers e Ralf Kurdach. Legendas em espanhol.
20h, dia 11.

A Colheita da Madeira Enzio Edschmid. Legendas em espanhol.
20h, dia 12.

365 Dias no Ano Dietrich Schubert. Legendas em espanhol.
20h, dia 12.

Associação de História Enzio Edschmid. Legendas em espanhol.
20h, dia 18.

História da Vida do Mineiro Alfons S. Christoth Huebner e Gabriele Voss. Legendas em espanhol.
20h, dia 19.

Floez Dickebank - Entretanto Despertamos Johanes Fluetsch, Klaus Helle e Marlis Kallweit. Legendas em espanhol.
20h, dia 19.

Eintracht Borbeck Susanne Beyeler, Painer Marz e Manfred Stelzer. Legendas em espanhol.
20h, dia 19.

Willi Bleicher Hames Karnick e Volfgang Richter. Legendas em espanhol.
20h, dia 25.

Sindicatos Dublado em português.
20h, dia 26.

Como Vive o Operário Seatam Dudov. Mudo.
20h, dia 26.

Kuhle Wampes Slatam Dudov e Bertold Brecht. Legendas em espanhol.
20h, dia 26.

Cineclube GV
Av. Nove de Julho, 429

Corações e Mentes Peter Davis
16, 18, 20 e 22h, dias 1 e 2.

Apocalypse Now Francis Coppola
16, 18, 20 e 22h, dias 6, 7, 8 e 9.

Cinesesc
R. Augusta, 2075 (282-0213)

Janela Indiscreta (Alfred Hitchcock, EUA, 1954) James Stewart e Grace Kelly.
13h30, 15h40, 17h50, 20 e 22h10. 31 de maio e 1 de junho.

Vítor ou Vitória? (Blake Edwards, EUA, 1983) Julie Andrews, Robert Preston e James Garner.
14, 16h30, 19h, 21h30. 2 e 3 de junho.

Amarcord (Federico Fellini, Itália, 1974) Magali Noel e Bruno Zanin.
13h30, 15h40, 17h50, 20h e 22h10. 6 e 7 de junho.

Encontro Marcado em Veneza (Franco Brussatti, Itália, 1979) Erland Josephson, Mariangela Melato, Davi Pontremolli e Hella Petri.
14, 16, 18, 20 e 22h. 8 e 9 de junho.

Feios, Sujos e Malvados (Ettore Scola, Itália, 1981) Nino Manfredi.
14, 16h30, 19h e 21h30. 10 e 11 de junho.

Fome de Viver (Tony Scott, Inglaterra, 1983) Catherine Deneuve, David Bowie e Susan Sarandon.
14, 16, 18, 20 e 22h. 12 e 13 de junho.

Sessão Cinemateca

A Grande Ilusão (Jean Renoir, França, 1937) Jean Gabin, Eric von Stroheim, Pierre Fresnay e Marcel Dalio.
11h30. 1 de junho.

Verdades e Mentiras (Orson Welles, França, Irã e Alemanha Ocidental, 1973) Orson Welles, Joseph Cotten, Howard Hughes, Peter Bogdanovich, François Reichenbach, Oja Kodar.
11h30. 8 de junho.

A Regra do Jogo (Jean Renoir, França, 1939) Marcel Dalio, Nora Gregor, Jean Renoir.
11h30. 15 de junho.

Música e Fantasia (Bruno Bozzetto, Itália, 1976)
11h30. 22 de junho. Reprise na Sessão Zig-Zag, dia 23.

Napoléon (Abel Gance, França, 1927) Antonin Artaud, Alberto Dieudonné, Harry Krimer.
11h30. 29 de junho.

RIO DE JANEIRO

Museu da Imagem e do Som
Praça Rui Barbosa, 1, Praça XV
Ciclo de Cinema Alemão no MIS

Malu Regina Ziegler
18h30, 11 de junho.

La Ferdinanda Rebecca Horn
20h30, 11 de junho.

Os Cinco Últimos Dias Percy Adlon
18h30, 12 de junho.

O Relatório de Willy Bush Kiklaus Schiling
18h30, 13 de junho.

O Tambor Volker Schlondorff
18h30, 14 de junho.

Roleta Chinesa Rainer Werner Fassbinder. Inédito.
18h30, 18 de junho.

1 + 1 = 3 Heidi Gene
20h30, 18 de junho.

Celeste Percy Adlon
18h30, 19 de junho.

Berlim Praça Chamisso Rudolf Thome
18h30, 20 de junho.

Kamikaze 1989 Wolf Gremm
18h30, 21 de junho.

The Compleat Beatles Documentário sobre a carreira dos Beatles.
21h, 7 de junho. 17h e 18h, 8.

Jimi Plays Berkeley Show de Jimi Hendrix no Berkeley Community Theatre.
21h, 13 e 14 de junho. 17h e 18h, 15.

Gimme Shelter Documentário sobre a turnê norte-americana que os Stones fizeram em 1969.
21h, 20 e 21 de junho. 17h e 18 h, 22.

The Kids Are Alright Documentário sobre a carreira do Who.
18h30, 27 e 28 de junho. 17h e 18h, 29.

Quadrophenia Ópera-rock baseada no disco homônimo do Who.
21h, 27 e 28 de junho. 18 h, 29.

Dave Brubeck ao vivo no Japão. Participação de Jaco Pastorius.
18h30, 7 de junho.

RÁDIO

SÃO PAULO

FM 97 97.7

Visual Esportivo Dicas de surf, vôo livre e skate. Música punk (importados e nacionais).
18 às 19h, sextas.

Sunshine Especial Rock, pop internacional e nacional.
21 às 22h, sábados.

Especiais Grupos nacionais e internacionais. Um por programa.
24 às 2h, sábados.

Sessão Rocambole Só heavy metal.
15 às 16h, domingos.

Flash Comper Músicas flashbacks nacional e internacional.
24 às 2h, domingos.

USP FM 93.7

Rádio Matraca Produção Língua de Trapo.
15h, sábados.

Concerto de Rock
16h, sábado.

Quase Lindo Produção Vandi e Biafra do Premeditando o Breque.
17h, sábados.

Não Tranca que lá Vem Alavanca Humor produzido por Irmãos Bambulha.
17h30, sábados.

Sinergia Música progressiva instrumental.
18h, sábados.

Anos 60 - A Década Explosiva Panorama cultural no Brasil e no mundo.
19h, sábados.

Espaço Alternativo Entrevistas e gravações com músicos independentes.
21h, sextas.

Radioatividade Especiais: **Black Music**, 19h, dia 1. **Intérpretes da MPB**, 18h, dia 5. **Canções Românticas**, 19h, dia 8. **Jovem Guarda**, 19h, dia 8. **Jazz II**, 19h, dia 15. **Rock Experimental**, 18h, dia 19. **Bossa Nova** ao vivo, 19h, dia 22. **Black Music**, 18h, dia 26. **Blues**, 19h, dia 29.

Gazeta FM 88.0

Rock 1, 17h, sábados e **Rock 2**, 19h, sábados. Painel das 3 décadas do rock.

Selo Vermelho Discos raros.
19h, domingos.

Transamérica 110.0

Reprise Programa de flashback nacional e internacional.
22 às 2h, domingo à quinta-feira.

Top Dancing Programa de músicas dançáveis nacionais e internacionais, baseado na revista *Billboard*.
22 às 24h, sexta-feiras.

Este Som Eu Quero Um artista convidado faz a programação de sua preferência.
18 às 19h, sábados.

Grandes Nomes da Música Pop Especial sobre determinado artista de sucesso.
18 às 19h, domingos.

Pool FM 89.1

Estúdio 89 Cada noite um disc-jockey faz a programação com ritmos dançantes.
22 às 23h, segunda a sexta.

Rock Programado por Marquinhos e Magal do Madame Satã.
22h30 às 23h, terças.
Também com Gabriel, ex-programador da Pool Music Hall.
22h30 às 23h, terças.

Cultura AM 1.200

Rock Expresso 16h, sábados.

Matéria-Prima Entrevistas, música, variedades.
13h30 às 15h30, segunda a sexta.

Cultura FM 103.3

Rock Expresso.
19h, sábados.

Antena 1 94.7

Blue Moon Programado por Fernando Naporano, crítico da *Folha de S. Paulo*.
24 às 2h, sábados.

New Beat Programado por Kid Vinil.
17h, domingos.

RIO DE JANEIRO

Fluminense FM 94.9

Rock Alive Programado por Maurício Valadares (Parada Inglesa, lançamentos mais vanguardistas), Paulo Sisino (rock pauleira), Liliarte Yusin (funk).
22 às 23h, diariamente, exceto terças.

O Assunto é Jazz Bem tradicional, produzido por Luis Carlos Antunes.
22h, terças.

Pelos Porões do Rock Entrevistas e especiais. 18h, sábados.

Espaço Aberto Exclusivamente música brasileira, produzido por Alex Mariano.
19h, todos os dias.

Guitarras Produzido por Paulo Sisino dando preferência ao heavy metal.
13h, sábados e domingos.

Chiclete com Banana Mistura de reggae, country e sons suaves.
6h, todos os dias.

Blues Programa novo que estreará este mês.
18h, domingos.

Rádio Cidade 102.9

Música Contemporânea Produzido por Alberto Carlos de Carvalho e Monika Venerabile.
13h, segunda a sábado.

SÃO PAULO, Grandes Galerias. Você entra ou pela av. São João, 439, ou pela r. 24 de maio, 62. Uma verdadeira colméia de lojinhas carregadas de bugigangas made in Hong Kong, pedras semipreciosas, equipamento para silk screen, cabeleireiros especializados em corte black power e trancinhas afro.

O mais importante é que, você uma vez lá dentro, se você quiser, pode passar horas escolhendo discos e participando de fervorosos debates sobre a história do rock'n'roll.

BARATOS AFINS

Uma gravadora independente ameaçada. *Luísa de Oliveira* faz o diagnóstico

Em plena galeria, a Baratos em pessoa entre representantes de grupos de seu catálogo. De baixo para cima: Luiz Antonio (Chave do Sol), Luiz Calanca, Hélcio Aguirra (Harppia), Robson Goulart (Performance's) e Sérgio Santana (Patrulha do Espaço).

Este santuário do consumismo esconde várias lojas de discos que, pela abrangência de seu estoque, transformaram a galeria em um dos mais tradicionais pontos de encontro dos roqueiros da cidade.

Dessas lojas, uma não se contentou com os discos oferecidos pelo mercado e resolveu criar seu próprio selo. Por isso, atenção: você pode entrar numa loja e estar ao mesmo tempo dentro de uma gravadora independente.

Iniciativa das mais corajosas, num circuito quase que totalmente ocupado pelos grandes selos internacionais, a Baratos Afins já registra em seu catálogo uma série de momentos históricos do rock brasileiro. E tem mais: constitui hoje a única trincheira fonográfica das novas bandas paulistanas, que podem ainda desfrutar do luxo de fazer seu disco com sua própria concepção de produção em estúdio.

Mas essa garra e heroísmo estão ameaçados. Por problemas financeiros e empresariais, a Baratos vem sofrendo sua maior crise.

Refúgio defensor

Luiz Carlos Calanca, cheio da onda da *discothèque*, resolveu em 1978 abrir uma loja de discos para pessoas que se sentissem no mesmo barco. O sucesso foi instantâneo, reforçado pelo mítico status adquirido pela loja, o de "refúgio defensor do rock".

Três anos depois, com a loja já ampliada e concorrentes seguindo o mesmo molde, Luiz decidiu atacar também na produção de discos. Uma decisão desencadeada por sua experiência com discos usados. Sabia que "raridades" fora de catálogo eram disputadas a tapa nos sebos da cidade. Mutantes e Arnaldo Baptista na cabeça.

"Uma obra-prima do rock nacional", Luiz refere-se a *Loki?*, primeiro disco solo de Arnaldo. Ele não está sozinho em seu veredito. Disco originalmente lançado pela Polygram em 74, teve relançamento atrasado por problemas com essa gravadora. Luiz acabou soltando antes, em produção própria, *Singin' Alone*, também do ex-Mutante.

As exigências legais necessárias — abertura de uma firma e criação de um selo — fizeram Luiz assumir a aventura. Em novembro de 82, a Baratos tinha em suas prateleiras o grupo Patrulha do Espaço, um reduto do hard rock. Um ano depois o catálogo engordava. Ganhava o relançamento de *Mutantes e seus Cometas no País dos Baurets* (Polygram, 72) e a estréia da banda Mixto Quente.

"É um compromisso. O pessoal tá todo aí e precisa de uma força que as gravadoras não dão", afirma Luiz. Hoje, a nova geração do rock paulista constitui o grosso de seu catálogo. Uma safra variada, num espectro que vai do rockabilly ao heavy metal. A coletânea *SP Metal* — que reúne as bandas Vírus, Avenger, Salário Mínimo e Centúrias — é o best-seller do selo, com três mil cópias vendidas e uma nova tiragem a caminho.

A Baratos Afins editou também o primeiro LP brasileiro literalmente feito em casa: *Tora! Tora! Tora!* da hilariante Esquadrilha da Fumaça. Inteirinho gravado em um cassete de quatro canais, em um apartamento improvisado como estúdio, o disco só custou a Luiz a prensagem.

Problemas de circulação

Cada lançamento tem normalmente uma tiragem de três mil cópias, prensadas de acordo com a saída, "por falta de espaço para guardar". A partir daí, a Baratos esbarra em seus grandes problemas: distribuição e divulgação.

Segundo Luiz, a venda é feita para lojas no estilo da Baratos. "Antes a gente levava nas lojas e nas rádios, mas já sofremos muita humilhação. Não apóiam, jogam num canto e não ouvem."

Este ano, Luiz pretendia separar a loja do selo e ampliar seu catálogo. Além de vários lançamentos, a reedição de outro clássico do underground nativo, *Para Iluminar a Cidade* de Jorge Mautner (Polygram, 72). Estes discos vão sair, mas talvez sejam os últimos. A Baratos está "paralisada".

Sem grana não dá

Partindo do pressuposto que um disco só começa a dar lucro a partir das primeiras três mil cópias vendidas, só mesmo o *SP Metal* valeu o investimento. Tanto que vem aí o *SP Metal II*, com mais quatro bandas: Abutre, Korsus, Performance's e Santuários. Isso com uma primeira tiragem de cinco mil cópias.

Nenhum mistério. Heavy metal vende mesmo, apesar de muita gente só ter descoberto isso agora. E o resto do catálogo da Baratos Afins, um total de dezenove discos que, daqui a alguns meses, será aumentado para vinte e três?

Dois dos grupos lançados por Luiz, o Smack e os Voluntários da Pátria — ambos sintonizados com o soturno porem elegante minimalismo pós-punk — tiveram pelo menos sucesso de crítica. São reconhecidos como pontas-de-lança do novo rock brasileiro, para não tocar na palavra "vanguarda".

É aí que entra o problema da divulgação e da distribuição. Centralizada na figura quixotesca de Luiz, a Baratos com certeza se ressente de uma estrutura empresarial. Que ele não sabe se virá.

— Preciso dar uma parada, pensar bem. Estou muito confuso, de bode mesmo. Ou a Baratos pára, ou reestruturamos tudo... não sei.

Fotos Rui Mendes

Smack, na linha de frente do rock paulista — de cima para baixo: Pampos (guitarra, vocal), Sandra (baixo, vocal) e Thomas (bateria, vocal). Por que eles não vendem mais?

A PEDRA QUE ROLA SOZINHA

Mick Jagger resolveu tirar férias dos Rolling Stones. Depois de duas décadas à frente da mesma banda, ele gravou seu primeiro disco solo. De quebra, filmou um clip gigante.
***José Emilio Rondeau* conta como foi**

Imagine que você é pedra. Ou melhor, pedra fundamental de um dos principais alicerces de toda a cronologia pop-rock do planeta. Imagine que você, junto com quatro outros comparsas de infância/adolescência, criou uma identidade musical que acabaria apelidada de "a maior banda de rock and roll do mundo!" (com direito a exclamação e tudo mais). Imagine que você é a epítome, a quintessência do rock. Imagine que você é o astro vivo mais fotografado do mundo. Imagine que você se chama Mick Jagger.

Quarenta e um anos, uma discografia vastamente esparramada entre o transcendental e o preguiçoso, a voz mais famosa do rock (e a mais imitada), uma carreira tão prolífica quanto controversa — pilhas de processos variados, que vão de pornografia e difamação a paternidade não assumida. Uma fortuna pessoal acumulada ao longo de turnês milionárias, um pezinho relutante no mundo do cinema, três filhas (duas adolescentes e uma bebê) e, logo quando tudo parecia monótono de tão fácil, sem desafios, a súbita opção de gravar um álbum solo.

O que é que você faz então, Mick Jagger, você, dos lábios de borracha? Deita-se na cama e manda a fama garimpar no estúdio um álbunzinho mais ou menos, do tipo "um hit sólido para tocar no rádio rodeado de encheção de lingüiça por todos os lados"? Grava um disco de clássicos do blues, daqueles que fizeram sua cabeça antes de existirem uns tais Rolling Stones? Ou arregaça as mangas, contrata um produtor "mão-de-ferro" para coibir sua auto-indulgência, convida um naipe estelar de músicos, compõe canções à vera, ajuda a criar um enorme videoclip e, ainda por cima, gerencia as finanças de toda esta operação, fazendo valer seus conhecimentos adquiridos na London School of Economics?

Pois bem, você *não é* Mick Jagger (embora pelo menos metade da população roqueira da Terra sonhe sê-lo). Este cidadão já existe e tomou as decisões cabíveis. E optou pela alternativa 3 — após mais de duas décadas como o quinto mais famoso dos Rolling Stones, Jagger gravou *She's the Boss*, um disco que decerto não mudará o curso da História, mas que mesmo assim é delicioso e imperdível por apresentar ao mundo um Jagger revigorado, sintonizado com o mundo contemporâneo, em forma e disposto a provar que ainda sabe fazer bem o que melhor faz: rock e rhythm'n' blues.

Tudo começou em 1982, quando, após uma associação de dez anos com a Atlantic Records, os Rolling Stones resolveram entregar a distribuição de seus discos à Columbia (CBS). O novo contrato estabelecia que, a partir dali, os Stones deviam quatro álbuns à nova gravadora — como grupo — mais dois outros, a serem providenciados por Jagger, *solito*. O contrato antigo, com a Atlantic, foi encerrado com o álbum *Undercover* e, desde então, não mais se ouviu falar dos Stones. Ou de Jagger.

"Continuar fazendo discos e mais discos dos Stones não me parecia um desafio tão especial assim. Hoje os Stones são como uma verdadeira instituição."

Até que, no ano passado, começaram a pingar daqui e de lá notinhas telegráficas que davam conta de que Jagger estava trancafiado nos estúdios Compass Point, nas Bahamas, com os produtores Bill Laswell (conhecido por seu trabalho com Nona Hendryx, Herbie Hancock e com seu próprio grupo, o Material) e Nile Rodgers (leia-se *Let's Dance* de David Bowie, todos os discos do grupo que ajudou a fundar, o Chic, e três faixas do novo álbum de Jeff Beck). Notinhas mais tarde, soube-se que nenhum dos outros stones compareceria às gravações, cedendo a vez a músicos como a dupla jamaicana Robbie Shakespeare (baixo) e Sly Dunbar (bateria), mais Herbie Hancock, Bernard Edwards, Jan Hammer, Pete Townshend e Jeff Beck.

Em novembro passado, a coisa começou a ficar mais clara — pelo menos para nós, brasileiros — quando Jagger desembarcou no Rio com o diretor Julian Temple para rodar o clip do disco — na verdade, um superclipão de duração prevista entre 45 minutos e uma hora, envolvendo todas as músicas do álbum, muitas como trilha incidental. O *cast* seria basicamente brasileiro, à exceção de dois papéis principais — uma namoradinha do herói da fita, encarnada por Rae Dawn Chong, e um diretor de clips, vivido por Dennis Hopper — e um papel secundário, de astro de rock, confiado ao brasinglês Ritchie.

Naturalmente, a essa altura a indústria fonográfica e a imprensa musical fervilhavam de tanta expectativa — será que Jagger dará com os burros n'água? (tradução: "terá ele feito um disco tolinho e inexpressivo?"). Será esse, enfim, o canto de cisne dos Stones? Os rumores passeavam livremente porque o mais interessado no assunto — Jagger — estava de bico calado. Até que Jagger resolveu falar.

À *Record* Jagger foi sucinto. Garantiu que os Stones ainda têm muita estrada pela frente — estão mixando seu novo álbum e vão lançá-lo em agosto com uma turnê mundial (ouvi alguém falar em Brasil?). O disco solo, na verdade, serviu como uma injeção de ânimo na fórmula de trabalho dos Stones. "Acho que eu queria quebrar um padrão", disse Jagger. "Continuar fazendo apenas discos e mais discos dos Stones não me parecia um desafio tão especial assim. Não que eu deixe de me divertir com os Stones, mas a coisa estava ficando segura demais, porque eles são uma verdadeira instituição."

O primeiro passo em direção à quebra de padrão foi a própria ausência de stones e o empréstimo de auxílio externo. Só há uma parceria com Keith Richards no disco inteiro (*Lonely at the Top*) e, pela primeira vez, Jagger co-assina uma música com um não-stone, Carlos Alomar, antigo adido de um antigo rival de Mick, David Bowie (*Lucky in Love* e a faixa-título).

"Uma das primeiras coisas que Bill Laswell tentou me vender foi a idéia de usar músicos que tivessem personalidade", explicou Jagger à *Record*. "Se os músicos não tiverem personalidade própria, acabam impedindo que o *disco* tenha uma personalidade". Mas existe o outro lado da moeda — que personalidade resistiria à de Jagger, um exigente leonino cujos famosos atributos não incluem a modéstia? "Existem músicos que, gozado, sentem-se intimidados", contou Jagger à revista *Musician*. "Geralmente os mais jovens. Mas tentei ser o mais amigá-

vel possível para evitar isso. Existem muitos artistas que chegam ao estúdio, dão uma olhadinha para ver como vão as coisas, vão embora e só voltam bem mais tarde para colocar os vocais. Eu não, eu falo com as pessoas, reparto uma bebida antes de começar a trabalhar, justamente para que eles possam perder a timidez inicial ou qualquer tipo de preconceito."

E Jagger — autodenominado "artista branco de rock" — sentiu-se intimidado pelos músicos que o auxiliaram em *She's the Boss*? A maioria deles são o que se convencionou chamar "gigantes do jazz". "Possivelmente eles intimidam", confessou Jagger, "mas quando concordam em fazer alguma coisa são bastante cooperativos. E dão duro. E são rápidos. E conseguem *mudar*. O que ocorre com os músicos de rock é que eles não dominam tantos estilos assim. Geralmente eles estão presos a um ou dois estilos. Ao passo que se você chegar para um músico como Herbie Hancock e disser 'esse fraseado aí não está bom', ele não ficará ofendido. Ele é capaz de inventar outros cem fraseados. Um músico de rock não tem essa facilidade."

She's the Boss está repleto de "coisas novas". O primeiro sentimento que o disco inspira é de estranheza, basicamente a de ouvir a voz tão familiar de Jagger, tão imediatamente associável àquele tantão de sujeira técnica dos Stones, desta vez cercada de sons perfeitos, precisos. É impossível não achar que falta aquela sensação de precipício que os Stones sabem criar, a sensação de que aquela massa sonora está descontrolada, prestes a desabar a qualquer momento.

"De maneira alguma esse disco teria a cara dos Stones", concorda Jagger. "Eu poderia ter feito uma cópia bem vagabunda, mas estaria sendo estúpido demais. Muitas das músicas poderiam até ter sido tocadas pelos Stones, mas não soariam como se tivessem sido tocadas pelos Stones. O disco solo do Dave Lee Roth, por exemplo, não tem nada de Van Halen."

Quem é quem em *She's the Boss*

Robbie Shakespeare e Sly Dunbar - Respectivamente baixista e baterista, são coletivamente conhecidos como os Riddim Twins (Os Gêmeos do Ritmo). Ex-integrantes da banda de Peter Tosh e do Brack Uhuru, eles são encontráveis em qualquer disco que se pretenda atual. Já tocaram com Bob Dylan, Grace Jones, Tom Tom Club, James Brown.

Bernard Edwards - Baixista, fundou o Chic com Nile Rodgers, nos anos 70. Produziu o LP do Power Station.

Tony Thompson - Baterista, do Chic, já emprestou seus serviços a David Bowie e participou do Power Station.

Mike Shrieve - Foi o primeiro baterista do Santana. Mais tarde, fundou o Novo Combo, já extinto.

Jan Hammer - Tecladista da primeira formação da Mahavishnu Orchestra e formou dupla em discos e palcos com Neal Schonn, guitarrista do Journey.

Herbie Hancock - Ex-pianista de Miles Davis, atual gênio do hip hop.

Pete Townshend - Fundador do Who, Pete é veterano colaborador dos Stones. Já participou do ainda inédito *Rock and Roll Circus*, programa de TV idealizado pelos próprios Stones em 1968. Cantou e tocou guitarra em *Slave*, faixa do álbum *Tatoo You* (81).

Jeff Beck - Guitarrista fundador do Yardbyrds, descobridor de Rod Stewart, Jeff por pouco não fez parte dos Stones, em 1973. Diz a lenda que ele desistiu da idéia por não ter gostado da seção rítmica da banda.

Chuck Leavell - Ex-tecladista do Allman Brothers, Chuck chegou a ter sua própria banda, Sea Level. Já trabalhara antes com os Stones em *Tatoo You*.

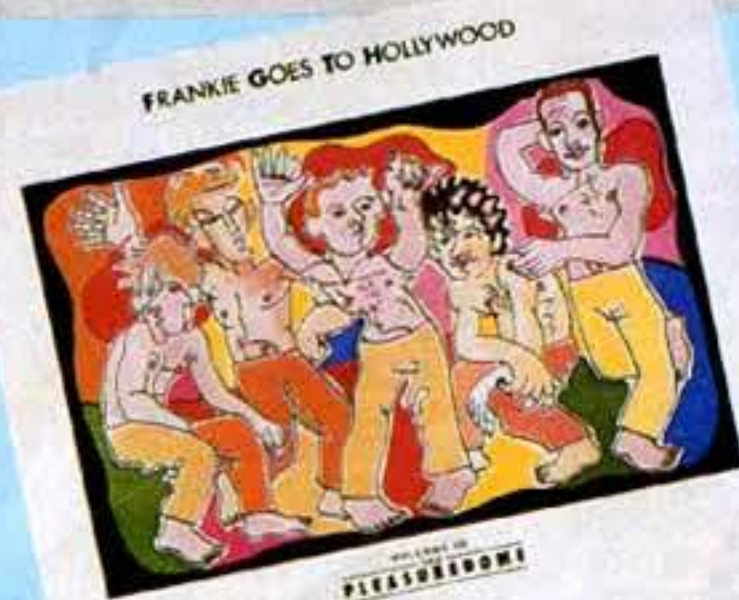
Um astro de rock bem mimado e arrogante se perde no interior do Brasil e descobre o que é a vida real

She's the Boss já está nas ruas há semanas, mas e o clipão? Somente um trechinho é conhecido do público — a faixa *Just Another Night*, ambientada na gafieira Estudantina, no Rio. Ninguém havia conseguido explicar a contento o conteúdo do clipão. Nem mesmo Walther Salles Jr., capitão da brasileira independente Intervídeo — brindada com o contrato de feitura de um documentário nos moldes de *The Making of Michael Jackson's Thriller*.

Em meados de fevereiro ele estava às voltas com entraves burocráticos que dificultavam a conclusão do *Making of*. Inicialmente encomendado para exibição na MTV, o trabalho da Intervídeo estava ameaçado de jamais ver a luz do dia. A mais recente previsão é de que o documentário fará parte de um pacote junto com o clipão, para venda em lojas. Mas naquele fevereiro, quando tentei extrair de Walther uma idéia mais clara do roteiro do clip, não consegui grande coisa, apenas imagens fragmentadas, sem muita ligação entre elas.

Graças ao bom Deus existe Julien Temple que — bolas — roteirizou e dirigiu o clip. E ele resolveu contar tudo à revista *BAM!*

"Mick e Jerry (Hall, a atual sra. Jagger) fazem um casal pop bem absurdo, mais para Rod Stewart do que para Mick Jagger. Dennis Hopper é um diretor de vídeo asinino que vai filmar um clip no Brasil mas sem ter a mínima idéia do que pretende fazer. De repente ele resolve recriar *West Side Story* e, então, constrói todo um cenário de Nova York no Rio e faz um vídeo estúpido com brigas de faca, gangues, dançarinos... e Mick completamente bêbado. A coisa acaba se transformando em carnaval. Jerry e Mick estão brigados e ficam disputando para ver quem provoca mais ciúmes no outro. Mick agarra três dançarinas e as leva para seu trailler. Lá ele descobre que são três travestis e acaba levando uma surra deles. Roubam tudo de Mick — dinheiro, passaporte — e o abandonam dentro de um caminhão que transporta carne. No dia seguinte, Jerry se cansa de procurar por Mick e volta para casa. Depois, todos pensam que ele morreu, pois um dos travestis é achado morto, com o passaporte de Mick no bolso."

Após ser preso no tal caminhão, Jagger vai parar numa fazenda do interior. A dona da fazenda é Norma Bengell — a trilha da seqüência é *She's the Boss*. O astro é submetido a inenarráveis maus-tratos e a variadas maratonas de sexo, mas consegue escapar. Ainda duro, ele descobre um cassino clandestino, onde perde muita grana (*Lucky in Love*), e acaba indo em cana. Na prisão, faz amizade com os presos e, num golpe de mestre, liberta todos os altamente perigosos ao som de *Secrets*. Na fuga ele é ajudado por uma namoradinha (Rae Chong), que seduz o diretor da penitenciária. Tudo resolvido, os dois vão festejar numa gafieira. Mas o astro tem saudades de casa. Quando chega ao aeroporto, reencontra o diretor de clip, que está de volta ao Brasil para rodar outro vídeo, com outro astro (Ritchie). Quando percebe a presença de caçadores de autógrafos, o astro que parte se enche de alegria. Logo murcha quando descobre que todas as atenções estão voltadas exclusivamente para o astro que chega. E a história termina por aí.

FRANKIE GOES TO HOLLYWOOD — Welcome to the Pleasure Dome (original do selo ZTT, lançamento nacional WEA).

Uma superprodução de Trevor Horn (ABC, Yes) torna irresistível o álbum duplo de estréia da banda. Fora esse banho de sintetizador Fairlight e percussão eletrônica, valem mesmo as faixas que fizeram a festa dos bailarinos europeus em 84 — *Relax* e *Two Tribes* — e a climática faixa-título, que culmina com um belíssimo solo de violão do ex-Yes Steve Howe. Surpresa agradável: a luxuosa capa saiu idêntica à do original inglês. Os cinco Frankies são Holly Johnson (vocal), Paul Rutherford (vocal), Marc O'Toole (baixo), Peter Gill (bateria) e Briean Nash (guitarra).

BRONSKI BEAT — The Age of Consent (Mercury/Polygram)

Apesar de toda a adulação que cerca a ressurreição do "som acústico", o tecnopop não morreu. Como se não bastasse o estrondoso Frankie Goes to Hollywood, esse trio inglês canta o amor gay movido a sequenciadores e outras máquinas. Os hits *Why?* e *Smalltown Boy* somam-se aqui a versões tanto dos irmãos Gershwin (*It Ain't Necessarily So*) a Giorgio Moroder e Donna Summer (*I Feel Love*). Pena que o Bronski Beat já tenha acabado, há menos de um mês, com a saída do agudíssimo vocal de Jimi Sommerville (segundo consta, o garoto não suportou as "pressões do estrelato").

Menos voltada para as pistas de dança, e preocupada com novas texturas que equilibrem as dosagens elétrica, eletrônica e acústica, a dupla inglesa **TEARS FOR FEARS** chega ao segundo LP. O alvio dos fãs conquistados na estréia é facilmente explicável: tiveram de esperar dois anos.

O título, **Songs From the Big Chair** (original do selo Mercury, lançado pela Polygram), revela que Curt Smith (baixo, vocal) e Roland Orzabal (guitarras, teclados, vocal) continuam fuçando as mil vertentes disponíveis de psicoterapia. Trata-se de uma referência à poltrona onde a famosa esquizofrênica Sybill — um caso clínico que virou best seller — extravasava suas fobias e angústias. Citações à parte, o disco conta com melodias pop tão sedutoras que fundem caçadores de vanguardas perdidas e consumidores de radinho de pilha num só público contagiado.

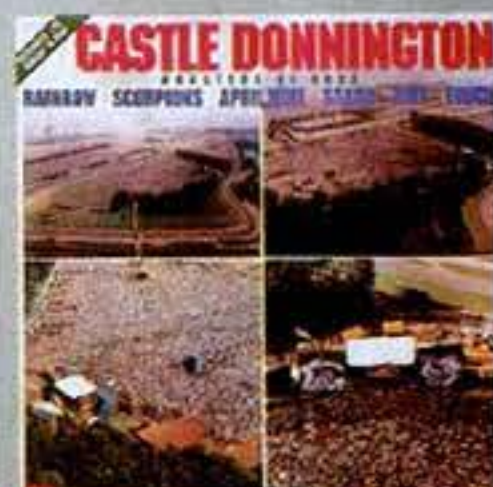
Uma especiaria em vinil: os hits que puxaram, na Inglaterra, o LP até o topo das paradas — *Shout* e *The Working Hour* — valem apenas como amostra de um som que persegue todas as direções possíveis.

STYLE COUNCIL — Shout to the Top (Polygram)

Os maxicompactos, com versões esticadas segundo a refinada arte da mixagem, são uma das saudáveis práticas do mercado fonográfico inglês. Aqui, eles não têm merecido a devida atenção das gravadoras. Ainda assim, você pode argumentar que esse funkaço regado a violinos já tomou de assalto as FMs. Nesse caso, fique com as duas baladas que vêm do outro lado.

Indicado especialmente para os apaixonados pelo LP *Café Bleu* do multiestilístico Council de Paul Weller e Mick Talbot.

Infelizmente, Sting não participa. Mas a trilha sonora de **Dune** (Polygram) conta com uma peça de **BRIAN ENO** e **DANIEL LANOIS**, célebres magos de estúdio e produtores do LP do U2. Essa pérola, no entanto, é cercada da mais insossa mediocridade — leia-se o grupo **TOTO** — por todos os lados. Para os fãs de Eno, que não tem *nada* (vexame! vergonha!) em catálogo no Brasil, e, claro, para os fãs em potencial do filme (que devem, antes de qualquer coisa, ler o artigo da pág. 44).

Um momento inspirado cercado de mesmice por todas as fronteiras é também o novo LP do **FOREIGNER, Agent Provocateur** (Atlantic/WEA). Com semanas a fio no topo das paradas americana e britânica, *I Want to Know What Love Is* recupera os coros de gospel, a música negra religiosa, com alto teor de sangue, suor e lágrimas — isso com uma especialíssima participação do New Jersey Mass Choir. Agora, o resto do disco...

Nem sombra de dúvida, o pacote heavy do mês é encabeçado por **Castle Donington — Monsters of Rock** (Polygram). Em 16 de agosto de 1980, esse festival inglês reunia heavies de três gerações para um verdadeiro banquete de pauleira. O lendário **RAINBOW** de Ritchie Blackmore e os **SCORPIONS** comparecem com duas faixas cada, enquanto **SAXON, APRIL WINE, TOUCH** e **RIOT** (não confundir com o Quiet) engrossam o caldo com uma por cabeça.

THE FIRM, como você deveria saber, é a nova empreitada de dois monstros sagrados do rock inglês, o vocalista Paul Rodgers (ex-Free e Bad Company) e o guitarrista Jimmy Page (precisa dizer de quem?). Um pulinho até a pág. 42 e você tem nas mãos nossa cobertura exclusiva do show do Firm em Nova York.

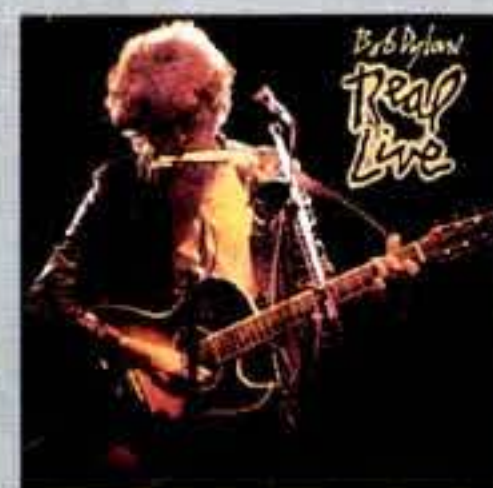
Lançamento da WEA, através do selo Atlantic, esse primeiro LP do quarteto não recebeu uma acolhida das mais favoráveis lá fora. Seja como for, qualquer obra com o nome de Page merece ser conferida.

Fechando o pacote, mais um grupo escavando a trilha da pauleira-purpurina (cortesia Alice Cooper), habitada hoje por figuras simpáticas como Twisted Sister e Motley Crüe.

Fotos Estúdio Abril

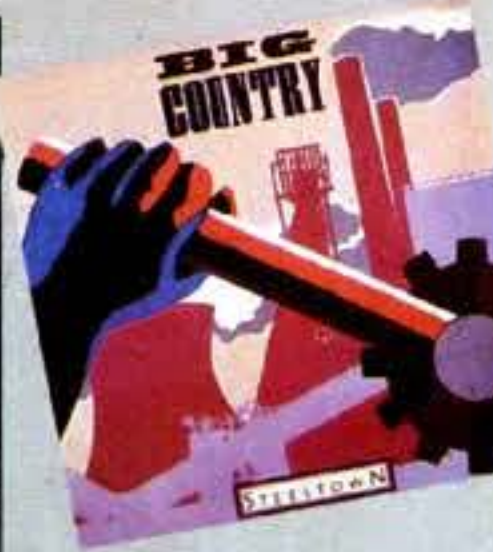
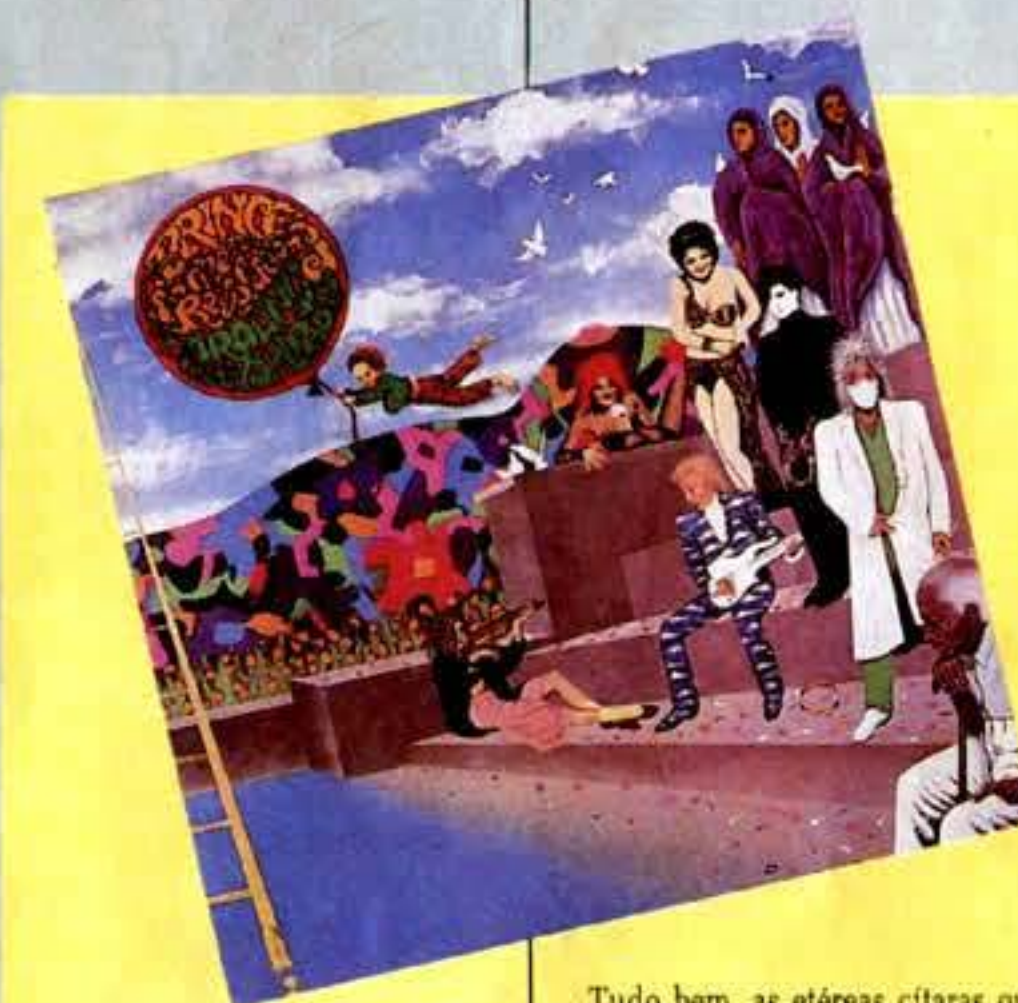
Caso você nunca tenha ouvido falar do **RATT**, que tem seu segundo LP (*Out of the Cellar*) lançado aqui, essa estréia em ordem invertida (Atlantic/WEA) é um bom começo. No recheio, uma versão do clássico rhythm'n'blues *Walkin' the Dog*, de Rufus Thomas, que os Stones gravaram e Laurie Anderson parodiou em ritmo de samba.

Em plagas brasileiras, a época é de brava entressafra. Sabe-se apenas que vêm coisas finas a caminho — como os LPs de estréia do RPM e do Ira! Enquanto isso, apenas dois lançamentos. O grupo franco-paulista **METRÔ** — Virginie (vocal), Alec (guitarra, violão), Zaviê (baixo), Yann (teclados) e Danny (bateria) — chega agora em formato LP. **Olhar** (Epic/CBS) é o nome dele e já conta com três hits no currículo: *Tudo Pode Mudar*, *Sândalo de Dândi* e *Beat Acelerado*, este em nova versão à moda inglesa, isto é, em arranjo bossa-nova. Nada mal para uma banda que já se chamou A Gota Suspensa.

Uma boa opção é a coletânea **Aumenta Que Isso Aí É Rock'n'Roll** (Sigla/Som Livre), com certeza a mais abrangente das 1001 já lançadas nos últimos dois anos. Comparecem, entre outros, **LOBÃO** (*Corações Psicodélicos*), **CELSO BLUES BOY** (faixa-título), **LEGIÃO URBANA** (*Geração Coca-Cola*), **BLITZ** (*Meu Amor Que Mau Humor*), **PARALAMAS** (*Patrulha Noturna*) e **LULU SANTOS** (*O Calhambeque*). Ou seja, chuchu e camarão no mesmo caldeirão.

O menestrel está de volta. E, enquanto não chega aqui o novo LP, *Empire Burlesque*, os fãs de **BOB DYLAN** têm neste **Real Live** (CBS) um prato cheio. Gravado nos três últimos concertos da turnê européia realizada por Dylan no ano passado, o disco percorre mais de vinte anos de carreira. A surpresa é o pique de rock'n'roll sem firulas que reveste clássicos como *Highway 61 Revisited* e *Ballad of a Thin Man*. Na superbanda de apoio, as guitarras de Carlos Santana e Mick Taylor (Rolling Stones).

Também ao vivo, chega enfim ao Brasil o grupo inglês **THE CURE**. Gravado na última excursão deles pela Grã-Bretanha, **Concert** (Polygram) é nada menos que o oitavo LP da banda liderada pelo guitarrista/vocalista/letrista Robert Smith (que já integrou esporadicamente os Banshees de Siouxsie).

Ainda que não esteja descontado o atraso, *Concert* leva o mérito de resumir toda a trajetória da inquieta cabeça de Smith — um percurso que vai do mais curto e grosso pós-punk ao florido neopsicodelismo de seu último LP de estúdio, *The Top*. Para dançar até lascar o assoalho, escolha *Killing an Arab*, primeiro compacto da banda, inspirado em *O Estrangeiro* de Albert Camus: "Estou vivo/ Estou morto/ Sou um estranho/ Matando um árabe".

De um lado, os irlandeses **U2** com **The Unforgettable Fire** (original do selo Island, lançado pela WEA). Do outro, os escoceses **BIG COUNTRY** com seu segundo LP, **Steeltown** (Mercury/Polygram). Na intersecção, guitarras e vocais inflamados, unidos em hinos rasgados ao inconformismo. Não é à toa que ambos os discos acabaram entre os dez primeiros na votação "Melhores de 84" feita pelos críticos do semanário inglês *Melody Maker*. Na produção de Eno e Lanois, a fúria crua do U2 ganhou névoas tecnohipnóticas — para a raiva nua dos puristas, mas adoração da maioria. Já o Big Country continua produzido por Steve Lillywhite, exatamente aquele que forjou no estúdio o "velho" U2. Em suma, dois discaços.

PRINCE & THE REVOLUTION — Around the World in a Day (Warner/WEA)

Um caso sério de expectativas levantadas e, por incrível que pareça, correspondidas. Prince cercou todas as etapas da gravação do maior sigilo: nem os executivos da gravadora podiam chegar perto do estúdio.

Mas, agora à luz do dia, *Around the World in a Day* traz megalomania pop suficiente para arrebatar os ouvidos mais cínicos. Desde a deslumbrante capa, o cantor/multiinstrumentista mergulha de cabeça na estética psicodélica dos anos 60. Uma deixa dessas e pronto... é o suficiente para rotularem o disco de *Sgt. Pepper's* dos anos 80.

Tudo bem, as etéreas cítaras que povoam a abertura estão mais para a fixação de George Harrison em ragas indianas do que a sombria ressurreição de Jim Morrison encenada por neopsicodélicos ingleses como o Echo & The Bunnymen. Ainda assim, sobra espaço para Prince não perder os quadris de vista. Dá para dançar, como manda o figurino de um herdeiro de James Brown. Talvez os arranjos para percussão sejam, inclusive, a fatia mais gorda de *Around the World in a Day*.

Já nas letras, Prince continua o mesmo, obcecado por sexo e Deus. Um erotismo místico que fornece matéria-prima para versos como, na faixa *The Ladder*: "O amor da criação de Deus tirará a roupa de vocês/ E o tempo passado a sós, meu amigo, deixará de existir".

OS BEM COTADOS

Primeiro, um surto de bossa nova contagia os novos pop-jazzistas da ilha britânica. Na seqüência, despontam evidências de que a música brasileira *em geral* anda em alta lá fora. Vamos às provas...

Foto Irineu B. Filho/ Abril

"A melhor voz do mundo", segundo Tom Bailey dos Thompson Twins

Lembra daquela clássica pergunta "Se você fosse para uma ilha deserta, que discos levaria?" Pois bem. Todo mês, a revista americana *Star Hits* pega no pé de alguma estrela até ela aparecer com uma listinha de suas dez canções favoritas. Na edição de fevereiro, o eleito é Tom Bailey, o terço ruivo dos Thompson Twins. E em segundo lugar nas suas dez, *Cravo e Canela* de **Milton Nascimento.** Diz ele: "Podia ser esta ou qualquer outra canção de Milton. Ele tem a melhor voz do mundo".

Voltando um pouco no tempo, a edição de novembro da *Face* — a bíblia dos ingleses estilosos — inclui *Toda Menina Baiana* de **Gilberto Gil** em sua seleção de compactos. O toque é o seguinte: "Um samba suave e relaxado em português: a pedida atual em latinas noites dançantes".

Tem mais. A inglesa *One... Two... Testing* (esta feita por e para músicos) de abril traz uma longa entrevista com Simon Booth, líder da Working Week, banda que encabeça o atual pop com base de jazz. Até começar a trabalhar no balcão de uma loja de discos, Simon era um punk convicto. Aí se deu a metamorfose: "O primeiro disco a tocar fundo foi o LP *Getz A Go-Go*, de Stan Getz com Astrud Gilberto e Gary Burton. Era um dos discos mais evocativos que eu já tinha ouvido e, acima de tudo, tinha *canções* fantásticas. Aí vi o nome de **Antonio Carlos Jobim** e saí caçando os discos dele... Estava espantado com aquelas melodias estranhas e etéreas, sobre aqueles acordes esquisitos".

Foto Rogério Reis/ Abril

O compositor que converteu o punk.

Para finalizar, o quente nos EUA é **Djavan.** Em pesquisa recente da cadeia de lojas de discos Tower Records, o alagoano vem em 23.° entre os mais vendidos. Como se não bastasse, tanto Sting como Paul Simon estão para gravar composições do rapaz que, aproveitando a onda, embarca em excursão pelos Estados Unidos e Japão. Definitivamente preenchida a cota de ufanismo do mês.

NÃO CONCORRA! ESTE É APENAS UM EXEMPLO DAS PROMOÇÕES QUE BIZZ TRARÁ A PARTIR DO NÚMERO 1.

PROMOÇÃO

200 LPs e 100 camisetas de Bruce Springsteen!

NOME:

ENDEREÇO:

A) Bruce Springsteen e David Bowie.

B) Michael Jackson e Quincy Jones.

C) Lionel Ritchie e Tina Turner.

D) Michael Jackson e Lionel Ritchie.

E) Ray Charles e Frank Sinatra.

Ele nasceu nos EUA, como diz o título de seu último LP, *Born in the USA*. Um ídolo nacional, a ponto dos candidatos Reagan e Mondale disputarem seu apoio nas últimas eleições presidenciais (os dois saíram com as mãos abanando). Aqui, no Brasil, a história era outra... isso até o videoclip de *We Are the World* revelar quem estava por trás daquele vozeirão áspero que, no refrão, faz o dueto com Stevie Wonder. Até então, *Born in the USA* não vendera mais que duas mil cópias... agora já passou das dez mil.

Foto Steve Rappoport/LFI

As 100 primeiras cartas que chegarem à redação com a resposta correta para a pergunta abaixo, receberão uma cópia de *Born in the USA*, junto com uma camiseta de Bruce. As próximas 100 ficarão apenas com o LP.

Selo e envelope na mão, que a pergunta é: quais são os autores de "We Are The World"?

Escreva para

BIZZ

Promoção Bruce Springsteen
Caixa Postal 2372
São Paulo/SP

HOT TAPE. A DIFERENÇA PICANTE ENTRE O SOM QUENTE E O SOM COMUM.

BASF 90

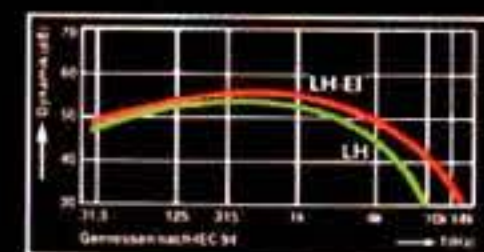
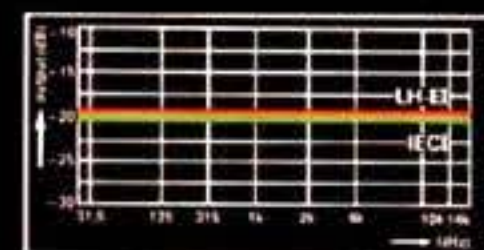
90

SM Security Mechanism

LH extra I

stereo SM cassette 132m

Algumas fitas costumam perder a fala antes do tempo. E quando uma fita se cala prematuramente, sua música também se cala. Isso acontece porque as partículas de óxido de ferro colocadas na fita se soltam, levando primeiro os agudos, depois os graves. Até levar sua música inteira.

Na Hot Tape da Basf isso não acontece. As partículas de óxido de ferro são distribuídas uniformemente sobre a fita, através de uma emulsão magnética superavançada quimicamente. **SWITCH:** você pode gravar na posição ferro. A melhor posição que o seu aparelho deve tomar diante de uma Hot Tape. **RECORD:** a música que você gravou fica gravada por muito mais tempo, sem perder graves ou agudos. **PLAY:** sua gravação alcança 7 decibéis a mais nos agudos e reduz sensivelmente os indesejáveis chiados de fundo. **LOUDNESS:** uma pequena diferença técnica na sua fita é capaz de fazer seu coração bater mais rápido a cada segundo. **REWIND:** com a Hot Tape você pode ouvir e voltar quantas vezes quiser. Depois de tocar milhares de vezes, sua música ainda preserva aquela pequena diferença. Ardente, picante, quente, diabólica.

Comparação do ganho de dinâmica em relação as fitas LH normais.

Resposta da freqüência comparada com a fita de referência de IEC I.

HOT TAPE. A FITA QUE ESQUENTA QUALQUER SOM.

BASF

Para maiores informações, ligar para o Serviço de Orientação ao Consumidor (SOC) - Fone (011) 258-3291.

TITIA, EU NÃO ESTOU COM LEUCEMIA

Enquanto o Brasil era tomado por uma enxurrada de roqueiros de primeira viagem, Rita Lee estava dando um tempo. "Criando galinha", como ela mesma diz nesta entrevista recolhida por *José Augusto Lemos* em um intervalo das gravações do novo LP de Rita, no estúdio da Sigla em São Paulo.

Agora que chegou a hora de colocar um ponto final nesse exílio voluntário, ela passeia de um lado para o outro com seu conhecido sorriso moleque. Não parece nem um pouco preocupada com as inevitáveis pressões e expectativas acumuladas. Afinal, não estaria superpopulada a quadra dos Unidos do Rock Engraçadinho?

"Não tenho nenhuma resposta para dar a nada, a ninguém... nem sinto a menor vontade de compor um 'Arrombou o Rock'. Estou é aproveitando essa rara oportunidade de poder fazer um disco com tempo e calma."

Bombom, seu último LP, foi feito, segundo ela, a toque de caixa, no mais impessoal esquema linha de montagem. Não fizeram muito mais que entregar as canções nas mãos dos produtores, arranjadores e músicos de estúdio contratados em Los Angeles. "Aproveitamos essa especialidade americana que é a eficiência, mas agora estamos pensando em finalizar a produção na Inglaterra, onde esse pessoal se preocupa muito mais com a criatividade."

Um detalhe importante: a julgar pela técnica de composição utilizada por ela e o inseparável Roberto de Carvalho, vem aí um prato cheio de tecnorock explícito. Todas as bases foram montadas em blocos apenas pelo marido/guitarrista, auxiliado por um arsenal de teclados computadorizados (ver ficha técnica).

Nenhum músico de estúdio na jogada. "Intervenções" no casulo eletrônico do casal ficarão por conta exclusiva de participações especialíssimas como os ex-Mutantes Liminha e Serginho Dias, e as baquetas do Paralama João Barone. Ex-Mutantes? Peraí. Seria algum *revival*? "Não, apenas releituras", ela rebate com uma risadinha Mestres do Suspense.

Mutantes. O nome do grupo já diz tudo. Com toda aquela salada de teorias de comunicação de massa, arte pop e "linha evolutiva" que recheavam o tropicalismo, o trio primava pela absoluta falta de seriedade. Só que isso ocultava um grau de fino deboche, sátira e paródia que só os punks conseguiriam igualar. Entre outras estrepolias, fizeram, por volta de 67, com *Chão de Estrelas* a mesma esculhambação que Sid Vicious faria com *My Way* em 78. Apesar do comprimento dos cabelos, os Mutantes nunca foram hippies, pelo menos na formação original Rita/Serginho/Arnaldo. Mas, para ela, qualquer consideração sobre o pioneirismo do trio se apaga com as lembranças da total falta de profissionalismo: "Estávamos mais interessados em curtir o máximo possível, sem nenhuma preocupação". Saudades? "Não, foi um tempo que já passou", responde — agora bem séria — antes de acrescentar que não nutre nenhuma paixão pelo "lado empresarial do rock". Mais que desprezo, é aversão.

Por essas e outras, Rita guarda péssimas recordações da maratona de shows que ela e Roberto fizeram, do Oiapoque ao Chuí, no verão 82/83. "Meu pai estava morrendo, acho que foi por isso que senti necessidade de me chapar... chapar através de um ritmo de trabalho desumano daqueles." Apenas uma lembrança bem-humorada: em certa cidade do Norte, chegaram a pensar que ela estava dublando em cima de *playback* por causa de seu microfone sem fio. "Foi um Projeto Rondon", arremata.

E a tal nova geração do rock nativo? Rita conta que tem recebido visitas, no estúdio, do pessoal da Gang 90, Metrô, Degradée, feliz por ter sido tratada com a cumplicidade que se dedica a uma irmã mais velha — e não como a grande Titia simbólica pertencendo ao passado. Esse papo de "rainha do Rock Brasileiro", do qual ela nunca gostou muito: "Estou mais para a Risoleta do rock". Outra gargalhada.

No mais, ela gosta de muitas das bandas recentes e está preparando, junto com Antônio Bivar, Marcelo Paiva e alguns amigos, um programa de rádio só para divulgar grupos inéditos. Bandas de garagem mesmo, que ela anda caçando tanto em redutos noturnos, como a Estação Madame Satã (o principal "porão" de São Paulo), quanto em cidades do Interior. Já instituIado *Rádio Amador*, o programa ainda não se tornou realidade pela "falta de alguém com tarimba radiofônica para amarrar nossas loucuras e nosso amadorismo. Por enquanto está *Rádio Amador* demais".

Mesmo com seu entusiasmo de irmã mais velha, ela acha "inevitável que o tempo dê uma boa peneirada na moçada, porque também tem algumas coisas que... aaargh!"

No balanço final, Rita coloca como o grande ponto positivo de sua parada essa oportunidade de ouvir com atenção tudo que está surgindo, tanto aqui como lá fora. Está apaixonada pelo Style Council e seu pop latino, o ex-punk Paul Weller compondo bossa-nova: "Acho demais, minha relação com a música brasileira sempre foi mais bossa do que sambão". Dá "graças a Deus" pelos Eurythmics, o tecnocasal britânico (alguma identificação?). Exaltada, ela passa a disparar preferências: Prince ("ousadias mil"), o disco solo de Mick Jagger, Pretenders (essa, uma paixão mais antiga), Haircut 100, Frankie Goes to Hollywood ("pelo som da bateria"), Smiths nem tanto ("acho que fiquei meio indisposta com o surto de adoração generalizada").

Muito bem. E o seu LP, *Noviças do Vício*? "Ôpa, peraí, esse talvez nem seja o título." Rocks, rockaços ou baladas aboleradas? "Tem uma baladona bem brega, *Vítima*, o resto é rock mesmo." A leva inclui *Titia, Eu Não Estou Com Leucemia*, para responder à boataria que varreu a imprensa um pouco antes e durante o Rock In Rio. O resto está trancado a sete chaves até que o disco seja lançado, entre junho e julho.

FICHA TÉCNICA

ROBERTO PROGRAMA, ELES TOCAM

Todas as bases das canções compostas para o novo LP de Rita e Roberto de Carvalho foram gravadas exclusivamente pelo guitarrista, munido de um circuito interligado — via MIDI, o interface para sintetizadores — de teclados computadorizados. O seqüenciador QXI da Yamaha controla e sincroniza todos eles: um JX3P da Roland, mais um DX1 e três DX7 da Yamaha. A "cozinha" fica a cargo de dois computadores rítmicos, um Dr. Flick e um LynnDrum II custom (isto é, adaptado segundo encomenda).

Tudo isso conectado a uma mesa Boogie, somada a um Room Simulator AMS, para dar "acústica ambiental" aos sons sintetizados digital ou analogicamente. A guitarra mais utilizada por Roberto é uma Fender Stratocaster, também custom.

Foto: arquivo pessoal Serginho Leite

Serginho Leite

Carrossel da Repetição

Nos bares da vida, em entrevistas com estudantes, agências de propaganda e outros cantos, é comum que me cobrem mais qualidade e variedade nas FMs. Dizem que são alienadas, iguais e massificantes. E eu respondo: é verdade.

Até que a Rádio Cidade introduzisse no Rio o formato jovem, a frequência modulada era vista como um fricote tecnológico que serviria para adocicar com música de violinos a vida dos elevadores e escritórios. Foi aí que surgiu a figura do disc-jockey desimpostando a voz do rádio, falando descontraidamente para gatinhas e gatões, tocando música agitadinha. E deu certo. Afinal, não era preciso mais que isso para a juventude, asfixiada cultural e politicamente pelo regime, aquele. Era o país que tinha o dicionário do Aurélio como best seller e revista em quadrinhos liderando as vendas.

Logo as vendas de aparelhos FM aumentaram: três-em-um, radinhos de pilha e, finalmente, o walkman. Os ecos desta agitação chegaram ao mercado publicitário e as agências descobriram o veículo ideal para vender jeans, refrigerantes e chicletes. Mas não havia dinheiro para todas e só as primeiras do ranking do todo poderoso Ibope ganhavam as verbas. Aos donos de rádios, passou a interessar somente o primeiro lugar, pouco importando as concessões para chegar ao topo da audiência. E cada vez mais as rádios são só jovens e se ouvem e se repetem, ficando cada vez mais iguais. Nunca Chacrinha esteve tão certo: "Nada se cria, tudo se copia".

Das páginas do Diário Oficial jorravam novas concessões. Afinal, quem autoriza as novas rádios é o governo, e, como FM virou bom negócio, os donos do poder descobriram que tinham uma nova moeda política. Congressistas, cabos eleitorais e puxa-sacos profissionais começaram a trocar favores por emissoras, num processo onde a competência profissional valeu muito pouco. E os novos prefixos, tocados por filhos, parentes ou aderentes, vêm engrossar o coro da mesmice.

A chegada de novas rádios obrigou a contratação de novos profissionais. Estes somos nós, formados na marra, dando cabeçada para aprender o que é FM. As exigências que o padrão impõe são mínimas: voz bonita, um mínimo de coordenação motora para operar a parafernália e rudimentos de inglês. Português é opcional. Nos cursos universitários, o saber acadêmico ainda não destrinchou o mistério da FM. Na USP, por exemplo, ao lado de um equipamento do tempo do rádio a lenha, a bibliografia conta com um dicionário e uma apostila, ambos em inglês. Nas faculdades, se cultua a deusa *rádio alternativa*, que permitiria aos fiéis a suprema graça de tocar no ar os discos favoritos levados de casa.

As tentativas de se fazer FM fora dos padrões vigentes, geralmente bem intencionadas, esbarram em muito amadorismo, imediatismo dos donos e má vontade da mídia. Estas rádios novas e necessárias são hoje como aquele enviado dos céus: muito esperadas mas pouco acreditadas. Neste cenário, as gravadoras se ocupam quase exclusivamente em fornecer matéria-prima para o consumo das rádios jovens. Deram um banho de estúdio em seus contratados, para que as gravações brasileiras tivessem o padrão sonoro das americanas. A paranóia de ser executado em FM chegou a produtores e artistas, que passaram a se guiar por padrões cada vez menos estéticos e mais de consumo. Quando se descobre ou importa um truque que dá certo, ele prolifera. Arranjos de Lincoln Olivetti, solos de sax soprano, batida de Lynndrums, baixo à la Police são alguns acessórios que, em diferentes épocas, eram quase obrigatórios.

Para garantir seus investimentos, as gravadoras sofisticaram a prática do jabaculê, e hoje, ao invés do presente ou dinheirinho para o programador, acontecem elegantes trocas de favores entre empresas. É o jabaculê de colarinho branco.

Mas nem tudo está perdido para os descontentes. A tão sonhada diversificação começa a amadurecer. Não dá para sentir no dial, onde as músicas continuam se repetindo de uma rádio para outra. Mas os primeiros sinais surgem no horizonte. O número de ouvintes de FM está caindo em praças como São Paulo e logo vai ser um bom negócio atrair este público com outro tipo de programação. Vai ser necessário investimento e competência das emissoras, dedicação dos profissionais, paciência do público, visão e trabalho das agências, mas pode dar certo.

Do governo, só se pede que profissionalize a concessão de emissoras e que fiscalize a atuação das que estão na praça, não com censura (pelo amor de Deus), mas fazendo com que seja mantido o caráter de serviço público que as rádios têm. Afinal de contas, a idéia original era de que o rádio deveria servir à comunidade com formação, informação e, claro, lazer, e não virar uma caixa registradora.

Se isso começar a acontecer, quem sabe, em algum tempo, os heavies possam escutar seus rocks sem interferência de Simone, os moderninhos possam curtir Kid Abelha em paz, quem já passou da idade de ouvir Metrô possa curtir em paz seu Manhattan Transfer e quem goste de samba não precise ouvir sintetizadores. Democraticamente, o que é muito melhor.

SERGINHO LEITE, 28 e 10 meses, é músico, compositor, humorista e está em FM há cinco anos porque gosta. Trabalhou na Rádio Cidade, Jovem Pan 2 e hoje está na Globo FM.
Colaborou Luiz Henrique Romagnoli.

Morenos exaltados: Paulo Ricardo (baixo, vocal) e Fernando Deluq (guitarra).

Som para *underground* e FMs

"Agora a China bebe coca-cola, aqui na esquina cheiram cola."

Por causa destes versos a música *Revoluções por Minuto*, do grupo RPM, foi proibida de tocar nas rádios. A alegação da Censura: ela incitaria o uso de drogas.

No outro lado do compacto estava *Loiras Geladas*. Lembra? Esta toca muito. Já tem videoclip, foi cantada no Chacrinha e também faz parte do primeiro LP da banda, que acaba de ser gravado.

O percurso não foi fácil. Se hoje o RPM tem o camarim da Pool invadido por 30 garotas de mais ou menos doze anos, à caça de autógrafos, é porque houve muita batalha.

Em maio do ano passado a banda dava seu primeiro show. Foi chamada para abrir o espetáculo do grupo pós-punk IRA na inauguração do videoclube Zoom Cósmico, em São Paulo.

Depois o grupo passou a tocar pelo circuito *underground* da cidade: abriu o show do Ultraje na Tífon, carregou instrumentos para tocar nas danceterias paulistas Clash e Madame Satã, levou calote de dono de bar e chegou a dar vários shows na mesma noite.

Popular e sofisticado

Em outubro as coisas começaram a mudar. A banda mandou uma fita para a CBS e concorreu por uma vaga na coletânea *Rock Wave*. Conseguiu e, de quebra, ainda foi aprovada para gravar um compacto.

O disco saiu e a partir daí o grupo passou a tocar pelas danceterias de São Paulo e do Rio.

"Somos uma banda rica porque cada um teve uma experiência diferente", segundo a definição de Luís Schiavon, o tecladista. "Ficamos o tempo todo reciclando informação."

Paulo Ricardo, ex-jornalista, é baixista, canta desde os sete anos e já formou várias bandas. Cansado de escrever sobre a música dos outros e, depois de uma viagem pela Europa, chamou Luís Schiavon, com quem já tocava desde 1979. Os dois começaram a compor e montaram o RPM.

Luís estudou 13 anos em conservatório e já tocou muito tecnopop. Acompanhava Mae East (ex-Gang 90) quando conheceu Fernando Deluq, "uma guitarra mais ou menos punk".

Esta guitarra vem do tempo em que Fernando estava no Ignose, uma banda paulista, e fazia shows no Napalm e no porão do Persona em São Paulo. Ele toca há seis anos e é parceiro de Mae East em *Fire in the Jungle* e *Índio*, músicas que acabam de ser editadas na Holanda.

Em fevereiro, Paulo Pagni, que toca há muito tempo e é professor de bateria, tornou-se o novo baterista da banda. Antes do disco, gravado com computador rítmico, o RPM era acompanhado por Júnior, de quinze anos.

A banda se considera um "grupo de palco" e pretende fazer uma música que agrade tanto aos ouvidos *underground* do Satã, quanto aos dos ouvintes de FM e freqüentadores das danceterias. "Queremos conciliar o popular e o sofisticado, temos que encontrar um equilíbrio".

Luís Schiavon (teclados), a cota tecnopop

Fotos Rui Mendes

FM numa boa

Mas será que depois de Chacrinha, videoclip e LP não teremos uma nova banda de FM? Eles mesmos respondem: "A gente não assumiu o padrão da moda, entramos com o nosso papel. A gente não muda, até já chegamos a ser recusados por gravadora. As armações têm tempo contado. No LP há pelo menos três músicas que se dariam bem em FM. Mas, se a gente não gostasse, não tocava".

O disco vem bem variado. Tem as músicas do compacto. Um tecnopop sobre rádio pirata, quarteto de cordas sintetizado, balada. É só conferir.

BIQUINI CAVADÃO

O HUMOR LEVADO A SÉRIO

Se numa das últimas tardes preguiçosas de outono você tiver esbarrado no rádio com um grupo chamado Biquini Cavadão, das duas uma: ou você jogou longe a caixa de chocolates e tratou de aumentar o volume aos berros de "que negócio é este!?" ou você correu ao telefone para marcar uma consulta urgente com o otorrinolaringologista, certo de estar sendo vítima de um caso agudo de alucinação aural.

Nenhuma das alternativas acima. O Biquini não é piada, nem alucinação, apenas um dos quintetos mais afiados que surgiram na cena carioca nos últimos meses. Misturando teclados tecno-multitexturizados, harmonias pop remanescentes dos Beatles e letras incisivas, o Biquini é um rock-shake peculiar, resultado da dieta musical ultra-eclética a que foram submetidos Bruno (vocais), Sheik (baixo), Miguel (teclados), Álvaro (bateria) e Luís Carlos (guitarra). Nutridos de muito samba, música clássica, Roberto Carlos, tecnopop inglês e alemão e bandas da nova geração de rock brasileiro, o Biquini forjou uma sonoridade única, facilmente destacável na aridez das FMs, a tão falada identidade própria, que nasceu de uma crise de identidade.

Há dois anos o Biquini Cavadão não era o Biquini Cavadão e, sim, uma banda sem nome que destilava nos salões de um colégio carioca covers corretos de Kid Abelha e Trio ("da, da, da, da", lembram?) e que, na falta de uma guitarra, apoiava seu som nas muitas possibilidades de um sintetizador. Muita gente entrou e saiu do grupo, fundado por Bruno e Sheik, mas nenhum dos ex ou novos integrantes conseguia solucionar o Mistério do Nome Que Faltava. "A gente ficava debruçado no dicionário", lembra Bruno, "tentando achar nomes diferentes e acabava não achando nada de bom. O grupo quase se chamou Hipopótamos de Kart, ou, então, Lambrodocidus Angelibarba (o nome de um peixinho abissal), até que um amigo nosso (iniciais: H.V.), vendo aquela confusão toda, disse: 'Ah, põe Biquini Cavadão e acabou o assunto'. E ficou sendo Biquini Cavadão. Eu fui contra, achava bobo, mas todo mundo gostava e acabei gostando também."

O desgosto inicial de Bruno é compreensível. Qualquer desavisado já imaginaria cavadettes devidamente embiquinadas deliciando platéias com passinhos a go-go. Mas, por outro lado, imagine só ter peito suficiente para batizar seu próprio grupo de Biquini Cavadão e não ser um bando de débeis mentais — ou um pré-fabricado qualquer — dispostos a tudo para levantar uma grana. O Biquini, contra qualquer expectativa, *não é* engraçadinho. Pelo contrário, suas letras são argutos comentários sociais, tão sérias quanto um adolescente pode ser (todos do grupo estão na faixa dos 18, 19 anos).

"Tédio", o compacto de estréia do Biquini, é uma bela crítica ao marasmo das jornadas escolares e começou a nascer numa aula de Física que Sheik assistia, "mas tinha algumas referências a coisas de fora, como tédio, eu não tenho programa... tédio, eu não durmo de pijama, e, no fim, acabou virando uma coisa mais ampla". Resultado: um claro flagra do estado de espírito do estudante, em particular, e do jovem, em geral. Parafraseando Herbert Vianna, que emprestou guitarras e idéias à gravação de "Tédio", atrás do bom humor do Biquini tem uma seriedade legal.

Mas tudo isso poderia ter ficado restrito aos muros do Colégio São Vicente, não fosse o empenho do produtor Beni (ex-baterista do Kid Abelha), que apressou-se em gravar uma fita-demo de "Tédio" em oito canais e levou a música à Fluminense-FM. Logo "Tédio" estava na programação e, quase em seguida, a Polygram acenava com um contrato.

Entra em cena, mais uma vez, o bom humor biquiniano. Para a assinatura do contrato o grupo escolheu a praia como cenário. Os executivos da gravadora entenderam que seria uma cerimônia informal e foram à praia... bem, como se vai à praia! Eis que, *voilá*, chegam os integrantes do Biquini, na praia... vestidos a rigor.

JER

Foto Maurício Valladares

QUIET RIOT
QUEBRA O JEJUM DOS METALEIROS

Kevin Dubrow saúda os presentes e vice-versa

Com os tímpanos calejados por quase duas décadas de pauleira, ninguém melhor que *Leopoldo Rey* para pesar ao vivo os decibéis do Quiet Riot. Com o megafone, *Rui Mendes* gritava: "Olha o passarinho..."

Sexta-feira, *26/4/85* — Já eram quase nove da noite quando chegamos ao ginásio do Corinthians, devidamente coalhado de PMs e seguranças contratados da Fonseca's Gang. A maioria da molecada aglomerada no portão trazia Eddie, a caveirinha do Iron Maiden, em suas camisetas pretas... e, o Quiet Riot nunca teve muita repercussão por estas bandas.

Lá dentro, Robertinho do Recife sobe ao palco com pontualidade britânica para desfilar as músicas do LP *Metalmania*. A acústica do ginásio não ajuda muito, o som chega todo embaralhado, mas milhares de gritos, urros e punhos erguidos dão vida ao refrão: "Bate o pé, bate a mão, a cabeça e o coração".

Na lanchonete, pausa para uma cerveja, ficamos sabendo que houve, à tardinha, uma considerável invasão para engrossar o público pagante. Versões de satisfação garantida — ou seja, Maiden, Judas Priest e Deep Purple — encerram a participação de Robertinho. "Num tô gostando do som do ginásio, não dá pra entender o cantor... tá ruim", declara Alemão, do alto de seus dezessete anos, encostado numa pilastra. O que é que eu disse?

Fim da preliminar. Rui, o homem da objetiva, se manda para o chiqueirinho dos fotógrafos, eu para o vestiário, a tempo de pegar Banalli, o baterista do Riot, saindo de cervejinha na mão para saudar o grupo de Robertinho. É quando fico sabendo das descabidas exigências da banda ítalo-americana. Por motivos "técnicos" inexplicáveis, os outros grupos paulistas programados para esquentar a noitada — Made in Brazil — não tocariam mais. Nada poderia ofuscar o triunfo do Quiet Riot. Eu me pergunto... e Robertinho, teria ameaçado?

Quando passo de volta por baixo do palco, à caça de um lugar, Frank Banalli e colegas já estão em ação. Entusiasmo fogoso logo à frente do palco, e só.

De viseira vermelha, o vocalista Kevin Dubrow se exercita o tempo todo com seu especialíssimo pedestal para microfone, feito de madeira leve. Às vezes, o empunha entre os dentes. "Oubrigadou, San Paolo." Até que o som melhorou, em comparação com a preliminar.

Party All Night leva ao delírio generalizado, o caçula Kjell Benner substitui o recém-saído baixista Rudi Sarzo com sangue, suor e faíscas. Encerrada a música, voam sobre o palco vários itens de vestuário, seguidos de uma faixa que agradece a visita da banda aos trópicos. Aos gritos, Kevin se enrola todo nela, erguendo o pedestal entre as pernas como se fosse vocês-sabem-o-quê.

Após rendições rasgadas de *Don't Wanna Let You Go* e *Run For Cover* é chegado o momento do obrigatório (pelo menos em shows heavy-metalúrgicos) solo de bateria. Banalli massacra tambores e pratos com as mãos, à moda do inesquecível John Bonham e, ao final, arremessa dois pares de baquetas para a platéia. Um dos felizes agraciados sobe nos ombros de um amigo e, a partir daí, vai *reger* a banda pelo show afora.

No baixo, o caçula Kjell Benner

O mestre-de-cerimônias Kevin Dubrow

Carlos Cavazzo, o bachiano da banda em colóquio com o distinto público

No palco, uma dobradinha de micagens entre Kevin e o guitarrista Carlos Cavazzo, mas sem grandes comoções do lado de cá. Bem melhor é a entrada de *Winners Take All*, a única balada da noite e, talvez, seu ponto alto. Milhares de braços são levantados e sacudidos num ritmo dolente. Essa você já viu antes: todos os isqueiros da arquibancada estão acesos, enquanto o gelo seco não faz fumaça suficiente para cobrir o palco.

Não passou de um raro momento de romantismo. Com *Let's Get Crazy* a banda volta a seu andamento normal e, em seguida, Cavazzo fica sozinho no palco. Os outros, com certeza, foram se enxugar. Esperamos pelo solo de guitarra. Fundindo sua própria *Battle Axe* a *Jesus, Alegria dos Homens* de Bach, Cavazzo não mostrou grande coisa além de erudição exibicionista. Lembra de Randy Rhoads, aquele gigante da guitarra que começou com o Quiet Riot, para depois roubar os shows na banda de apoio de Ozzy Osbourne? Devia estar tremendo no túmulo.

Nas últimas frases do solo, os outros três voltam aos poucos, Kevin com um terninho de riscas verticais brancas e vermelhas. *Let's Get Crazy* é retomada em uma rápida emenda com *Stomp Your Hands, Clap Your Feet*, e o Riot faz uma saborosa citação ao hino máximo do rockabilly, *Blue Suede Shoes*, de Carl Perkins. Alguém ali no ginásio saberia quem é o ilustre rapaz? Quem reconhece a musiquinha incidental?

Todas as dúvidas se dissipam com o estrondo dos metaleiros reunidos na mais ruidosa unanimidade da noite. Afinal, estão tocando sua versão de *Cum On Feel The Noize* (aquela do Slade), o hit que estourou a banda em sua terra natal. Todo mundo está cantando, e Kevin aproveita para carregar Cavazzo nos ombros, no melhor estilo AC/DC ou Maiden. Quando a música termina, alguns gritos de "Viva Brazil" e "Obrigadou" e pronto, o Quiet Riot deixou o palco.

A gente sabe que eles vão voltar, não pelos fracos pedidos de bis, mas porque isso *sempre* acontece e faltavam ainda alguns sucessos. Dito e feito. E voltam acompanhados de uma bandeira do Corinthians. Vaia geral, pela apelação (aposto que, no Rio, atacaram de Flamengo). No palco, risos amarelos mas, tudo bem, atacam de *Metal Health*, com surpreendente marcação de Benner e um belo solo de Cavazzo. No público, aparecem até algumas daquelas máscaras de ferro que simbolizam o grupo.

Zumbido da overdose

Outro hit do Slade, *Mama Weer All Crazee Now*, conclui esta apoteose concentrada, e rebatida por um mar de mãos fazendo o característico sinal dos chifrinhos (que a rapaziada do Riot repudiou em sua entrevista coletiva: "Não temos nada de satanistas"). São 23h20 — o que dá uma hora e meia de show — e desta vez o adeus é para valer, acompanhado de acenos com a bandeira do Brasil. "Obrigadou, we love you." Ninguém pede outro bis, mal estamos saindo do ginásio e já dá para sentir aquele zumbido típico da overdose de decibéis. Alguns encontros, aproveito para uma troca de opiniões.

Peninha, o metaleiro cativo da FM 97, gostou "mas nem tanto". Já o venerável Celso Vechione, do Made in Brazil, achou "o cantor um palhação ridículo e desmunhecado". Para Jack Santiago, do grupo paulista Harppia, o Riot é apenas razoável, "bem pior que o Van Halen, por exemplo".

Enquanto isso, no restaurante que fica em cima do ginásio, prosseguia mais uma "Sensacional Sexta-Feira Dançante", com a Banda Mosqueteiros detonando boleros e sambas-canções. Será que dava para ouvir alguma coisa enquanto o Quiet Riot fazia seu serviço? Sei lá. A primeira coisa em que pensei foi em Athos, Porthos, Aramis e D'Artagnan empunhando cavaquinho, violão, rabecão e clarinete.

FICHA TÉCNICA

Quantos watts fazem um show heavy

Há mais de um ano excursionando pelo mundo, o Quiet Riot carrega pouquíssima aparelhagem, além dos instrumentos de cada músico. No Brasil, alugaram junto à empresa paulista Val & Val todo o PA (sistema de amplificação), a mesa de som, microfones e mesa de mixagem, fora caixas Pearl para a bateria de Banalli. A iluminação — 240 sopts de 1.000 watts e 4 canhões de luz Supertrouper — foi fornecida pela Translux.

Carlos Cavazzo trouxe três guitarras Gibson, nos modelos SG e Flying V, e duas caixas Marshall. Kjell Benner veio acompanhado de dois baixos Fender Precision. Kevin Dubrow carrega de um país para o outro apenas seu exclusivo pedestal para microfone de madeira, enquanto a bateria Pearl de Frankie Banalli é complementada por pratos Zildjian e Paiste. Completam o arsenal: racks de efeitos digitais NXR, distorcedor Zeus, equalizador gráfico e Noise Gate.

Calcula-se cerca de 4.000 watts de potência (lembrando que, nos anos 70, o Deep Purple se vangloriava de ser a banda mais alta do planeta, ao atingir os 10.000 watts).

Foto: Mike Hasted/ Camera Press

JOHN FOGERTY

No final da década de 60, ele era a cabeça e o áspero vozeirão por trás do Creedence Clearwater Revival (na foto: Doug Clifford, Tom Fogerty, Stuart Cook e o próprio John). E agora? Seu disco solo, *Centerfield*, estoura planeta afora.

Quem tem mais de 25 anos talvez ainda se lembre do Creedence Clearwater Revival. Alguns temperam essas memórias com ódio incontrolável, certos de que o Creedence jamais passou de um subproduto do rock, uma bandinha competente com o faro aguçado para o sucesso e indigno de maiores atenções justamente pelo fato de ter tido sucesso demais — mais de 10 milhões de discos vendidos em menos de três anos de carreira meteórica. Outros, porém, lembram-se do Creedence como tendo sido uma das mais importantes e influentes bandas norte-americanas dos anos 60/70, artistas capazes de misturar o country & western (a música caipira dos EUA) e o blues como poucos conseguiram fazer. São os que sob os ritmos e as melodias fáceis de clássicos do CCR — como "Green River", "Born on the Bayou" e "Lodi" — conseguiram encontrar um retrato político e social da América daquele tempo.

Para estes últimos o CCR poderia ser resumido em duas palavras: John Fogerty. Mais do que a bateria básica de Doug Clifford, o baixo econômico de Stu Cook e a guitarra ritmo de Tom Fogerty (são irmãos), era John Fogerty quem simbolizava o grupo, um branco californiano com uma voz impossivelmente negra. Todas as músicas, os arranjos, os solos e as harmonias vocais (em disco) eram de John - - *ele* era o CCR.

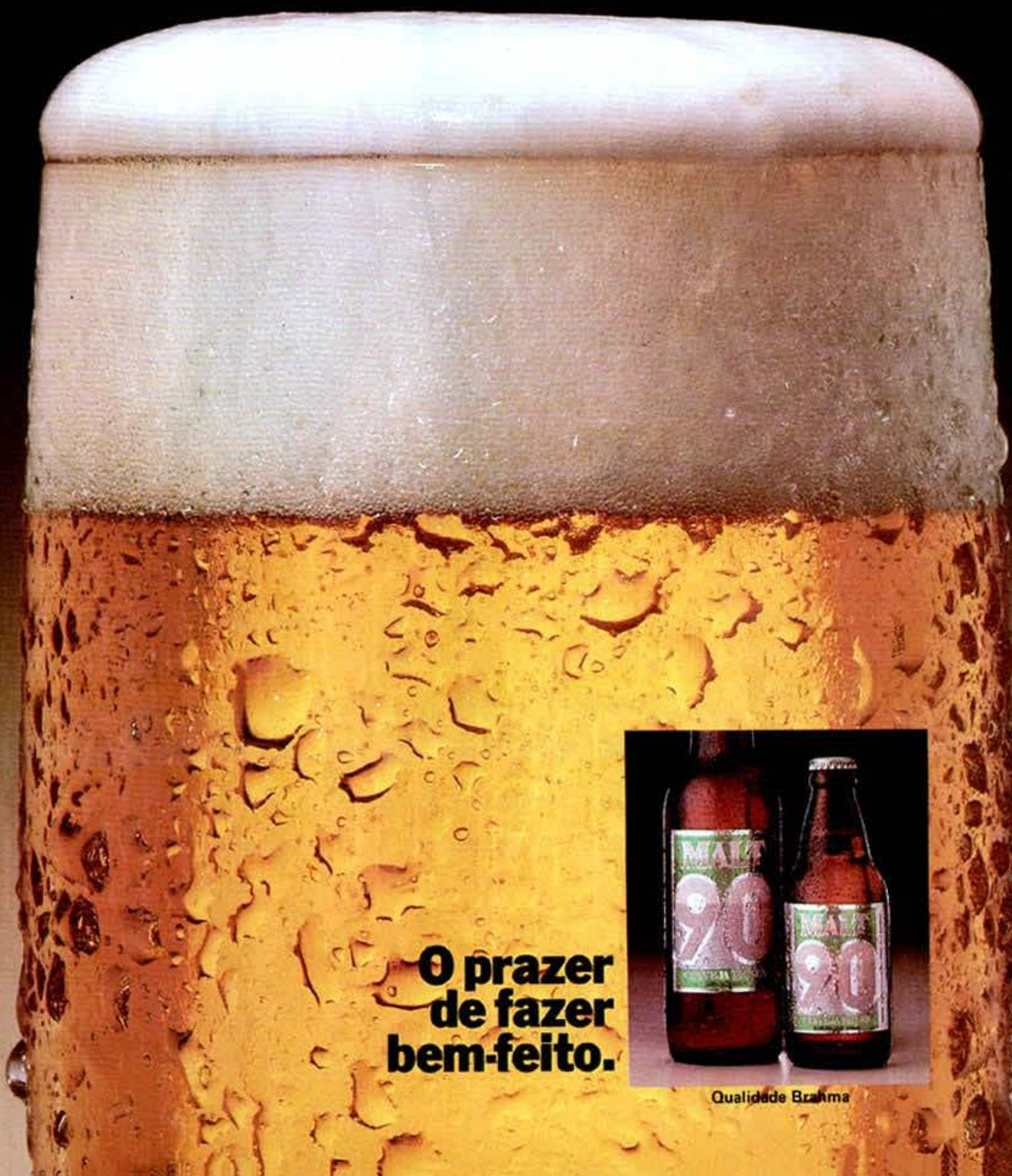
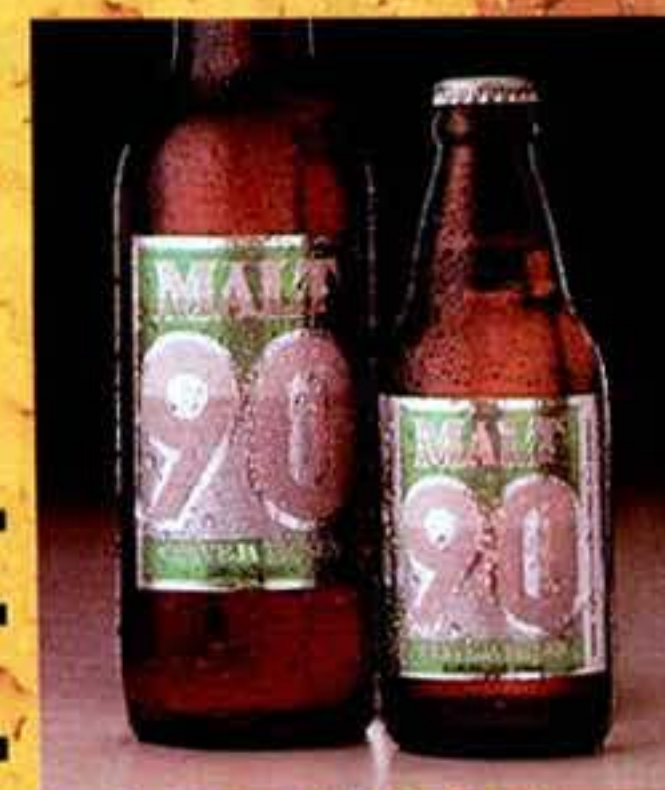
Quando o grupo acabou, em 1972, todos os ex-integrantes do CCR desapareceram no anonimato, exceto John — ele gravou dois álbuns-solo (tocando todos os instrumentos) e alguns compactos. Um terceiro álbum, *Hoodoo*, foi prometido em 1976, mas jamais saiu. E, desde então, John também ficou desaparecido.

Até que, no final do ano passado, John ressurgiu com *Centerfield*, um álbum que atualiza a sonoriedade rústica do CCR e abre uma verdadeira clareira no chacundun pasteurizado do som-padrão FM. Imediatamente içado pela crítica à categoria de clássico, *Centerfield* acabou repetindo os êxitos de vendas dos discos do CCR, permanecendo por meses a fio na lista dos 10 mais vendidos da revista *Billboard*.

O vazio deixado por Fogerty em sua carreira solo — de 76 até 84 — é explicado por uma complicada briga judicial entre o CCR e sua antiga gravadora, a Fantasy. O CCR acabou vencendo e recebeu os mais de 9 milhões de dólares que a gravadora lhe devia de royalties atrasados. E John estava, finalmente, livre de preocupações para poder voltar a trabalhar.

Mas não foi um processo fácil. Fogerty trancou-se em seu estúdio, em Oakland, e começou uma série de experimentações. "Tentei *disco*, tentei punk", diz John, "tentei musiquinhas açucaradas, tentei art-rock cheio de sintetizadores, bem inglês, mas nada daquilo me parecia verdadeiro. Só me senti confortável quando comecei a tocar alguma coisa mais crua, mais selvagem. Foi assim que surgiu *Centerfield*."

Como nas incursões solo anteriores, John é uma espécie de banda-de-um-homem-só. Ao vivo, Fogerty usaria outros músicos, mas no estúdio ele ainda prefere ficar sozinho. "Como ouvinte, eu adoro bandas", explica John. "Mas quando você faz parte de um grupo você também está casado com cada um dos integrantes. Acontecem coisas como 'por que você espreme o tubo de pastas de dentes no meio?'. E, rapidamente, muita gente perde a perspectiva do motivo da existência daquela banda: fazer boa música, juntos."

JER

Me & the Heat, liderado pelo cantor Tom Mega (de gravata preta); no canto superior direito, o terminal de vídeo instalado no auditório para fornecer todas as informações sobre os grupos participantes da programação musical da mostra.

UM ASSOMBRO NA BIENAL DE PARIS

Entre telas e esculturas, a Bienal de Paris deste ano reservou um espaço só para o rock feito pelas bandas de vanguarda do Leste europeu. *Silvano Michelino*, nosso homem no Velho Mundo, foi, viu, fotografou e saiu impressionado.

A noite de 14 de abril no Grande Halle de la Villete, apesar de aberta pelo grupo húngaro Bizottság, valeu mesmo pela participação das bandas que representavam a Alemanha Ocidental, La Loora e Me & the Heat.

Até aí, nada de novo. Há uma década atrás, superestrelas anglo-americanas esperavam pelo golpe de misericórdia punk e a maioria preferia rebolar em ritmo bate-estaca nos salões espelhados das discothèques. Enquanto isso, a Alemanha agarrava o rock pelas orelhas para fazê-lo dar um, dois, três passos à frente. O Kraftwerk enxugava seus devaneios de Pink Floyd teutônico: em nome dos quadris, lançou as bases do tecnopop. O Can explorava colagens com vôos instrumentais jazzísticos, também sem perder de vista o dançante espírito de época. Enquanto o Faust partia minimalista para a música das esferas, o Neu prefigurava o tecnopunk com a cara de pau de, em pleno 73, imprimir uma capa em roxo e verde-limão. Vanguarda, na Alemanha, já é tradição. Quem pegou a excursão brasileira do Cassiber, no ano passado, sabe. E na linha de frente do pop radical está o grupo Einsterzende Neubaten (tradução aproximada: Prédios Novos Desabantes) que monta seus instrumentos a partir de sucata.

Quem veio ao gigantesco pavilhão onde está agora a Bienal de Paris, o antigo matadouro municipal, deveria, portanto, saber esperar pelo inesperado. E o show do La Loora começa justamente em clima de deixar todas as expectativas no ar.

Em ambos os cantos do palco, cerca de três metros acima, dois telões projetam à contra luz rasgos e rasgos de cor. Do grupo, só vemos por enquanto a silhueta do baterista, munido apenas de chimbau, caixa e pratos — o resto fica por conta de um computador rítmico. Agora a cantora está à direita e já dá para ver o guitarrista e o tecladista fazendo soar seus instrumentos — pelo som, aliás, deveria haver pelo menos mais dez instrumentistas no palco. Ou seja, em algum canto de toda a parafernália eletrônica, seqüenciadores e sintetizadores programados estão tocando sozinhos, enquanto bombardeios e outras cenas da Segunda Guerra tomam os telões.

Fora as vaias do pequeno número de punks que habita a platéia, todos estão hipnotizados. Criado em 81, o La Loora funde, de forma dançante mais refinada e curiosa, rock, jazz, swing e pop, com a intenção deliberada de, nas palavras do próprio grupo (com quem conversei após o show), estimular o ouvinte. Com "provocações sonoras e visuais diretas — o que nos interessa é o palco, não o estúdio", afirma Doktor.

Tanto que a formação da banda in-

Plena performance: Tom Mega em ação

clui, além de Doktor (sax/teclados), Hoffman (bateria), Split (voz/teclados), Florence (voz) e Amandowicz (guitarra), o operador de vídeo Gramming. Por trás de som e imagem, um projeto ambicioso:

"Nossos faros vanguardistas são precisos. Música pop e música experimental são duas coisas diferentes. Reunir esses dois pólos extremos é nosso dever", acrescenta Doktor.

Eco das garrafas

Mas o melhor ainda estava por vir. Centrado na figura maníaca, quase epiléptica de seu cantor e mentor intelectual, Tom Mega, o Me & the Heat deixou os franceses com o queixo no colo.

Além da voz, Mega usa como instrumento uma lata de lixo toda amassada, cheia de garrafas, com um microfone preso à boca com fita crepe e ligado a uma câmera de eco. Sobre as límpidas bases do quarteto que o acompanha — Bernd Krämer (trompete), Achim Grebin (bateria), Nico Hesselbach (teclados/flauta) e Reinhard Falk (baixo) —, uma espécie de colagem Police com Miles Davis, o cantor vai quebrando as garrafas, espalhando cacos de vidros por todo o palco, para depois se atirar sobre eles até sangrar. O resultado sonoro é de arrepiar a nuca. No fim a autoflagelação convive com arranjos elaborados, colocando o show dentro de uma linha de pesquisa e música performática que ultrapassa a instabilidade do rock atual. Alemão até o caroço, Tom Mega fala como um punk erudito, ou um novo bárbaro com uma base teórica.

"As culturas de tecnologia avançada necessitam de formas de expressão arcaicas e bárbaras mesmo na fase de seu declínio, ou justamente por causa dele. Mas dentro dessa forma de expressão, para que possamos ter alguma chance de fazer sucesso, é indispensável ter à disposição uma técnica perfeita."

Nada mal para uma simples noite de domingo.

REM

Nestas três letras pode estar o futuro do rock made in USA. De Nova York, *Marco Antonio Menezes* explica porque.

Foto LFI

O quarteto da Geórgia: à base do violão

Em sua terra natal, os americanos do R.E.M. são, já há alguns anos, incondicionais queridinhos da crítica. Na Europa, então, a adoração se estende a um pequeno mas fanático séquito. É a tribo que os coloca, junto com os grupos Jason & the Scorchers, Violent Femmes, Dream Syndicate e Gun Club numa espécie de renascença do *verdadeiro* rock ianque – rústico, guitarreiro e não pasteurizado.

Ou seja, o R.E.M. está, com seu terceiro LP na boca do forno, pronto para subir à tona, até os olhos, ouvidos e coração do chamado "grande público". Já estava mais do que na hora.

Formado em 1980 por Peter Buck (guitarra), Michael Stipe (vocal), Mike Mills (baixo) e Bill Berry (bateria), o R.E.M. pôs no mapa musical o nome de Atlanta, capital da Geórgia. Com várias gravações superpostas de Buck, ora na guitarra, ora no violão, o primeiro compacto era uma produção independente com *Radio Free Europe* e *Sitting Still*. Não deu outra: melhor do ano (81) segundo os críticos da *Rolling Stone*. A mesma turma de escribas que elegeria *Murmur*, o LP de estréia, melhor de 83.

No confronto direto com o público não foi tão fácil. Os fregueses de um bar, no Texas, pagaram à banda 500 dólares para ela *não* tocar. Num show para a Força Aérea americana, tiveram de sair do palco sob proteção policial, tomates voadores e gritos de "bicha!". Doce calvário dos inovadores.

R.E.M. é um termo médico que abrevia *rapid eye movement* (rápido movimento ocular) e designa a etapa do sono em que mergulhamos em sonhos. Sintonia direta com as letras enigmáticas, quase obscuras, que povoam um universo sonoro comparado freqüentemente a dois marcos do rock feito à base da fusão guitarra/violão, os Byrds e o Velvet Underground.

No palco, essa textura se espalha em trancos e barrancos de liberdade e irreverência. É capaz que o R.E.M. seja a última banda do planeta a aceitar — e tocar — pedidos da platéia.

JESUS AND MARY CHAIN

Não, não é outro grupo cristão à la U2. Um mistério decifrado por *Pepe Escobar*.

Foto WEA

Microfonia à moda escocesa

Quando você ouvir — e ouvir falar de — Jesus and Mary Chain, pense em *desintegração*. São quatro garotos de Glasgow, Escócia, um belo buraco onde não existe nada para a garotada, a não ser um bate-bola e um porre constante. William Reid (guitarra), Jim Reid (vocal), Douglas Hart (baixo) e Bobby Gillespie (bateria) têm menos de vinte anos. Formaram a banda há menos de um ano. Nesse tempo, saíram da monotonia caseira, estabeleceram-se em Londres — morando três em um quarto —, lançaram um compacto *(Upside Down)* pelo selo ultra-independente Creation, lançaram outro compacto *(Never Understand)* pelo selo menos independente Blanco Y Negro (associado à WEA), que penetrou nas paradas inglesas, e logo passaram a ser qualificados de "Sex Pistols dos anos 80". Qual é o mistério?

Desintegração. Uma batida psicótica. Uma melodia pop que se arrasta como um dinossauro ferido. E ondas e ondas de microfonia. Para eles, a microfonia não é apenas um truque no final de um acorde, usado para excitar o ouvinte. É a própria essência de seu som. Hendrix adoraria.

Não existe tonalidade. Não existem os crescendos que atingem aqueles piques dançantes e assobiáveis próprios ao pop. Temos microfonia rasgando o ouvido como uma lima, e a guitarra arranhada a ponto de soltar faíscas. Eu os ouvi pela primeira vez em uma fita pirata de um vendedor em Portobello Road, em Londres. Disse ele: "O concerto é assim mesmo. Quarenta minutos de microfonia. E quando eles resolvem ir embora, param e saem no meio de uma música".

Apareceram em um "vídeo", digamos assim, na BBC. Camisas soltas, caras de bebê, branquinhos, jeans rasgados no joelho. Um estilo de neo-psicodelismo. Mas eles não estão preocupados com modas.

A Corrente de Jesus e Maria. A ambivalência de fundo religioso não fica só no nome. Em nome do pai do rock — Elvis —, do Filho — os malucos e degenerados do som dos anos 60 — e do Espírito Santo — a geração punk —, esta corrente diz "Amém".

Tudo que surgiu de importante no mastodôntico universo pop veio de fora. Grupos e figuras marginais, *outsiders* com intenções conscientes ou sub. Os inclassificáveis.

O primeiro Espírito Santo dessa descendência seria o Velvet Underground. Houve outros famosos — como Bryan Ferry e o Roxy Music, Marc Bolan e o T. Rex, Bowie, Iggy Pop, os New York Dolls. Depois, a geração de 77 — Pistols, Tom Verlaine e seu Television, Richard Hell, Joy Division. Até cair do céu a mais transgressiva ala 80 — do que sobrou da desconstrução do Birthday Party aos vôos de Swans e Swans Way, dos eletrocavernosos Alien Sex Fiend aos Príncipes da Escuridão, os Sisters of Mercy.

Este seria o som do incesto de Jesus e Maria. Cortante, estilhaçador, um diamante bruto rasgando o vidro. Por tudo que evita, por todos os sons que não respeita, por todos os silêncios aos quais não se submete, a "música" de Jesus and Mary Chain é uma das soluções possíveis para a música pop.

A indústria do pop é mais voraz do que qualquer monstro mitológico. Precisa de um mito a cada dia. Na indústria, existe uma grande expectativa em torno desses escoceses. Eles serão capazes de gravar um LP? A WEA vai apostar no seu sucesso? Eles são capazes de levar gente a seus concertos? Tudo isso é secundário. Jesus and Mary Chain já cumpriram sua função transgressiva. Se voltarem ao silêncio, será um grande e apropriado final.

THE FIRM

A nova banda de Jimmy Page (foto central) cai na estrada. *Marco Antonio Menezes* flagra o show em Nova York.

Madison Square Garden, N.Y. 29/4/1985. Platéia lotada. Muitas pessoas vestem camisetas desbotadas com os dizeres "Led Zeppelin 1980". Foi o último ano em que a legendária banda se apresentou.

Cinco anos de espera para ver a reaparição do guitarrista Jimmy Page. Colocado, no palco, ao lado de outro monstro sagrado, o vocalista Paul Rodgers, ex-Bad Company e ex-Free. Essa é a linha de frente do The Firm, que tem ainda no baixo Tony Franklin e na bateria Chris Slade (da Earth Band de Manfred Mann, do Uriah Heep e acompanhante de David Gilmour, ex-Pink Floyd, em suas excursões solo).

A história da formação da banda já tem dois anos. Em 1983, Page e Rodgers apresentaram-se juntos numa série de concertos beneficentes que levantavam recursos para Ronnie Lane, ex-Faces e outros portadores de esclerose múltipla.

Rodgers, venerável veterano

Fotos Cláudio Edinger

Voltando ao show. Page e Rodgers ensaiaram apenas quatro semanas. Levantaram a maior expectativa. Mas muita gente saiu frustrada. Como no disco, o show pouco teve a ver com o brilho, a espontaneidade e a garra do Led. Page ainda é capaz de momentos de mágica, como em *Someone to Love* ou *Together*, onde os solos soam como um poderoso eco do tempo em que ele era aquela figura toda.

The Firm parece ter até um problema de repertório. Um problema que teria levado a banda a incluir no LP e no show a veneranda *You've Lost that Lovin' Feelin'*, dos Righteous Brothers. E, o que é curioso, os nostálgicos do Led Zeppelin, que ouviram os discos gravados pela banda entre 1968 e 1979, fizeram um contraste com o público mais jovem, parte do qual só tinha de Page referências históricas. Os mais velhos esperavam mais. Saíram meio *down*. Os mais novos eram mais entusiasmados. Com os solos de Page, com o vozeirão de Rodgers ou com o solo de Tony Franklin em *Midnight Moonlight*, onde aparece clara a influência de Jaco Pastorius, ex-baixista do Weather Report.

Esta renovação de público é um bom sinal. Músicos como Page e Rodgers andam fazendo falta. Para conquistar o público novo, só é necessário que The Firm passe de uma fase aparente de esquentamento para brilhar além da mera competência técnica.

DUNA

O best seller de Frank Herbert chega enfim às nossas telas. *Orlando Fassoni* dá os detalhes que estão por trás desta superprodução que coloca a humanidade a dez mil anos no futuro.

Foto Universal City Studios

Se você acha que o cinema dificilmente iria realizar proezas maiores e mais sofisticadas do que aquelas que viu em *2001, Uma Odisséia no Espaço*, ou mais recentemente em obras como *Guerra nas Estrelas*, espere para ver a parafernália que o diretor David Lynch e seus colaboradores colocaram em *Duna*.

O filme está sendo aguardado como uma das grandes promessas desta temporada cinematográfica, e deve estar nas telas ainda este mês com as chances de ser um novo sucesso de público e crítica. De público é praticamente certo, levando-se em conta a carga publicitária que, inevitavelmente, fará a cabeça do espectador. Mas milhões de dólares em publicidade nem sempre resolvem. Depende da qualidade.

No caso de *Duna*, ao menos o fator literário, ou de ficção científica, está garantido. Afinal, a novela de Frank Herbert já vendeu mais de 12 milhões de exemplares desde seu lançamento, em 1965. E como o cinema sempre está de olho nos best sellers, inevitavelmente *Duna* acabaria nas telas com sua história interplanetária, sua filosofia, seu arcabouço de efeitos especiais, sua grande e caprichada produção, a presença do grupo Police através de seu líder, Sting, e a necessidade de se resolver certos problemas através da criatividade dos desenhistas de produção.

Nova humanidade

Os críticos afirmam que *Duna* é um caso à parte na ficção científica. Consideram que, no gênero, certos autores criam personagens memoráveis, citando, por exemplo, o computador Hal 9000, de *2001*, o capitão Nemo de *Vinte Mil Léguas Submarinas*, de Julio Verne, as criaturas de George Orwell e Aldous Huxley, ou as de Ray Bradbury, Asimov, Heinlein. Mas acham que Herbert, em vez de falar sobre os cientistas, criou uma história sobre a nova humanidade, aquela daqui a dez mil anos, quando a capacidade não é medida em termos de kilobytes de computadores e sim pelo poder de raciocínio dos humanos.

E dizem mais: que Frank Herbert, com a série *Duna*, não apenas construiu um épico, nos modelos de uma *Odisséia* ou de uma *Guerra nas Estrelas*. Inventou uma sociedade que, a seu modo, recapitula a História.

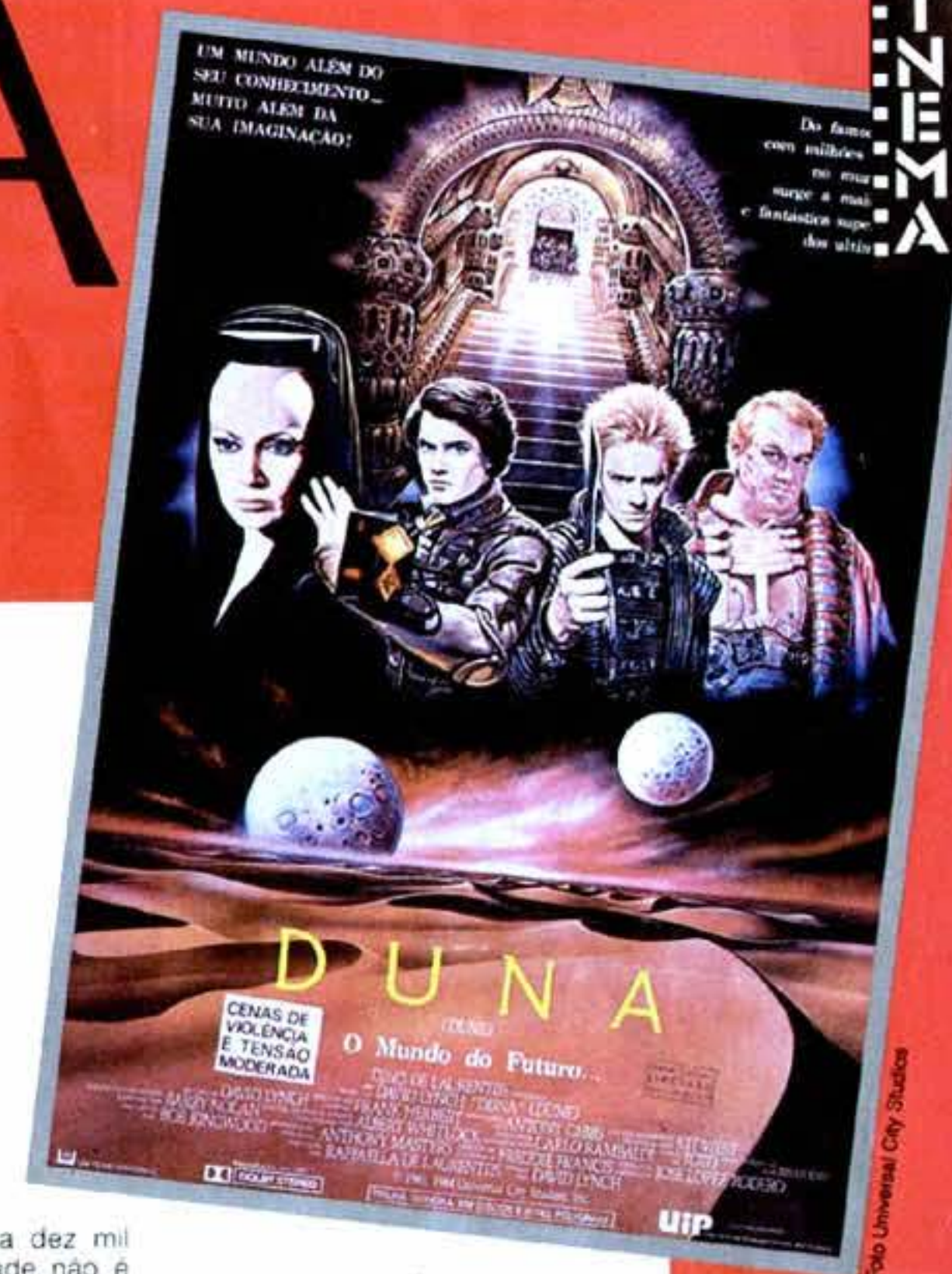
Rejeição inicial

O mais engraçado é que esse best seller foi, inicialmente, rejeitado pelos editores americanos. Ninguém acreditava no seu sucesso. Herbert correu atrás de nada menos do que 22 editoras com o manuscrito que havia publicado em série na revista *Analog*, e acabou sendo obrigado a se satisfazer com uma edição minguada, de 2 mil cópias, publicada por uma casa muito mais especializada em consertos de automóveis. Depois, um editor de ficção científica descobriu o livro e lançou uma edição de bolso. Herbert recebeu 2 mil e 500 dólares pelas duas. Hoje fatura 500 mil dólares por ano.

E a trajetória de *Duna* começou aí, modestamente, sem que ninguém, nem o próprio autor, pudesse imaginar quais seriam os rumos que a obra tomaria. Só o primeiro volume, com mais de 700 páginas, traduzido para 14 idiomas, dá o retrato do retorno que o autor deve estar tendo, em termos de dólares, sem contar o que terá daqui pra frente com os outros volumes de sua saga.

Ele, afinal, continua escrevendo sobre *Duna*. E diz que há, no mínimo, 15 milhões de leitores que acharam o primeiro livro muito interessante. "Eu estou conversando com eles sobre como examinar todas essas premissas sobre as quais estruturamos nossos Governos e as nossas idéias de liderança."

Drogas e ecologia

Filosofia futurista é o que menos falta ao filme, que derrotou a capacidade imaginativa de uma série de roteiristas mas acabou virando filme. Com um orçamento de 40 milhões de dólares, um dos cinco mais caros de toda a história de Hollywood, *Duna* caiu nas mãos de David Lynch, o mesmo de *O Homem Elefante*, depois de ter passado por outros cineastas que se recusaram, por in-

Fotos Universal City Studios

Vários cineastas se recusaram a tentar a ousadia de transformar em cinema este texto onde é, segundo os críticos, perfeita a comunhão entre a ficção e a política, a filosofia e a aventura.

O herói McLachlan ao centro, à direita, Max von Sydow

Francesca Annis, José Ferrer e Silvana Mangano

Sting, do Police, cada vez mais dedicado ao cinema

Foto Gamma

competência ou por falta de recursos, a tentar a ousadia de transformar em cinema um texto onde é, segundo os críticos literários, perfeita a comunhão entre a ficção e a política, a filosofia e a aventura.

Os espectadores, depois do primeiro *Duna*, podem esperar por uma série de seqüências, daquelas que Hollywood gosta de criar. Nesta primeira história está a apresentação de personagens e situações.

Apareceu nos anos 60, quando os especialistas começaram a discutir a verdadeira importância da ecologia num universo que se via, gradativamente, destruído em sua fauna, flora e vida marítima, ou discutia drogas e misticismo, religião e sociedade. O herói principal é Paul Atreides, que se bate pela destruição da sociedade computadorizada para fazer valer a supremacia da mente, isso tudo num universo que Herbert criou baseando-se no feudalismo, cheio de maquinações políticas.

Valores e efeitos

Duna acabou virando filme pelo interesse de Raffaella De Laurentiis, a filha do produtor Dino De Laurentiis, um desses *big shots* de primeira linha. Ela ficou entusiasmada pela primeira novela de Herbert e convenceu o pai a produzir uma versão deste primeiro livro sobre Duna, o planeta, e os seres que tentam coabitar nele. Inicialmente, De Laurentiis tentou convencer o diretor Ridley Scott, o mesmo de *Blade Runner*, a fazer o filme. Ele rejeitou. Tentou David Lynch e teve sorte. Ele aceitou a proposta e, entre maio de 1981 e dezembro de 1982, passou escrevendo um roteiro que pudesse ser filmado, resumindo o texto de Frank Herbert sem esquecer os seus valores básicos. Foram necessários 4 mil figurinos diferentes, 75 estúdios de filmagens, a maioria deles contratados no México, nos estúdios Churubusco Azteca, onde Cantinflas sempre fez suas comédias; modelos de roupas criados especialmente por Carlo Rambaldi; miniaturas de diversos tipos, equipamentos eletrônicos, efeitos especiais estudados detalhadamente e um elenco formado por Kyle MacLachlan, o mocinho Paul Atreides, mais Francesca Annis, Jurgen Prochnow, Max Von Sydow, José Ferrer, Sting, Sian Phillips, Sean Young e Linda Hunt, incluindo-se, aí, uma participação de Aldo Ray, aquele ator que algumas gerações viram em dezenas de filmes de guerra, e de Silvana Mangano, a célebre atriz italiana, no papel da reverenda Mãe Ramallo.

Duna é o planeta Arrakis, deserto, onde mãe Ramallo fala aos seus súditos sobre a chegada de "alguém" que virá trazendo a "Guerra Sagrada" para "limpar o Universo" e livrar o povo da escuridão. E então começa essa história misteriosa, simbólica, com conotações bíblicas e religiosas e com o anunciado, Paul, como um Cristo intergaláctico que vem ao mundo para salvar, perdoar e ser também um instrumento dos poderosos.

Narcótico-especiaria

Frank Herbert já escreveu sete volumes sobre o planeta Duna e seus personagens. E ainda não se cansou. Acha que, cada vez mais, é preciso reavaliar a História. No primeiro livro, este que David Lynch filmou, a questão está relacionada a como produzir Messias. O cenário é um planeta habitado por caracteres sinistros, invadidos por política e religião, e, no centro de tudo, o lugar inóspito habitado por lagartas gigantes, com 250 metros de comprimento, e a tribo selvagem dos "Fremen", onde está a fonte da juventude, mistura de narcótico e especiaria que chamam de "melange", que prolonga a vida e também tem o poder de conceder conhecimentos científicos aos que o consomem. É provável que, diante de teses e filosofias, o espectador tenha diante de si um enigma maior do que o de *2001* com seu monolito negro difícil de desvendar. E é isso que, segundo dizem, atrai em *Duna*. Curiosamente, Dino De Laurentiis foi buscar apoio em nomes conhecidos: o desenhista de produção é Anthony Masters, que foi diretor de arte em *2001*, o criador dos efeitos especiais é o mesmo Albert Whitlock de *Terremoto*, e Carlo Rambaldi se encarregou de desenhar as criaturas especiais, com a experiência de *E.T.* e da refilmagem de *King Kong*.

O segundo livro de Frank Herbert, "O Messias de Duna", foi lançado recentemente no Brasil. Apareceu em 1969 nos Estados Unidos, dando seqüência à odisséia de seus vários e intrigantes personagens. Vilões e heróis de um mundo futurista, carregado dos mesmos vícios, obsessões, pecados, egoísmo e angústias que vivemos hoje no nosso mundo. Afinal, pelo que nos conta Frank Herbert, daqui a 10 mil anos pouca coisa vai fazer do ser humano um novo homem.

FICÇÃO

FLASH GORDON NO PLANETA MONGO (*Perils from the Planet Mongo*, 1936)

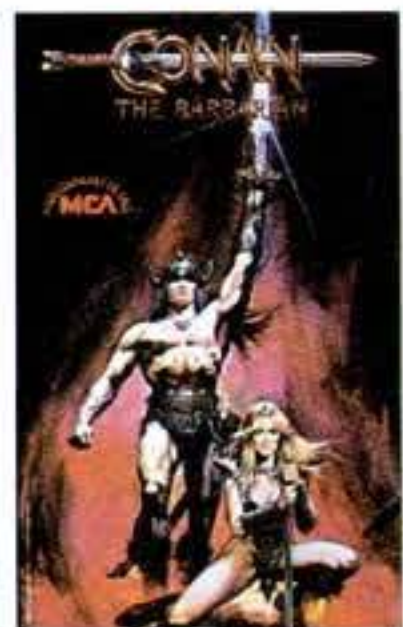
Direção: Frederick Stephani. Com Buster Crabbe, Jean Rogers e Charles Middleton. Legendado.
Flash (Crabbe) e sua deliciosa namorada Dale Arden (Jean Rogers, uma precursora da minissaia), impedem que o maquiavélico imperador Ming (Middleton) destrua a Terra. Mais um dos filmes que saíram da criação genial em quadrinhos de Alex Raymond. Divertido futurismo em cenários baratos, se comparados aos incríveis efeitos especiais de hoje.

UNIVERSO EM FANTASIA (*Heavy Metal*, 1981)

Direção: Gerald Potterton. Desenho animado. Legendado.
Para quem curte quadrinhos, o estilo predominante na revista *Heavy Metal* (espaço, lances *freaks* e toques de neopsicodelismo). Diversos episódios.

BLADE RUNNER (*O Caçador de Androides*, 1982)

Direção: Ridley Scott. Com Harrison Ford, Sean Young, Daryl Hanna. Original.
Mesmo sem legendas, vale (e muito) pelo incrível impacto visual. Numa Los Angeles do futuro envolta na poluição e permeada pela cultura oriental, Harrison Ford é um policial com licença para matar andróides que se rebelaram contra o sistema. A trilha sonora de Vangelis contribui para tornar *Blade Runner* um dos mais belos filmes dos últimos anos.

CONAN, O BARBARO (*Conan, the Barbarian*, 1981)

Direção: John Milius. Com Arnold Schwarzenegger, James Earl Jones. Legendado.
Conan, um personagem de quadrinhos, vive na pré-história. Seus pais foram mortos quando ele era criança. E sua missão na vida é a vingança. O assassino dos pais é Thulsa Doom, líder de um grupo religioso que cultua a magia.

TROVÃO AZUL (*Blue Thunder*, 1983)
Direção: John Badham. Com Roy Scheider (2010) e Malcolm McDowell (If). Legendado.
Alta tecnologia no combate ao crime. Um super-helicóptero, dotado de computadores e raios laser, ajuda a caçar bandidos em Los Angeles. Ação, efeitos especiais e bom ritmo. Acabou virando um seriado na tevê.

MUSICAL

THE PUNK ROCK MOVIE (1981)
Diretor: Don Letts. Com Johnny Rotten e os Sex Pistols, The Clash, X-Ray Specs e outros. Original.
As origens do movimento punk em Londres com as bandas que o inventaram e ajudaram a revolucionar a música pop: Johnny Rotten (agora John Lydon, com a banda Public Image Limited) e X-Ray Specs (com a cantora Poly Styrene), além do Clash, valem uma sessão muito atenta.

THE POLICE AROUND THE WORLD (1982)

Diretor: Kate e Derek Burbidge. Com o grupo The Police. Original.
Alguns momentos arrastados, mas mesmo assim um excelente documentário de uma longa excursão do Police em 80 e 81. Belas imagens, inclusive as do grupo nas areias de uma praia carioca e no bondinho. Mas ao contrário dos outros países, não há imagens do show no Rio. Embora ótimo, foi pessimamente divulgado, reunindo apenas três mil pessoas no Maracanãzinho.

DRAMA

O FUNDO DO CORAÇÃO (*One From the Heart*, 1982)

Direção: Francis Coppola. Com Terri Garr, Frederick Forest, Raul Julia, Nastassia Kinski. Legendado.
Malhado por crítica e público à época de seu lançamento, o filme de Coppola que custou 40 milhões de dólares e levou dois anos para ser feito começa a virar verdadeiro culto em vídeo. Primeiro filme a ser editado em vídeo. Um visual belíssimo e uma careta — porém verossímil — história de amor. Do fundo do coração.

APENAS UM GIGOLÔ (*Just a Gigolo*, 1979)
Diretor: David Hemmings. Com David Bowie, Sidne Rome, Marlene Dietrich, David Hemmings. Legendado.
O charmoso e super cool Bowie como Paul, um gigolô de mulheres ricas. O pano de fundo é a decadente Berlim na época da ascensão do nazismo. O diretor, Hemmings, é o fotógrafo de Blow-Up.

COMÉDIA

CLUBE DOS CAFAJESTES (*Animal House*, 1978)

Diretor: John Landis (de Os Irmãos Cara-de-Pau e Um Lobisomem Americano em Londres). Com John Belushi e Donald Sutherland. Legendado.
Belushi, um dos melhores comediantes desta segunda metade de século (morto no ano passado com uma overdose de heroína), lidera um bando de malucos numa sátira à vida americana nos campus universitários da década de 60.

O JOVEM FRANKENSTEIN (*Young Frankenstein*, 1974)

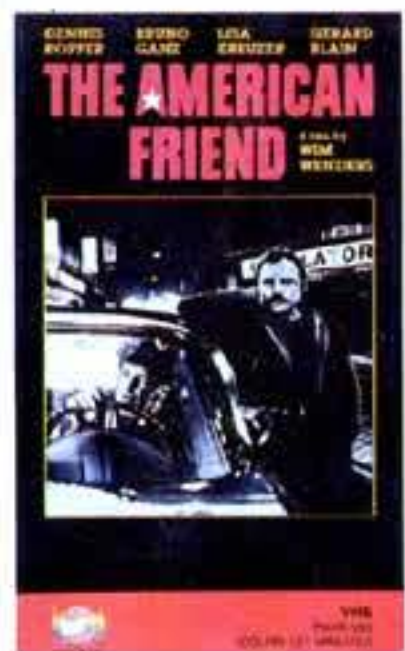
Direção: Mel Brooks. Com Gene Wilder, Marty Feldman, Madeline Khan. Legendado.
Verdadeiramente hilário. Frederick Frankenstein (Wilde) é um neurocirugião que volta ao castelo de seu avô na sinistra Transilvânia, e resolve, a partir de velhas anotações, fabricar um homem com pedaços de cadáveres. Cenários e cenas lembrando os filmes de horror de antigamente.

O INCRIVEL EXERCITO BRANCALEONE (*L'Armata*, 1965)
Direção: Mario Monicelli. Com Vitorio Gassman, Catherine Spaak. Legendado.
O percurso quase surrealista de uma das facções que, na Idade Média, pretendia chegar em cruzada até Jerusalém. Um grupo de alucinados e desequilibrados é comandado pelo galante e boçal Brancaleone (Gassman), uma espécie de Dom Quixote medieval e italiano.

POLICIAL

A FORÇA DE UM AMOR (*Breathless*, 1983)

Direção: Jim McBride. Com Richard Gere e Valerie Kaprisky. Legendado.
Richard Gere, transpirando energia e inquietação, é um ladrão de carros que se apaixona por uma universitária francesa de classe média, numa versão americana de *O Acossado*, de Godard. Retrato perturbador de um personagem (Gere) que jogava com a vida até suas últimas conseqüências.

O AMIGO AMERICANO (*The American Friend*, 1977)

Direção: Wim Wenders. Com Bruno Ganz, Dennis Hopper, Liza Kreuzer. Legendado.
Aclamado como a maior figura do novo cinema alemão, Wenders mostra no filme a vida de um pacato restaurador de quadros ser sacudida por uma proposta insólita — a de matar uma pessoa no metrô de Paris.

Levantamento feito a partir dos videoclubes Videoclube do Brasil, Audio, Omni Video e Videoland (SP) e Videoclube Nacional, Videoplay e Videoclube do Brasil (Rio).

Fotos Estúdio Abril

VÍDEO

OLHAR ELETRÔNICO
A NOVA TV

Fotos Virginia Fonseca

Ao sucesso! O aloprado disc-jockey Bob MacJack (foto central) dá o tom de *Crig-Rá*, o programa que está colocando a produtora paulista em cadeia nacional. Nesta entrevista a *Sônia Maia*, Marcelo Machado (foto acima) dá todos os antecedentes e coordenadas da turma responsável pelo que há de novo no ar.

Uma câmera na mão e muitas idéias na cabeça. Foi assim que, em março de 82, três irriquietas figuras fundavam a produtora independente Olhar Eletrônico. Os sócios proprietários Fernando Meirelles, Paulo Morelli e Marcelo Machado compraram uma câmera profissional, arrumaram uma grana (modesta) e foram para a rua, acompanhados de uma equipe de quatro pessoas.

De lá para cá, a Olhar Eletrônico conseguiu prêmios em dois festivais de vídeo, criou a personagem hilária e irreverente do repórter Ernesto Varela (vivida pelo ator Marcelo Tas) e estabeleceu uma nova linguagem nos vídeos do Brasil.

Esta nova linguagem, rápida, bem-humorada, alinhavada por vinhetas e balões emprestados da linguagem dos quadrinhos, conseguiu jogar no vídeo justamente o que a moçada *não* estava vendo na televisão. Um visual recheado de rock, de uma forma de jornalismo que junta o fato ao pique *freak* dos clips e de um cotidiano escamoteado pelas grandes redes de televisão. A linguagem do programa Crig-Rá (o grito de guerra de Tarzã, o rei dos macacos).

"Havia outros nomes, como Tesouros da Juventude, ou Freqüência Modulada", conta Marcelo Machado. "Mas existia uma identificação do pessoal da Olhar com os quadrinhos. E a necessidade de um nome com impacto forte e fácil de memorizar. Aí, um dia, alguém gritou Crig-Rá! E a macacada adorou!"

Foto Rui Mendes

O caminho para se chegar ao Crig-Rá não foi fácil. A Olhar fez quase de tudo. As primeiras e pequenas produções fizeram o passeio ritual e inevitável pelo chamado circuito cultural de São Paulo e de outras capitais — museus, salas de vídeo, lugares de encontro de uma turma que, se gratifica pela atenção dispensada, não colabora muito no lado do necessário retorno financeiro.

O *quase* de tudo exclui a encomenda de um trabalho para uma indústria bélica. A Olhar teria de documentar o funcionamento de um lança-chamas. "Aí também já era demais", diz Machado, que alegou para a recusa uma questão de princípio. Mesmo com a recusa, o restante dos trabalhos permitiu à Olhar ter dinheiro para contratar pessoal e se profissionalizar.

Mistura de linguagens

Ao se unir, o grupo procurava uma fusão de suas experiências anteriores, um encontro de música, desenho, cinema, vídeo e literatura. A televisão permitia maior penetração, pegando não só o jovem mas diversas camadas etárias e sociais. E o cinema estava fora do alcance dos bolsos da turma da Olhar.

É claro que os primeiros trabalhos, como *Garotos do Subúrbio* e *Eletroagentes*, estavam carregados do que a TV convencional chamaria vícios, e que a Olhar chamou de "defeitos especiais". Em *Eletroagentes*, por exemplo, precisavam de um cometa na tela. O cometa foi representado por dois faróis acesos em frente à câmera numa estrada escura. Só que, normalmente, não se filma pontos de luz muito fortes assim de frente. Eles produzem riscos ondulados no vídeo, considerados tecnicamente como erros.

Em *Garotos do Subúrbio* usaram o que chamam de "corte sem remendo". Explica Machado: "Sempre que se faz uma reportagem, é comum, se você cortar a imagem do entrevistado no meio da fala, colocar outra imagem no meio, um *insert*. Isso para não dar pulos na imagem ou na fala". Mas no final de *Garotos* a Olhar deixou as falas com pulo, "o que deu ritmo às imagens e ao som". *Eletroagentes* foi uma co-produção com Alfredo Fritz e falava sobre Itaipu. *Garotos* é um documentário sobre os punks paulistas.

Já acostumada com o pique, a turma do Olhar partiu para o trabalho direto. Mesmo nos fins de semana. Chato era quando chegava com os trabalhos nas emissoras de televisão. Todo mundo gostava. A resposta, porém, era invariável: "Vocês estão loucos! Não dá para pôr isto no ar!" As reações serviram para mostrar aos novos profissionais da Olhar que estavam entrando na coisa de forma ingênua, num estilo meio assim de olhar para os próprios umbigos. "As pessoas não estão interessadas em comprar as coisas que a gente mais gosta de fazer", concluiu Marcelo Machado. Era necessário um esforço comercial "numa boa".

A Olhar inscreveu toda sua produção no primeiro e segundo festivais de vídeo do Museu da Imagem e do Som/Fotoptica, realizados em São Paulo em agosto de 83 e junho de 84. E levou primeiro lugar nos dois anos seguidos, um deles em regime de co-produção. Em 83, com *Marli Normal*, o cotidiano de uma jovem classe média. E em 1984 com *Eletricidade* (co-produção, mais uma vez com Fritz), um clip com a música do tecladista *high-tech* Kodiak Bachine, do extinto grupo Agentss. O clip usou até, em seus efeitos, os recursos do Instituto de Física da Universidade de São Paulo.

Padrão Japão

Os prêmios abriram as portas. A Olhar foi a campo, com Goulart de Andrade — que também estava atrás de uma fórmula para a nova reportagem na TV Gazeta. Com a ida de Goulart para a Record, a Olhar mudou-se para a Abril Vídeo. Onde até hoje permanece, com sucesso. Com Crig-Rá. Um programa baseado em um personagem central, Bob MacJack, outro tipo vivido por Marcelo Tas. MacJack, no vídeo, é um assombro. Roupinha super niu uéive, óculos escuros, a pele lambuzada de óleo brilhando para as câmaras. O homem-âncora MacJack é uma reunião dos estereótipos que estão aí. A comida plástica de cada dia, a rapidez da metrópole, o consumo acelerado da produção artística — em especial a música, hoje descartável.

O patético MacJack fala em FM. Quer chegar a um público composto de adolescentes, de 13 a 25 anos. E o programa adota um visual próximo do japonês. "A diagramação das revistas japonesas não tem muita limpeza, tem um acúmulo de informações, muita imagem, choque. O padrão Japão é muito avançado. E a união Oriente/Ocidente dá um equilíbrio maior, uma interação universal". Recheando tudo, videoclips. E as reportagens de Sandrinha, 16 anos.

O retorno de Crig-Rá, há cinco meses no ar, é compensador. Um Ibope que já chegou aos quatro pontos na Abril Vídeo (cidade de São Paulo). Cartas apaixonadas. Um público que, mesmo relativamente pequeno, é ligado e participativo. É um investimento profissional que leva a gente a acreditar — ainda bem — na vitória de um jeito novo de fazer TV.

ONDE MESMO? O Crig-Ra pode ser visto em São Paulo (capital) pela TV Gazeta, canal 11, aos domingos, 19h30. No Rio, aos sábados, 21h, pela Record, canal 9. Em Santa Catarina, também aos sábados, às 12h, pela TV Barriga Verde, canal 9. E, finalmente, em Porto Alegre, pela TV Guaíba, canal 2, aos domingos, 19h30. O programa deverá estar aparecendo logo em Brasília, Belo Horizonte, Curitiba, Salvador e Manaus. Fiquem antenados.

LEGIÃO URBANA

O grupo brasiliense veio até São Paulo para fazer, com a turma do Olhar Eletrônico, seu primeiro clip. Simples e despojado, como manda o som da banda: externas na noite metropolitana e tomadas em ação no Rose Bom Bom (onde deram o show). De câmera na mão, *Virgínia Fonseca* acompanhou a filmagem e a edição.

Tire suas mãos de mim
Eu não pertenço a você
Não é me dominando assim
Que você vai me entender

Será que nada vai acontecer
Será que é tudo isso em vão
Será que vamos conseguir vencer

Brigar pra quê
Se é sem querer
Quem é que vai nos proteger
Será que vamos ter que responder
Pelos erros a mais
Eu e você

We Are The World

F B^b C F
There comes a time we heed a certain call
B^b C^7 F
When the world must come together as one
Dm
There are people dying
C B^b
And it's time to lend a hand to life
$C^{7/4}$ C^7
The greatest gift of all
F B^b C F
We can't go on pretending day by day
B^b C^7 F
That someone, somewhere, will soon make a change
Dm C
We are a part of God's great big family
B^b
And the truth, you know,
$C^{7/4}$ C^7
Love is all we need

Refrão

B^b C^7 F
We are the world, we are the children
B^b C^7
We are the ones who make a brighter day
F
So let's start giving
Dm
There's a choice we're making
C
We're saving our own lives
B^b C^7
It's true we'll make a better day
F
Just you and me
F B^b C F
Send them your heart so they'll know that someone cares
B^b C^7 F
And their lives will be stronger and free
Dm C
As God has shown us by turning stones to bread
B^b $C^{7/4}$ C^7
So we all must lend a helping hand

Refrão

A^b B^b F
When you're down and out there seems no hope at all
A^b B^b F
But if you just believe there's no way we can fall
Dm C
Let us realize that a change can only come
B^b $C^{7/4}$ C^7
When we stand together as one

* Repetir duas vezes o refrão. Na terceira, repetir 1/2 tom acima:

$F^\#$ - B - $C^{\#7}$ - $F^\#$ - B - $C^{\#7}$ - $F^\#$ - $D^\#m$ - $C^\#$ - B - $C^{\#7}$ - $F^\#$

Nós somos o mundo

Chega um momento em que atendemos a certo chamado
Quando o mundo precisa unir-se como um todo
Há pessoas morrendo
E chegou a hora de dar uma mão à vida
A maior de todas as dádivas

Não podemos continuar fingindo, dia após dia
Que alguém, em algum lugar, fará logo uma mudança
Somos parte da grande família de Deus
E a verdade, você sabe,
É que o amor é tudo de que precisamos

Nós somos o mundo, nós somos as crianças
Nós somos aqueles que fazem um dia mais claro
Por isso vamos começar a dar

É uma opção que estamos fazendo
Estamos salvando nossas próprias vidas
É verdade que faremos um dia melhor
Apenas eu e você

Envie a eles seu coração
Para que saibam que alguém se importa
E suas vidas serão mais fortes e livres
Como Deus nos mostrou transformando pedras em pão
Assim devemos todos dar uma mão

Quando você está por baixo parece não haver esperança
Mas se você apenas acreditar não há maneira de cairmos
Precisamos compreender que uma mudança só pode vir
Quando nos unirmos como um todo

	TECLADO	GUITARRA	BAIXO
F = fáM			
B^b = si^bM			
C = DóM			
C^7 = $DóM^7$			
Dm = Rém			
$C^{7/4}$ = $Dó^{7/4}$M			
A^b = $Lá^b$			
$F^\#$ = $Fá^\#$M			
B = SIM			
$C^{\#7}$ = $Dó^\#M^7$			
$D^\#m$ = $Ré^\#m$			
$C^\#$ = $DóM^\#$			

BATERIA

Prato — Chimbau — Caixa — Bumbo

Semibreve	4 tempos	Semicolcheia	1/4 tempo
Mínima	2 tempos	Fusa	1/8 tempo
Semínima	1 tempo	Semifusa	1/16 tempo
Colcheia	1/2 tempo		

Antigamente a escala musical começava pela nota *lá*. Na convenção usada nestas cifras, a primeira letra correspondente ao *lá* e, assim, sucessivamente.

A = lá
B = si
C = dó
D = ré
E = mi
F = fá
G = sol

M = maior
m = menor
# = sustenido
b = bemol
𝄆 𝄇 = sinais de repetição. Repita o que estiver entre estes dois sinais.

Escreva para a redação e envie sugestões de músicas que você gostaria de tocar.

Foto L.F.I.

Pride *(In the name of love)*

One man come in the name of love
One man come and go
One man come he to justify
One man come to overthrow

Refrão
In the name of love
What more in the name of love?
In the name of love
What more in the name of love?

One man caught on a barbed wire fence
One man he resist
One man washed up on an empty beach
One man betrayed with a kiss

Refrão

Early morning, april 4th
A shot rings out in the Memphis sky
Free at last, they took his life
They could not take his pride

Refrão

Orgulho (Em nome do amor)

Um homem vem em nome do amor
Um homem vem e parte
Um homem vem para reabilitar
Um homem vem para derrubar

Em nome do amor
O que mais em nome do amor?
Em nome do amor
O que mais em nome do amor?

Um homem preso em uma cerca de arame farpado
Um homem trazido pela maré até uma praia deserta
Um homem traído com um beijo

De manhã cedo, 4 de abril
*Um tiro ressoa no céu de Memphis**
Livre enfim, tiraram sua vida
Não conseguiam aceitar seu orgulho

** Referência ao assassinato de Martin Luther King.*

Escreva para a redação enviando o nome das músicas que você quer ver traduzidas.

PHIL COLLINS

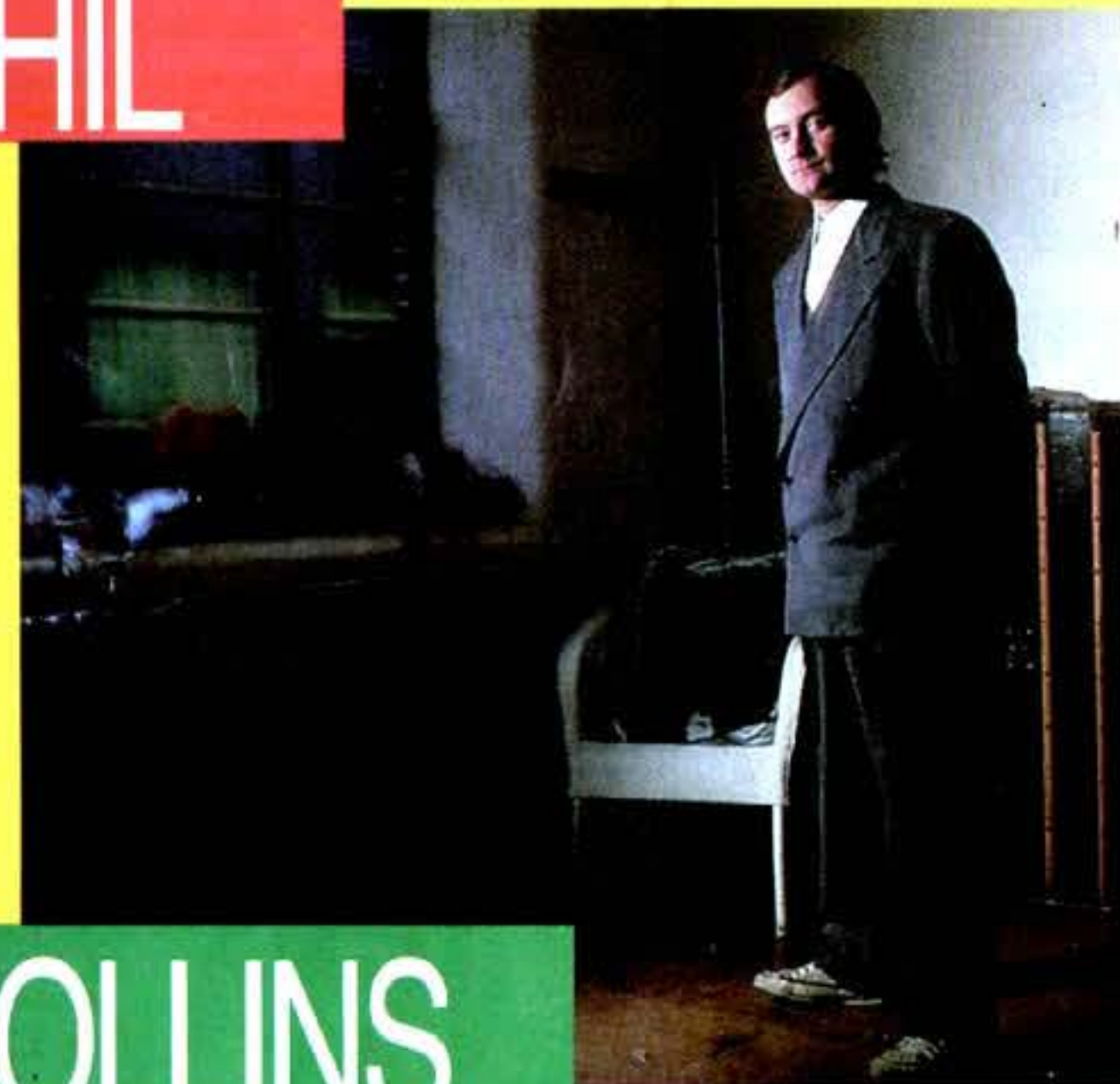



Foto Wea

One more night

One more night, one more night
I've been trying oh so long to let you know
Let you know how I feel
If I stumble or if I fall just help me back
So I can make you see

Refrão

Please give me one more night, give
[me one more night
One more night because I can't wait forever
Give me just one more night, one more night
Oh one more night, because I can't
[wait forever

I've been sitting here so long
Wasting time just staring at the phone
And I was wondering should I call you
Then I thought maybe you're not alone

Refrão

Give me one more night, give me just
[one more night
Just one more night because I can't wait
[forever

Like a river to the sea, I will always
[be with you
And if you should sail away, I will follow you

Give me one more night, give me just one
[more night because I can't wait forever

I know there'll never be a time you'll
[ever feel the same
And I know it's only words
But if you change your mind, you know
[that I'll be here
And maybe we both can learn

Refrão

Mais uma noite

Mais uma noite, mais uma noite
Ando tentando há tanto tempo fazer
[você saber
Fazer você saber como me sinto
Se eu tropeçar ou se eu cair, apenas
[me ajude a voltar a ficar de pé
Para eu poder fazer você entender

Por favor, me dê mais uma noite,
[mais uma noite
Mais uma noite, pois não posso
[esperar para sempre
Me dê só mais uma noite, mais uma
[noite
Mais uma noite, pois não posso
[esperar para sempre

Estou sentado aqui há tanto tempo
Perdendo tempo só com os olhos
[fixos no telefone
E estava imaginando se deveria ligar
[para você
Aí pensei que talvez você não esteja só

Me dê mais uma noite, me dê só mais
[uma noite
Só mais uma noite pois não posso
[esperar para sempre

Como um rio para o mar, estarei
[sempre com você
E se você navegar para longe, eu
[seguirei você

Me dê mais uma noite, me dê só mais
[uma noite
Mais uma noite pois não posso
[esperar para sempre

Sei que nunca haverá um momento
[em que você sinta o mesmo
E sei que são só palavras
Mas se você mudar de idéia, você
[sabe que estarei aqui
E talvez possamos os dois aprender

DISCOTECA BÁSICA

Pois é, até o reino da música descartável (bem-vindo ao Circo do Rock'n'Roll) tem seus clássicos eternos. São aqueles discos que cristalizam o auge criativo de uma banda importante, ou então definem as trilhas para a geração seguinte. Dá para conversar sobre heavy metal sem o primeiro do Led Zeppelin? Você pode tentar... Mas, para não dar vexame, é melhor prestar atenção nesta discoteca básica. Afinal, estes discos fizeram história. Mês que vem tem mais.

The Sun Sessions — O Rei **Elvis** antes de entrar no exército, virar galã de Hollywood e cantar baladas napolitanas orquestradas. Rockabilly puro, no berço, com a lendária guitarra de Scotty Moore.

16 Golden Greats — Uma coletânea que vale ouro mesmo: contém as fundamentais obras de **Chuck Berry.** Entre elas, *Johnny B. Goode* e *Rock'n'Roll Music*.

Revolver — A guinada definitiva dos **Beatles** para forjar o pop dos anos 60. Cravos, violoncelos, efeitos de estúdio... uma ousadia que desembocaria em:

Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band — Muita gente prefere a maratona-síntese do "álbum branco", mas este LP acaba sempre em primeiro quando qualquer bando de críticos se reúne para eleger "o melhor de todos os tempos". Em segundo lugar, também não dá outra:

Blonde on Blonde — Em um duplo, os momentos mais luminosos de **Bob Dylan** em sua fase elétrica. Não que a fase folk-acústica não tenha dado uma obra-prima:

Highway 61 Revisited — Gaitinha, violão e letras de fôlego épico, ou seja, quilométricas e visionárias. A música popular, e seus refrões "volte pra mim, baby", não poderia ser mais a mesma.

The Doors — O primeiro disco da banda, pelo menos tão psicodélico quanto e anterior a *Sgt. Pepper's*. Tem *The End*. Precisa dizer mais?

The Velvet Underground & Nico — Enquanto isso, essa turma nova-iorquina encabeçada por Lou Reed e John Cale (e amparada por Andy Warhol) deixava o psicodelismo comendo poeira para destilar crônicas do submundo. Aviso: a voz da alemã Nico pode gelar a espinha dos inocentes.

Are You Experienced? — Todas as possibilidades e impossibilidades de um novo instrumento, ou seja, **Jimi Hendrix** recria a guitarra elétrica.

Layla & Other Assorted Love Songs — Sob a alcunha (só para despistar) de **Derek & The Dominoes,** outros dois grandes guitarristas — Eric Clapton e Duane Allman — fabricam os novos blues.

The Who Sell Out — Em formato de programa de rádio, com vinhetas e propaganda, uma sátira implacável ao consumismo. De quebra, grandes canções do sr. Pete Townshend.

The Piper at the Gates of Dawn — Experimentalismo anos 60 em seu grau mais radical. Esse era o **Pink Floyd** de Syd Barrett. Sem ele, a banda teria de esperar um bom tempo para igualar tamanha obra-prima. Teriam de esperar até:

The Dark Side of the Moon — Sob o comando de Roger Waters, um tratado musical sobre a esquizofrenia, inspirado no caso Syd Barrett. É o *Sgt. Pepper's* do rock progressivo, quer dizer, rock para se ouvir esticado no sofá (de preferência, com fone de ouvido).

Led Zeppelin — A banda que quebrou todos os recordes dos Beatles sem jamais lançar um compacto em sua explosiva estréia. Começa com uma balada tradicional do folclore anglo-saxão, *Babe I'm Gonna Leave You*, ao singelo som do violão. Na sequência, cristaliza o abc do heavy metal.

Led Zeppelin IV — Parece uma coletânea nos moldes *Greatest Hits*, mas não é. O lado 1 abre com riff infernal de *Rock'n'Roll* e fecha com a quase sinfônica (da balada à pauleira) *Stairway to Heaven*, aclamada como "hino da geração hippie". É tão bom que muitos fãs, até hoje, não conseguiram virar o disco.

Sticky Fingers — Demoraram, mas apareceram. Isso porque os **Rolling Stones,** apesar de seu pontapé inicial em 63, só lançaram sua primeira obra-prima no formato LP (esta mesma) em 71. A segunda, em compensação, viria no ano seguinte:

Exile on Main Street — Dois discos e um painel completo das aspirações stonianas à mais retinta negritude. Além disso, pode salvar uma festinha mal-encaminhada.

Surf's Up — Pouco conhecido, nunca obteve no Brasil o status de clássico que goza lá fora. Mas é o testamento das preciosistas harmonias vocais dos **Beach Boys,** em uma retrospectiva madura de seus tempos de garotos de praia e prancha.

Every Picture Tells a Story — Acredite ou não, **Rod Stewart** tem no currículo um capítulo essencial para a história do rock (entre outras coisas, este é o LP que leva *Maggie Mae*). Sua rouca garganta ajuda também, e muito, em:

Truth — O guitarrista favorito dos guitarristas, **Jeff Beck,** comparece com uma superbanda — fora o rouco acima citado, Ron Wood, John Paul Jones e Jimmy Page. Este, inclusive, até hoje reivindica para si o arranjo de *Beck's Bolero*, uma das gemas presentes.

In the Court of the Crimson King — A escaldante/viajante estréia do **King Crimson,** ou mr. Robert Fripp. A faixa de abertura, *21st Century Schizoid Man*, é item obrigatório no rol das "favoritas de uma geração".

Fun House — Punk puro, safra 70, cortesia de Iggy Pop e seus **Stooges.** Não é à toa que *No Fun*, uma das faixas desse barril de dinamite, aparecia no repertório de todo show dos Sex Pistols.

The Rise and Fall of Ziggy Stardust and the Spiders from Mars — Um álbum conceitual, no qual um extraterrestre vem ser um superstar cinco antes do fim do mundo, coloca **David Bowie** no panteão do rock. Outro fundamental do ator/cantor:

Low — O primeiro da trilogia gravada em Berlim, com o auxílio de Brian Eno, este coloca Bowie na fronteira com o experimentalismo antipop. Foi tão imitado que virou o gênero batizado de "cold wave".

Never Mind the Bollocks, Here's the Sex Pistols! — "Eu sou um anticristo, eu sou um anarquista, não sei o quero mas sei como conseguir... eu quero é destruir", urrava Johnny Rotten. A raiva era *real*, e virou o Circo da Música Descartável de cabeça para baixo.

NÃO CONCORRA! ESTE É APENAS UM EXEMPLO DAS PROMOÇÕES QUE BIZZ TRARÁ A PARTIR DO NÚMERO 1

PROMOÇÃO

Mande suas fotos de shows e passe uma semana em Nova York, com tudo pago, cercado de rock por todos os lados!

Fotos Abril

Muitos dos fotógrafos de rock que hoje enfeitam as páginas das revistas especializadas começaram suas carreiras cedo, levando câmeras amadoras a shows e clicando até chegarem à perfeição.

Se você é um fotógrafo amador que gosta de documentar shows de rock, saiba que a carreira tem futuro. Saiba, também, que a revista Bizz quer conhecer seu talento. E premiá-lo!

Mande-nos suas melhores fotos de show. Elas serão avaliadas por uma equipe de especialistas. O autor da melhor foto ganhará uma viagem de uma semana em Nova York — com direito a acompanhante — onde assistirá ao show dos Rolling Stones no Madison Square Garden. Depois, visitará os locais mais quentes da noite roqueira de Manhattan. Só pedimos ao vencedor que documente fotograficamente sua viagem — mas isso não é pedir demais, é?

Escreva para

Promoção Nova York
Caixa Postal 2372
São Paulo - SP

Herbert e sua Fender Stratocaster, uma entre dez.

Foto Maurício Valladares

HERBERT VIANNA

O namoro precoce de um Paralama

Ele usa óculos. Tem uma invejável coleção deles só superada por uma segunda coleção — a favorita — que, ironicamente, ajudaria a celebrizar nacionalmente os óculos: as 10 guitarras de Herbert Vianna, dos Paralamas do Sucesso.

O caso de amor de Herbert com a guitarra começou bem cedo, quando, aos 5 anos, ele viu os Beatles na TV pela primeira vez. "O que me pegou, em primeiro lugar, foi a atitude do guitarrista", explica Herbert. É muito diferente uma guitarra de um teclado, por exemplo. Quando você vai tirar aquele acorde que vem do fundo da alma, você fica praticamente parado, se for um tecladista. Já a guitarra permite ao músico responder com mais intensidade, usando mais o corpo."

Por sorte, os pais de Herbert aprovaram este precoce namoro. Aos 10 anos, Herbert ganhou do pai seu primeiro violão e aprendeu de ouvido a tocar alguns *hits* vigentes, como *My Sweet Lord*, de George Harrison e *Amada Amante*, de Roberto Carlos. Pouco mais tarde, um carpinteiro amigo da família fez, por encomenda do pai de Herbert, uma guitarra caseira, "na verdade um verdadeiro tronco". Novamente o sr. Vianna ajudaria a alimentar a carreira do Herbert-músico quando trouxe dos EUA uma guitarra. De verdade, uma Gibson. Curiosamente, Herbert, na época com 14 anos, estava mais interessado em aprender bossa nova no violão ("Eu só ouvia Tom Jobim. Outro dia destes até pedi um autógrafo a ele") do que tocar guitarra ou rock.

Por influências de bandas que tocavam em sua quadra, em Brasília, Herbert acabou voltando ao rock. "Aí só ouvia Jeff Beck, Eric Clapton, Jimi Hendrix, John McLaughlin. Só comprava discos para ouvir o guitarrista." Quando se mudou para o Rio, aos 15 anos, Herbert não tinha amigos e ficava tardes inteiras trancado no quarto, plugando sua novíssima Gibson L6-S num amplificador Honner (obrigado, sr. Vianna). E foi aí que começou a mexer no instrumento. "Se você abrir a sua guitarra, desmontar tudo, ver como cada peça funciona, você vai entender melhor sua guitarra. Tem muita gente que acha que é só ligar o instrumento e sair tocando, mas se você mexer nela, vai poder enriquecer muito mais o seu conhecimento e a sua música."

Depois de tanto fuçar, Herbert acabou optando por uma sonoridade de guitarra mais limpa. "Eu gosto das nuances da guitarra limpa. Você vê uma guitarra heavy metal, por exemplo. Se você for comparar os sons de diferentes guitarristas heavy vai ver que o som é basicamente sempre o mesmo. Os recursos — como pedais — que eu uso são usados para preencher mais espaço, não para mudar o timbre do instrumento."

Se os guitarristas que influenciaram Herbert simbolizavam o cume da veneração da guitarra como instrumento de destaque no rock — traduzida em longos (e muitas vezes tediosos) solos —, Herbert é agora um claro exemplar do guitarrista anos 80: econômico, contido, mais preocupado com ritmo e harmonia do que com solos ou melodia. "Dois terços das músicas (dos Paralamas) não têm solo", diz Herbert. "a gente cria mais climas com paradas e ecos de repetição do que com solos. Antigamente, nos anos 60/70, o solo era considerado a parte mais importante de um rock, era o destaque da banda. Mas acontece que naquela época surgiu uma geração de guitarristas excelentes, principalmente na Inglaterra. E isso não acontece todo dia. E foi da própria Inglaterra que partiu a desmistificação do guitarrista. Surgiu o punk, com bandas que não se interessavam em tocar extremamente bem, que se preocupavam mais em passar uma idéia. Hoje em dia, ninguém mais é o destaque. O destaque é o que a banda quer dizer.

"Por isso eu digo que o Andy Summers é o Hendrix dos anos 80. A guitarra dos anos 60 teve a direção que o Hendrix deu e a guitarra dos anos 70 e 80 tem a direção que o Summers iniciou no Police: a guitarra como contracanto, fazendo cama para voz."

"Hoje em dia", continua Herbert, "não me preocupo em ser o mais rápido e acho perfeita a definição que o Jeff Beck — que pra mim é o mestre do solo — deu para o solo: o solo pega a melodia da música, leva ela pra dar uma voltinha lá fora, depois volta e devolve a melodia ao cantor. E só."

JER

FICHA TÉCNICA

GUITARRA POR GUITARRA

De suas dez guitarras, Herbert prefere duas Fender Stratocaster (uma azul, outra vermelha), da série especial The Strat. "Elas têm um corpo especial, de madeira pesada, e a eletrônica delas é toda nova."

As outras duas favoritas são Ibanez, de fabricação japonesa. "Só uso essas duas no estúdio, porque são muito complicadas para shows, têm muitos controles diferentes, enquanto outras guitarras funcionam apenas com uma chave de captadores e controles de volume e tonalidade. Essas Ibanez também são diferentes por causa do braço de 24 trastes (quando o normal são 21)."

"De uma forma geral, sempre prefiro o som Strato, aquele som do Summers e do Adrian Belew (do King Crimson)."

Strato ou não, as guitarras de Herbert — ao vivo ou em estúdio — são ligadas a um compressor DBX (que aumenta o sinal de saída da guitarra e diminui os abismos existentes entre notas mais ou menos intensas), um digital delay *Roland, mais um Ibanez HD-1500. Essa nova aquisição acumula funções de* harmonizer *e* chorus *(para "dobrar" os desenhos musicais da guitarra e dar mais ressonância a essa "dobra", respectivamente) e* pitch control.

Um pitch control *serve para alterar a tonalidade de uma ou mais notas. Assim, quando Herbert toca um acorde, ele pode, ao mesmo tempo, conseguir, do* pich control *de seu HD-1500, a terça, a quinta e a oitava de cada nota daquele acorde.*

Os pedais e as guitarras falam através de dois amplificadores Mesa Boogie (os mesmos usados por guitarristas como Keith Richards e Pete Townshend) e caixas Marshall. JER

CASIO CT 6000

Polifônico de oito vozes, com teclas sensíveis à pressão do toque, o CT 6000 é um dos mais sofisticados modelos da Casio. O instrumento possui vinte timbres pré-programados, que vão do piano ao conjunto sinfônico. Também são vinte os ritmos eletrônicos apresentados, sincronizáveis ao acompanhamento automático. O CT 6000 inclui ainda controle manual de afinação (*pitch bend*), *glissando* automático (que fornece uma seqüência de notas ascendentes a partir da última nota tocada), transpositor (que muda a tonalidade do teclado, variando de sol a fá sustenido) e memória de aproximadamente 400 notas. Terminais de entrada e saída de MIDI (*Musical Instrument Digital Interface*) possibilitam o uso do CT 6000 como teclado auxiliar de sintetizador equipado com o mesmo sistema. Entre os acessórios opcionais, há um pedal de controle de sustentação para variar a duração das notas tocadas, e um pedal de volume. O Casio CT 6000 pode ser encontrado na Dragão, rua Nova Barão 52/54, São Paulo, ao preço de Cr$ 13.692.000. Na Musicenter Importação e Exportação, no Rio de Janeiro (r. Visconde de Pirajá, 207/loja 215), o teclado sai por Cr$ 9.850.000 (maio/85).

Foto de Divulgação

SPARK SP 4000

Circuitos digitais agora integram os novos órgãos spinet da Spark. O SP 4000 apresenta no manual (teclado) superior seis registros de flautas: dois de cordas e clarinete 16', trumpete 8', oboé 8'. Há oito presets digitais: piano, guitarra havaiana, cravo, violino, banjo, acordeon, bandolim e celesta. Para o manual inferior foram reservados quatro registros e, para a pedaleira de treze notas, três. A seção de ritmo oferece opções entre vinte e quatro ritmos diferentes, que são sincronizáveis com o sistema de acompanhamento automático. Este último é equipado com memórias separadas para acordes e baixos, e permite escolha entre baixo "caminhante" (notas em seqüência ascendente ou descendente) ou baixo alternado (apenas a fundamental e a dominante do acorde). O órgão vem acompanhado de banqueta.

A Spark informa que o preço do SP 4000 é Cr$ 10.980.000 (maio/85). Outros detalhes podem ser obtidos junto à fábrica, na rua Catulo da Paixão Cearense, 549, Saúde, CEP 04145, São Paulo. No Rio, o teclado pode ser encontrado pelo mesmo preço na Musicenter.

Foto de Divulgação

TRENDSET PHILIPS

O Brasil entrou em abril no seleto clube dos países que fazem transmissões de TV em estéreo. Em um lance feito a quatro mãos, Philips e Rede Globo mostraram em São Paulo, para uma pequena e privilegiada platéia, uma transmissão em estéreo do programa Clip Clip.

A transmissão foi um dos lances da campanha agressiva de lançamento do caro e sofisticado televisor Trendset, de 20 polegadas (preço médio: Cr$ 3.000.000, maio/85). Há 61 anos operando no Brasil e com mais de cem milhões de aparelhos vendidos em todo o planeta, a antiga companhia holandesa mais uma vez faz juz ao que consideram sua característica — pode ser lenta mas, quando se movimenta, rola com o poder de um tanque de guerra.

A Philips respondeu ao lançamento de duas tevês estéreo surgidas no ano passado, da Mitsubishi e Telefunken. Por isso, a resposta parece ter vindo tarde. Na verdade, a Philips acabou se beneficiando. Até a Globo resolver transmitir em estéreo, não havia indícios de que as emissoras se preparavam para um som de melhor qualidade. Agora, os consumidores podem se sentir mais confiantes.

A novidade não é só o estéreo. O Trendset tem algumas características que o elevam à categoria do receptor de vídeo mais complexo já produzido no Brasil. Para isto, colaboram o controle remoto de 31 funções, conectores para videocassete, game ou microcomputador e saídas para fones de ouvido. Além de um amplificador estéreo de 12 watts RMS e caixas acústicas que podem ser desacopladas do aparelho.

Fotos Virgínia Fonseca

VIOLÃO ELÉTRICO DEL VECCHIO

A Del Vecchio, marca tradicional na fabricação de violões, estréia sua nova linha de modelos eletrificados para uso profissional. O violão tipo *Ovation* possui fundo abaulado construído em *accero*, uma madeira italiana. O tampo é de pinho sueco e a paleta traz novo desenho triangular. As tarraxas têm mecanismo semifechado, sendo assim mais protegidas da poeira. O recorte no corpo, logo abaixo do braço, dá livre acesso às notas mais altas da escala. Há controle de volume para o captador interno, cuja saída se situa na parte inferior do corpo. O acabamento é feito em cores claras. O preço é de Cr$ 4.000.000 (maio/85) na loja e fábrica Del Vecchio, localizadas à rua Aurora, 196, São Paulo. Informações sobre outros produtos pela Caixa Postal 611. Atenção: este modelo só pode ser encontrado em São Paulo. É exclusividade da Casa Del Vecchio.

A NOVA GUITARRA GIANNINI

Foram apresentadas na última UD as novas guitarras da linha profissional da Giannini. A AE 015C, um dos modelos dessa linha, possui diversos componentes importados, como os dois captadores tipo *humbucking* e as tarraxas Schaller. Os vinte e um trastes da escala são de alpaca. Há dois controles de volume, um para cada captador, e um controle de tonalidade. As cordas fornecidas são fabricadas pela própria Giannini. O braço de marfim contém tirante ajustável. O acabamento é *sunburst* com fundo dourado. A nova guitarra deverá estar nas lojas ainda nos próximos meses e seu preço, até agora não estipulado pela fábrica, deverá ser alto, considerando-se o número de peças importadas. Informações mais detalhadas podem ser obtidas junto à própria Giannini, no seguinte endereço: rua Carlos Weber, 184, CEP 05303 ou Caixa Postal 1205, São Paulo.

PEDALEIRA DE EFEITOS KORG

Operando tanto para guitarras como também para teclados, a pedaleira Korg PME 40X é formada por quatro módulos de efeitos: *chorus* (que cria um efeito de eco sobre a nota tocada), *delay* analógico (que atrasa o sinal emitido pelo instrumento), *phaser* (que atua deslocando a fase do sinal) e seleção de extensão. O *chorus* e o *delay* são estereofônicos, com controles de velocidade, manual e profundidade (para o *chorus*), *playback* e nível de efeito (para o delay). O phaser apresenta controles de velocidade, profundidade, manual e *feedback*. Há quatro disparadores individuais e um geral. Cada unidade de efeito pode ser fácilmente desacoplada da pedaleira para eventual substituição. Uma entrada e duas saídas (mono e estéreo) e capacidade para funcionar em corrente alternada de 110 ou 220 completam esta pedaleira, que é vendida por Cr$ 2.520.000 (maio/85) à vista na Casa Bevilacqua, rua Direita, 115, subsolo (São Paulo). A loja oferece garantia de um mês e assistência técnica da própria revendedora. Na Musicenter, Rio de Janeiro, a pedaleira tem seu preço em dólares: US$ 1.500.

GAMBITT TX-70

Começam a surgir no Brasil órgãos portáteis que incluem sintetizadores analógicos. Este recente lançamento da Gambitt, o TX-70, possui teclado de 61 notas capaz de ser dividido em partes de solo e acompanhamento. As fontes sonoras dividem-se em duas seções, polifônica e monofônica, a primeira com sete registros variáveis e seis *presets* (instrumentos pré-programados), e, a segunda, sete *presets* sintetizados e os módulos do sintetizador. Para criação de novos sons, o sintetizador conta com um oscilador (VCO), um amplificador (VCA), um filtro (VCF), um gerador envelope (ADSR) e um oscilador de baixa freqüência (LFO). O TX-70 apresenta saídas separadas para órgão e sintetizador, e afinação independente para cada um. Os acessórios opcionais incluem o *Interface MIDI*, inédito em teclados produzidos no Brasil. O preço do novo órgão portátil, segundo o fabricante, é de Cr$ 5.967.000 (maio/85). A Gambitt fica na av. José Maria de Faria, 470, CEP 05038, Lapa, São Paulo.

Os cariocas vão ter que pagar um pouquinho mais pelo seu teclado. Na Musicenter custa Cr$ 6.920.000.

Foto de Divulgação

A LINHA 1800 DA CYGNUS

Cygnus é um nome respeitado por poucos e bons conhecedores de equipamentos de som. Ao lado da também seleta Micrologic, ela tem a crème de *la crème* do áudio nacional de alta qualidade. E é dentro dessa linha que se enquadram os equipamentos da recém-lançada linha 1800, indicada pelo diretor Marcos Misiak para os "amadores entusiasmados".

A definição não é exagerada. A série agrupa equalizador de dez oitavas por canal com quatro opções para gravação (preço médio: Cr$ 1.200.000, maio/85), pré-amplificador estereofônico pronto a receber toca-discos a laser (preço médio: Cr$ 1.400.000, maio/85), duas versões de amplificador de potência (380 watts RMS ou 520 WRMS — preço médio: Cr$ 3.600.000, maio/85) e caixas acústicas, denominadas Heavy 500, para 500 watts IHF (preço médio, Cr$ 2.100.000, maio/85). Os sonofletores, segundo Misiak, foram desenhados especialmente para danceterias e contam com quatro falantes para as freqüências médias, dois para os agudos e um *woofer*, para os tons graves.

Com essa história de agrupar som e vídeo, porém, a Cygnus já sai a campo preparada para não perder o provável bonde dos casamentos de rocks. O pré-amplificador 1800, por exemplo, tem conectores específicos para videocassetes, o que pode dar um tempero fantástico nos clips.

COMPUTADOR RÍTMICO KORG

Para quem deseja se iniciar em percussão eletrônica, a KR 55B é uma bateria de ritmos pré-programados de até 96 opções diferentes. O executante tem a seu comando o volume individual de cada um dos instrumentos: bumbo, caixa, prato, chimbau, tom-tom/conga, *rim shot* (borda de caixa) sino-de-vaca/ *claves*. Outros controles que permitem variar a marcação rítmica são: *fill-in* (espécie de repique), variação de jazz (extensível a outros ritmos, com intensidade gradual), tempo e volume. O painel traseiro apresenta uma entrada para pedal de partida e parada do ritmo ou para *fill-in* e introdução, além de saída de *trigger* e seletor de sinal alto ou baixo. A Korg KR 55B custa Cr$ 2.950.000 à vista, (maio/85), na Casa Bevilacqua, rua Direita 115, subsolo. No Rio, a Musicenter vende este computador rítmico a US$ 1.500.

NOVIDADES CCE

Foto de Divulgação

A CCE já apresentou por duas vezes, nas feiras de Utilidades Domésticas em São Paulo, de 1984 e 85, sua versão de toca-discos digital. O lançamento de verdade, no entanto, parece longe e sequer transpiram boatos dos gabinetes de executivos da empresa. Mas, mesmo enquanto não divulgam a data do *début*, a companhia paulista prepara a retaguarda da operação, muito provavelmente pensando em auferir lucros com base nos aparelhos de seus concorrentes.

A primeira empreitada da companhia nesse terreno estará nas lojas a partir do próximo mês. São as caixas acústicas CL-15X, modelos para pauleiras residenciais que dissipam até 100 watts RMS (ainda sem preço estipulado pela CCE). Isso significa pouco mais de 200 watts IHF, potência média/alta para o mercado local. O novo sonofletor funciona no sistema de reflexão de graves (ou *boss-reflex*) e é municiado com dois alto-falantes de dez polegadas para reprodução de baixas freqüências, um componente para os sons médios e dois *tweeters* acolchoados com borda de espuma para agudos.

Os falantes usados pela CCE têm cones de polipropileno. Normalmente é utilizado papel. A vantagem do material sintético não era questionada a poucos anos, mas basta que cheguem as primeiras versões nacionais para a poeira começar a subir. Os defensores do polipropileno acreditam que sua elasticidade, entre outros aspectos, permite melhor reprodução por largos períodos de tempo, o que o papel envelhecido não deixaria acontecer. Os detratores, por sua vez, sugerem artificialismos, especialmente na reprodução de sons graves. O melhor, de qualquer forma, é confiar nos ouvidos. O resto é conseqüência.

O Kurzweil e outros cérebros eletrônicos

Ninguém vai negar que Stevie Wonder é um gênio. Mas, para o Oscar que ganhou com a música de *The Woman in Red* ele teve a colaboração de outro gênio, o da eletrônica. A música que fez para o filme foi toda composta com o teclado Kurzweil 250, invenção de Raymond Kurzweil, sugerida pelo próprio Wonder.

Stevie usava, há tempos, uma outra invenção de Kurzweil, que lê texto impresso para cegos (o inventor está agora criando um processador de palavras que obedece a comandos vocais). Stevie sugeriu a idéia: por que não fazer uma máquina que produzisse o som rico e profundo de instrumentos acústicos, mas com todos os efeitos dos melhores sintetizadores?

O resultado, que já está à venda nos Estados Unidos por 11 mil dólares, é o teclado 250, que quebrou a barreira entre sons naturais e sons reproduzidos. Tem incorporados 30 instrumentos acústicos, de guitarras a baterias, pode registrar qualquer som natural em sua memória e reproduz um coral perfeitamente.

Para amadores, ainda é um sonho. Mas, mesmo para quem tem ambições iniciais menores, o casamento de música simples e computadores domésticos já tem muito a oferecer.

Várias companhias americanas — como a Waveform, Electronic Arts, Mindscape, Spinmaker, Scarborough Systems, Sight & Sound — oferecem programas para computadores domésticos que permitem compor melodias na tela e tocá-las através de um alto-falante incorporado ao computador.

Para multiplicar esta capacidade, basta conectar seu computador com um sintetizador musical que tenha conexão MIDI *(musical instrument digital interface)*, e com um sistema de som em estéreo. A partir daí você pode usar coisas como os disquetes da Passport Design. É experimentar no teclado diferentes arranjos para a música gravada no disquete, designando partes para várias vozes e instrumentos.

Enquanto a música toca, suas notas aparecem coloridas na tela do terminal, como uma "partitura animada". A Sight & Sound lançou, aliás, um programa que permite, além de fazer arranjos para canções, criar seus próprios videoclips com imagens gráficas eletrônicas para acompanhar a música.

Um dos segredos é a conexão MIDI, que também permite a um tecladista acionar vários sintetizadores ao mesmo tempo, dando a concertos ao vivo aquela impressão de som "em camadas", feita nos estúdios com muitas faixas de gravação superpostas. Este mesmo efeito pode ser conseguido com *Rock'n Rhythm*, um programa da Spinmaker para Commodores-64 com disk drives ou compatíveis. O *Rock'n Rhythm* transforma o computador num verdadeiro estúdio e o teclado e o do próprio computador.

Para compor música mais complicada, acaba de surgir um programa que é um verdadeiro "processador de palavras" em relação à música: é o *Bank Street Musicwriter*, da Mindscape, para C-64 com disk drive. Além de escrever, corrigir, modular e harmonizar, este programa imprime partituras. As instruções, que incluem orientação dentro do próprio programa em andamento, são claras e simples, com uma ótima introdução à composição e notação musical. É difícil achar programa melhor para o iniciante que queira experimentar o gostinho de compor sua própria música.

FOTO UPI

Com Judy Garland, O Mágico de Oz virou filme. Agora é a vez do videojogo

A literatura faz o jogo

As produtoras de videojogos finalmente entenderam: ninguém suportava mais a infantilidade dos jogos em que a única coisa a fazer é atirar contra foguetes espaciais, explodir planetas ou ajudar sapinhos a atravessarem rios cheios de crocodilos eletrônicos.

Uma idéia simples e genial está dando origem a vários videojogos que, além de agilidade, exigem inteligência e perspicácia. São videojogos baseados em livros de sucesso. Para alguns críticos, são mais que videojogos: apontam para uma nova forma de literatura, a "ficção interativa".

"Interativa" porque o jogador, em vez de ser mero leitor, se torna um ator. Toma decisões e escolhe caminhos, enquanto acompanha aventuras baseadas em livros como *Fahrenheit 451*, de Ray Bradbury, *Rendez-Vous With Rama*, de Arthur C. Clarke, *Robots of Dawn*, de Isaac Asimov.

A maioria dos novos videojogos literários é inspirada em autores de ficção científica, mas a nova idéia será sem dúvida aplicada também a outros gêneros de romances. Arthur C. Clarke (o autor de *2001*, que já previa esta literatura eletrônica há 20 anos) está entusiasmado.

— Escrevi um final totalmente novo para a versão em videojogo de *Rama*. A missão do "leitor" é explorar uma nave espacial alienígena, com 20 quilômetros de comprimentos, e descobrir de onde veio, o que veio fazer.

Em Fahrenheit 451, também lançado pela Trillium americana, o problema é redescobrir a literatura e salvar a cultura mundial, numa Nova York futura em que os livros são proibidos, como no livro e no filme do mesmo nome.

Há uma expedição e um tesouro em jóias perdidos na selva de *Amazon*, um jogo escrito pelo romancista Michael Crichton, talvez a primeira obra inteiramente original desta nova literatura interativa.

Byron Preiss, que produziu a maioria dos jogos da Trillium, já tem pedidos de vários outros livros adaptados, e de obras originais.

— Os autores ficaram fascinados com a idéia de livros que dialogam com o leitor, movimentam-se, tocam música, reagem.

Para o público mais jovem, a Trillium está lançando a mesma idéia em adaptação de livros mais simples, como *O Mágico de Oz*, *Robin Hood*, *A Ilha do Tesouro*.

(Todos estes jogos, lançados recentemente nos Estados Unidos, podem ser usados em computadores Apple II, Comodore 64 com disk drive ou modelos compatíveis.)

Editora Abril

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretores: Roberto Civita, Edgard de Silvio Faria, Thomaz Souto Corrêa, Angelo Rossi, José Augusto P. Moreira, Roger Karman, Placido Loriggio, Ricardo A. Fischer

Diretor-Gerente: Angelo Rossi
Diretor Geral: Carlos Arruda

REDAÇÃO

Chefe de Redação: José Eduardo Mendonça
Secretário de Redação: Roberto Wagner Pereira Perucci
Repórter: Luísa de Oliveira
Arte: Cristina Canabrava Arruda (chefe de arte), Rodolfo Tucci (chefe de paginação), Cleber V. Garcia (diagramador)
Produtor de Texto: Jorge Toth
Consultores Especiais: José Augusto Lemos, José Emílio Rondeau
Assistente de Promoções: Sônia Maia
Colaboradores: Leopoldo Rey, Marcos Smirkoff, Maurício Bonas, Orlando Fassoni, Pepe Escobar, Willi Verdaguer (texto); Claudia Dantas, Claudio Edinger, Luciana de Francesco, Mauricio Valladares, Rui Mendes, Virginia Fonseca (fotos)
Correspondentes: Marcos Antonio Menezes (N.Y.); Silvano Michelino (Paris)

SERVIÇOS EDITORIAIS

Abril Press: João Carlos Geroldo (gerente) — Escritórios: **Milão:** Laura Censi (chefe), International Business Centre, Corso Europa, 12, Phone: 02-54-56331 e 54-56212-20122, Milano, Telex 331585 e 332809 — **Nova York:** Odilo Licetti (chefe), Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165, Telex: 237670, Phone: (212) 5990-5993 — **Paris:** Pedro de Souza (chefe), 33, Av. Champs Elysées, 2º Bureaux 213 Bis 214, Paris 74008, Phone: 225-5865, Telex: ABRILPA 660737

Departamento de Documentação: Acta Rojas Barreto (gerente)

Serviços Fotográficos: Pedro Martinelli (gerente)

Diretor de Propaganda e Promoções: Carlos Arruda
Gerente Comercial: Sandra Camelier

Gerente de Publicidade-Brasil: Carlos Alberto F. de Araujo
Gerente de Publicidade-São Paulo: Armando de Arruda Sampaio
Contatos: Ricardo Corte Real, Marcia A. de Andrade (S.P.), Raimundo Maia (Rio)
Coordenação de Publicidade: Rosangela Garcia de Souza Lima
Rio: Getulio T. Batista (gerente)
Belo Horizonte: Valter Cruz Gonçalves (supervisor)
Brasília: Luiz Edgard P. Tostes
Curitiba: Angelo Costi
Florianópolis: Geraldo Nilson Azevedo
Fortaleza: Roseli M. Pereira da Silva
Porto Alegre: Elcenho Engel
Recife: Geraldo Amaro Rodrigues
Salvador: Fernando Loureiro
Gerente de Anuncios para Terceiros: Vitorio Cestarci Filho

Diretor Editorial Adjunto: Alberto Dines

Diretor de Marketing Publicitário: Julio Cosi Jr.
Diretor Escritório Rio: Sebastião Martins
Diretor Escritório Brasília: Luiz Edgard P. Tostes
Diretor Administrativo: Pedro Frazão
Diretora de Pesquisa e Análise de Mercado: Sonia Novinsky

Diretora Responsavel: Liege de Lima Dória Castelli

BIZZ é uma publicação da Editora Abril S.A. **Redação, Publicidade, Administração e Correspondência:** rua Geraldo Flausino Gomes, 61, Brooklin, tel.: 545-8122, caixa postal 2372, telegramas EDABRIL, telex (011) 23227, 23322 e 24134. **Escritórios: Belo Horizonte:** rua Aimorés, 388, 2º andar, salas 201 a 208, tel.: (031) 224-4855, telex: (031) 1085, telegramas: Abril Press. **Brasília:** SCS, Edifício Central, 10º, 12º e 13º andares, tel.: (061) 224-9150, telex: (061) 1464, telegramas: Abril Press. **Curitiba:** rua Fernandes de Barros, 491, 1º andar, tel.: (041) 202-8833, telex: (041) 5278, telegramas: Abril Press. **Florianópolis:** rua Osmar Cunha, 15, 2º andar, cj. 214, bloco A, tel.: (0482) 22-7826, telegramas: Abril Press. **Porto Alegre:** rua General Caldwell, 670 e 678, tel.: (0512) 33-2899, telex: (051) 1092, telegramas: Abril Press. **Recife:** av. Dantas Barreto, 1186, Edifício San Rafael - conj. 903/904, tel.: (081) 224-0977, telex: (081) 1184, telegramas: Abril Press. **Rio de Janeiro:** rua da Passagem, 123, 8º ao 11º andares, Botafogo, tel.: (021) 295-5262, telex: (021) 22674, caixa postal 2372. **Salvador:** rua Itaburu, 304, tel.: (071) 247-3999, telex: (071) 1180, telegramas: Abril Press. **Distribuidor, Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Ltda., Quinta Pau Varais — Azinhaga dos Fetais, 2685 — Camarate — Lisboa.

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

Foto Luisinho Coruja

Ian Curtis em sua única apresentação na TV inglesa. Cortesia Carbono 14

Há cinco anos, a perda de um poeta

Manchester, Inglaterra, 18 de maio de 1980. Aos 23 anos, um dos maiores poetas do rock — Ian Curtis, vocalista e letrista do Joy Division — desliga a TV. Acabara de assistir *Stroszek*, filme de seu cineasta predileto, o alemão Werner Herzog. Sobe até o quarto e enforca-se com os lençóis.

Joy Division, ou "Divisão da Alegria", era o nome reservado à ala das prostitutas nos campos de concentração nazistas. Na avalanche de bandas formadas sob estímulo direto dos Sex Pistols, Joy Division foi um corte incicatrizável.

Começaram em 77, como uma banda de puro punk, muito parecida (ficou registrada em um pirata) com os Buzzcocks, também de Manchester. O nome, Warsaw — ou Varsóvia —, tirado de um lúgubre instrumental de *Low*, primeiro LP da trilogia gravada por Bowie em Berlim.

A troca de nome, um ano depois, traz uma profunda metamorfose. O ritmo desacelera, as frases de guitarra adotam uma circularidade claustrofóbica e o baixo sobressai como o instrumento mais melódico. É o quase heavy metal, pesado mas entorpecido, que está no primeiro LP — *Unknown Pleasures* (79) — e faz o crítico Stephen Grant dizer: "O Joy Division está para o heavy metal como a antimatéria está para a matéria".

A nova identidade fica completa na voz de Ian — assumindo um tom mais grave, descendente direto de Jim Morrison, em perpétua oscilação entre a descrença e a fé. As letras, então, ampliam para um painel desesperador. Uma obsessão com o passar do tempo, o fim da adolescência e a corrupção de todas suas promessas. Acrescidas de sintetizadores pelo produtor Martin Hannett,

Em um Lugar Solitário
(In a Lonely Place)

Acariciando o mármore e a laje
Amor em especial por alguém
O desperdício na febre que aqueci
Como eu queria que você estivesse
aqui comigo agora

Corpo que se encolhe e esconde
Arcos que trazem freqüentes delícias
Quente como um cachorro ao redor dos pés
Como eu queria que você estivesse
aqui comigo agora

O carrasco olha para os lados enquanto espera
Na forca, a corda se estica e então quebra
Um dia nós morreremos em seus sonhos
Como eu queria que estivéssemos
aqui com você agora

Uma das últimas letras escritas por Ian Curtis, In a Lonely Place não chegou a ser gravada em sua voz. A canção está no lado B do compacto Ceremony, o primeiro lançamento do New Order.

em *Closer* — o segundo LP, lançado pouco depois do suicídio de Curtis —, estas letras apontam para a solidão e para a morte em tom de celebração religiosa. Hannet chegou a construir uma redoma de gesso no estúdio, para obter a sonoridade de uma capela. E a capa traz uma Paixão de Cristo em estilo gótico.

Com sua morte, Ian Curtis virou instantaneamente objeto de culto, como indicam as dezenas de discos piratas da banda. E o Joy Division, antes adorado apenas por um fanático mas pequeno séquito, fez a fortuna da Factory, a gravadora independente de Manchester. O resto da banda segue — acrescido da tecladista Gillian Gilbert — com o nome de New Order. Exorcizam o fantasma de seu poeta partindo para um melancólico porém dançante pop eletrônico. Com o guitarrista Bernard Sumner nos vocais, estão já no terceiro LP, *Low Life*. Melhor que ninguém, sabiam que não poderia haver Joy Division sem a poesia em transe de Ian Curtis.

Foto Fernando Seixas-Abril

Roberto Medina

A hora e a vez do coreto eletrônico

"Durante dez dias de música e magia, quase um milhão e meio de jovens vindos de toda a parte tiveram ali sua assembléia, sua praça, seu templo, seu lugar"

Durante uma certa época, foi moda no Brasil construir estádios faraônicos em cidades carentes de quase tudo. Muitos deles não conseguiram jamais lotar completamente. Enquanto isso, o outro grande pólo da criatividade brasileira, a música popular, tem que se contentar até hoje com locais improvisados, sem um mínimo de infra-estrutura técnica e de condições acústicas para se expressar na plenitude.

Por experiência própria posso dizer que, quase tão difícil quanto trazer Frank Sinatra ao Brasil, foi equipar o Maracanã para um espetáculo digno do artista e das 140 mil pessoas que lá foram.

Foi por isso que, antes de sonhar com o Rock in Rio, eu tive que sonhar com a Cidade do Rock. Sem ela, jamais teria acontecido o maior show da história.

Um show que não foi só de música, mas também de paz, organização, profissionalismo. Construída em apenas cinco meses, sem um centavo pedido aos cofres públicos, a Cidade do Rock ergueu-se do nada para se tornar atração comentada no mundo inteiro. E depois ser destruída da maneira que se sabe. Mas uma coisa nenhuma prepotência ou mesquinharia pode destruir: o exemplo. Durante dez dias de música e magia, quase um milhão e meio de jovens vindos de toda a parte tiveram ali sua assembléia, sua praça, seu templo, seu lugar. E ali deram sua resposta à intolerância, ao preconceito e à incompreensão. Ao invés da baderna temida, uma inesquecível demonstração de ordem e paz. Em lugar da alucinação coletiva, uma comovente fraternização de pessoas unidas pela sensibilidade.

O exemplo não pode se perder. É preciso, é absolutamente preciso, que os jovens de todo o país mantenham viva esta chama e se mobilizem para exigir de seus governadores, de seus prefeitos, a abertura de um espaço para a música em cada comunidade. Ou melhor ainda, a reconquista de um espaço para a música, que esteja para a tecnologia e as exigências de hoje como estava o coreto para as cidadezinhas do passado. É importante lembrar que não havia cidade sem a praça da igreja. E não havia praça da igreja sem o coreto da banda.

Veio a explosão populacional, a concentração urbana, a megalópole. Veio a revolução da eletrônica. Estamos menos ingênuos, mais sofisticados, mas não ficamos mais sábios. Desaprendemos muito em matéria de convivência, de solidariedade, de comunhão em torno das mesmas emoções. Ficamos mais solitários. E é a solidão que traz a insegurança, a tristeza, a vontade de se atordoar por qualquer meio.

Construir um espaço para a música é criar um ponto de convergência para a juventude. É criar uma ponte sobre a solidão e afastar os fantasmas que sempre a acompanham.

Um novo Brasil está começando agora. Que nele se multipliquem os coretos eletrônicos.

hollywood

O sucesso